



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

**Formação de professores para a educação
especial**
Motivações, expectativas e impacto profissional
(Volume de anexos)

João Adelino Matias Lopes dos Santos

Tese para obtenção do Grau de Doutor em
Educação
(3º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor David Rodrigues
Coorientador: Prof.^a Doutora Maria Luísa Branco

Covilhã, maio de 2015

Nota prévia

Este volume contém os anexos referentes à tese em educação “Formação de professores para a educação especial: motivações, expectativas e impacto profissional”, de João Adelino Matias Lopes dos Santos, sob a orientação do Prof. Doutor David Rodrigues e a coorientação da Prof.^a Doutora Maria Luísa Branco.

Deste volume constam os guiões de entrevista e de grupo focal e as respetivas transcrições, bem como o texto modelo remetido aos coordenadores dos cursos de formação de professores para a educação especial, designadamente, cursos de formação especializada e de mestrado, de diversas instituições de ensino superior. Nos textos das transcrições foram retiradas quaisquer referências identificativas de pessoas e instituições, assim como menções a datas, salvaguardando-se, deste modo, o anonimato e a confidencialidade na recolha, no tratamento e na divulgação das informações. Para tal, a data de nascimento dos participantes foi transformada em anos correspondentes à idade registada na altura da primeira fase das entrevistas e aquando da realização do grupo focal.

Índice

Anexo I - Guião de entrevista.....	1
Anexo II - Guião do grupo focal	3
Anexo III - Transcrição das entrevistas.....	5
Anexo IV - Transcrição do grupo focal	145
Anexo V - Documento enviado aos coordenadores dos cursos	167

Anexo I - Guião de entrevista



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia e Educação

Doutoramento em Educação

O presente trabalho insere-se no âmbito do Doutoramento em Educação centrado nas expectativas dos docentes face à formação de professores para a educação especial.

Pretendemos com a investigação corresponder a dois objetivos gerais: identificar as motivações dos docentes para a frequência de formação de professores para a educação especial e para o exercício de funções neste grupo de recrutamento; analisar as expectativas dos docentes face à formação de professores para a educação especial; contribuir com propostas para a melhoria do processo de formação de professores para a educação especial.

Para tal, definimos como metodologia o recurso a entrevistas aplicáveis a docentes que estão a iniciar um processo de formação de professores para a educação especial. As entrevistas decorrerão em dois momentos distintos, no início e no final da formação.

Código da entrevista: _____

Identificação

Data de nascimento: ____/____/_____

Sexo: masculino [] feminino []

Habilitações

Grau académico mais elevado: _____

Formação inicial: _____

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho:

Professor do quadro de agrupamento/escola não agrupada []

Professor do quadro de zona pedagógica []

Professor contratado []

Tempo de serviço global em ensino: _____ anos

Experiência de trabalho com alunos com necessidades educativas especiais:

Não []

Sim [] _____ anos

Guião de entrevista

1.ª Fase da entrevista

Nos últimos anos, sobretudo a partir de 2006, com a criação do grupo de recrutamento de educação especial (Decreto-Lei n.º 27/2006, de 10 de fevereiro) temos verificado um crescente movimento de oferta formativa na área da educação especial, bem como uma grande procura por esta formação. Quais os motivos que o(a) levaram a querer frequentar formação especializada em educação especial?

Posteriormente, se tivesse oportunidade, concorreria ao grupo de educação especial? Em que circunstâncias (*pé de igualdade com o grupo de formação inicial, motivos, contextos, etc...*)?

No início deste processo formativo, quais são as expectativas que possui face à formação de professores para a educação especial? (*Conteúdos, saberes, conhecimentos; metodologias, métodos de intervenção; atitudes, valores, saber ser; experiências a vivenciar...*)

2.ª Fase da entrevista

Após a frequência da formação de professores para a educação especial, qual é o balanço que faz, tendo como referência as expectativas que tinha inicialmente? (*Conteúdos, saberes, conhecimentos; metodologias; métodos específicos de intervenção; atitudes, valores, saber ser...*)

Qual o impacto desta formação de professores para a educação especial para a sua atividade enquanto docente? Pode dar exemplos?

Nesta fase final do processo de formação de professores para a educação especial, como caracteriza a formação recebida face à prática letiva nesta modalidade educativa? (*Grau de preparação para a prática letiva; aspetos mais e menos positivos; mudanças de conceções e de prática letiva...*)

Com base nesta experiência formativa e nos conhecimentos adquiridos, que opinião tem relativamente ao processo (modelo) de formação de professores para a educação especial? (*Aspetos positivos; aspetos menos positivos...*)

Que sugestões propõe para a eventual melhoria da formação de professores para a educação especial?

Presentemente, se tivesse oportunidade, concorreria ao grupo de educação especial? Porquê?

Anexo II - Guião do grupo focal



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia e Educação

Doutoramento em Educação

O presente trabalho insere-se no âmbito do Doutoramento em Educação centrado na perspetiva dos docentes face à formação de professores para a educação especial.

Pretendemos com a investigação corresponder a três objetivos gerais: analisar o impacto da formação de professores para a educação especial na atividade docente; averiguar a adequação da componente prática da formação especializada à atividade docente em educação especial; contribuir com propostas para a melhoria do processo de formação de professores para a educação especial. Estes tópicos decorrem da necessidade que sentimos em aprofundar algumas questões emergentes dos resultados de entrevistas realizadas a docentes em processo de formação de professores para a educação especial.

Para tal, definimos como metodologia o recurso ao grupo focal constituído por docentes de educação especial em exercício efetivo de funções nesta modalidade educativa.

Código de identificação no grupo focal: _____

Identificação

Data de nascimento: ____/____/_____

Sexo: masculino [] feminino []

Habilitações

Habilitação profissional inicial: _____

Habilitação académica atual: _____

Ano de conclusão da formação especializada: _____

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho:

Professor do quadro de agrupamento/escola não agrupada []

Professor do quadro de zona pedagógica []

Professor contratado []

Tempo de serviço global em ensino: _____ anos

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada: _____ anos

Tempo de serviço em educação especial após a formação especializada: _____ anos

Guião de grupo focal

Os resultados das entrevistas realizadas a docentes que frequentaram o processo de formação de professores para a educação especial levantaram alguns tópicos que necessitam de algum aprofundamento. Nesse sentido, tendo em conta a experiência profissional e formativa, qual é a vossa perspetiva sobre o impacto da formação de professores para a educação especial na atividade docente nesta modalidade educativa?

Um dos tópicos referidos pelos docentes que frequentaram o processo de formação de professores para a educação especial aquando das entrevistas relaciona-se com a ausência ou fraca componente prática durante a formação, sendo esta marcadamente teórica. Qual é a adequação dos cursos frequentados de formação de professores para a educação especial à prática docente em educação especial?

Com base na experiência profissional e da formação recebida, que sugestões apresentam para a eventual melhoria da formação de professores para a educação especial?

Anexo III - Transcrição das entrevistas

Código da entrevista: EA1

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (41 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: Licenciatura em ensino de inglês e alemão.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professora contratada.

Tempo de serviço global em ensino: 19 anos completos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Frequentemente.

Relativamente às motivações, como sabe, foi criado em 2006 o grupo de recrutamento de educação especial e a partir daí, sobretudo a partir daí, houve muita oferta formativa na área da educação especial, mas também muita procura dessa formação por parte dos professores. Quais foram os motivos ou as motivações que a levaram a frequentar esta formação?

O que me levou a procurar fazer agora esta formação, esta pós-graduação, pronto, foi o facto, de facto, de encontrar sempre, ao longo do meu percurso como professora, encontrar sempre alunos com dificuldades educativas especiais e, também, para ser franca, também toda esta situação em que nos encontramos, toda esta instabilidade, toda esta dificuldade, esta falta de professores em determinadas áreas. Pronto, é, no fundo, juntar o útil ao agradável, tentar combinar os dois.

Posteriormente, se tiver oportunidade de concorrer à educação especial, fá-lo-á? Em que circunstâncias?

Ai, com certeza. Com certeza.

Se tiver em igualdade de circunstâncias inglês e alemão e educação especial por qual optará?

Acho difícil chegar a esse ponto de estar em igualdade de circunstâncias mas pondo o caso, partindo desse pressuposto... Eh... Eu, neste momento, pronto, na altura não sei se vou pensar igual, se calhar quando nos voltarmos a ver já penso diferente, mas neste momento, se calhar, optaria pela minha formação base. Tenho de ser sincera, porque eu tirei, sinto-me mais confortável, tirei a minha formação base, era mesmo aquilo que eu queria, que eu queria fazer. Isto também é, mas está a servir de complemento. Se eu pudesse, se calhar optaria pela primeira opção. Mas, é como eu digo, da próxima vez que falarmos logo veremos se eu mantenho isto que estou a dizer.

Relativamente às expectativas quanto a esta formação, no início da formação que expectativas é que tinha relativamente aos conteúdos, às metodologias, às atitudes, às experiências a vivenciar? No funo, o que é que esperava ou o que é que espera desta formação?

Eu esperava... É assim, eu a nível de conteúdos, de metodologias, etc, pronto, sabia aquilo que tinha pesquisado, que tinha procurado. Esperava que me preparasse para o que iremos encontrar nas escolas. Está a ser, está a corresponder, dentro das minhas expectativas, está a corresponder. É claro que, pronto, é uma formação curta, reduzida, mas estou a gostar.

Mas espera sair daqui com um conjunto de conhecimentos, de saberes para depois aplicar na prática? Que sirvam de base de pois, eventualmente?

Espero que sim, não é? Claro que, depois, é óbvio, a pessoa forma-se em campo, a trabalhar. Quase como se costuma dizer, a pessoa aprende a conduzir na estrada. É claro que espero sair daqui com as ferramentas iniciais para a minha rampa de lançamento.

Passa por um conjunto de conhecimentos e de metodologias para intervir junto desses alunos?

Sim, mas eu sei que não vai dar para... muito conhecimento que nós formamos é feito por nós. Nós vamos formando o nosso conhecimento. Mas, à partida, não irá, não nos irá capacitar de tudo o que nós precisamos, tanto mais não seja porque estamos a falar de seis meses de formação. Mas, com certeza, vai-nos dar as bases, vai despertar o interesse, vai-nos dar aquilo que nós precisamos para depois fazermos o resto.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente à formação que recebeu, correspondeu às expectativas que tinha inicialmente, quer em termos, por exemplo, de conteúdos abordados; metodologias, saber fazer; os conceitos de inclusão, educação inclusiva? Qual é a sua opinião, o balanço que faz desta formação?

Correspondeu porque, desde o início até aqui, nós, nós eu, fui adquirindo, fui assimilando diversos conceitos, como disse, sobre a inclusão e a perspectiva das NEE, e, pronto, toda essa abordagem que se pode fazer associada. E de facto correspondeu, sim. É uma formação muito rápida, limitada no tempo. É óbvio que saímos daqui mas ainda há muito para fazer e muito para aprender, e é na estrada que vamos aprender, na estrada, no caminho que vamos percorrer que vamos aprendendo. Mas, tendo em conta as expectativas iniciais, penso que sim. Não ficou aquém. Pelo contrário.

Esta formação, como é que a caracteriza relativamente ao grau de preparação para a prática letiva, mudanças de conceção e de práticas letivas, teve implicações? Pensa que está preparada para poder desempenhar função de professor, professora, neste caso, de educação especial?

Preparada?! Eu acho que preparada, na altura é que vamos poder dizer, não é? É assim, teoricamente, supostamente, sim. Mas uma coisa é certa, depois em campo é que vão surgir as dificuldades. Teoricamente e supostamente, estarei preparada, mas convenhamos que estamos a falar de seis meses. Nem um ano se calhar nos prepararia, dependendo do que nos vai aparecer pela frente. Mas o caminho faz-se... faz-se fazendo, faz-se percorrendo, faz-se avançando e aprendendo e... Pronto.

Relativamente ao processo, ao modelo de formação de professores de educação especial, que é pós-formação inicial e que corresponde basicamente a uma pós-graduação, qual é a sua opinião acerca deste modelo? Concorda com ele? Quais são os aspetos positivos, eventualmente, que vê ou os aspetos que poderiam ser melhorados?

Desculpe, em relação ao modelo de...?

Ao modelo de formação de professores de educação especial? Para o grupo de recrutamento teve a formação inicial, a licenciatura. E, agora, para a qualificação em educação especial teve de fazer uma pós-formação inicial.

Exato, exato, exato!

O modelo é esse, pós-formação inicial. Concorda com este modelo? Qual é a sua opinião acerca deste modelo? Poderia haver um modelo diferente? Sugestões que possa apresentar para melhorar, eventualmente, o modelo existente?

[Hesitação] Estar... Quando temos que refletir sobre um modelo sem termos outro modelo como termo de comparação é complicado, não é? É... Há sugestões que se podem sempre fazer.

Quais são as sugestões que, então, proporia para melhorar a formação dos professores de educação especial?

Eh... por exemplo, ter uma componente prática mais forte, mais incisiva, porque depois em campo o que se nos vai deparar, as dificuldades, é como construir corretamente um PEI, que saber interpretar corretamente a CIF, que nós abordamos mas, é assim, eh... dentro do tempo que temos, da carga horária que existe, eh... depois vamos ter que nos desenrascar, como é óbvio, não é? Mas a componente prática seria, que temos, mas, pronto, atendendo à carga horária, eu compreendo que não seja possível maior componente prática. Isso eu acho que era bastante importante. Outra coisa que eu também acho muito pertinente, seria, de facto, termos mais, ser-nos dados mais umas luzes, mais uns conceitos, uma abordagem maior à forma como, por exemplo... à investigação científica, como fazer, como proceder, porque isso foi uma coisa que foi suscitando em nós, ou na maioria de todos nós, a não ser quem já tenha feito mestrados, já domine bem a área, que não é o meu caso. Se calhar a maioria de nós não domina a área. O saber fazer a referenciação, o como fazer, o que tem de fazer, como escolher o método, como caracterizar a amostra. Isso para mim era tudo chinês há uns tempos atrás. Quando eu tive que analisar os resultados, fazer a discussão dos resultados foi complicado. Entretanto, pronto, peguei no Freixo, li e reli e consultei e analisei... e lá consegui. E acho que fiz um trabalho, pronto, bastante satisfatório nesse campo. Pelo menos é o feedback que me foi dado. Mas é complicado. Eu acho que esse era um aspeto. Se depois... se este curso exige no final uma apresentação de um trabalho de um projeto, essa parte da metodologia de investigação, de mexer nos dados, assim... era muito importante se pudesse haver um bocadinho mais de trabalho nesse campo, também. Porque também somos avaliados por isso. São oito créditos, não é? Pronto. Portanto, seria isso, a parte prática de facto faz muita falta, e que temos, mas, pronto, não é assim muito incisiva, não é? E...

E a duração? Seis meses, é suficiente?

Não é suficiente. Tenho que ser sincera. Contra mim falo. Não é suficiente mas, para nós, é o ideal porque uma pessoa está a remar contra a maré e contra o tempo. Portanto, não se pode ter tudo. E aqui optou-se e eu, se pudesse optar, é claro, se pudesse não, eu pude optar, podia ir para um sítio e fazia num ano ou em meio ano. Eu optei por vir para cá. Mas... andamos todos cansados, saturados, stressados porque fazer uma coisa de um ano em meio

ano, quando nos é exigido exatamente o mesmo, é de loucos, é de loucos, uma sobrecarga de trabalhos tremenda. Mas tudo se faz.

Então, presentemente, se tiver a oportunidade de concorrer para educação especial fá-lo-á? Em que circunstâncias?

Eu lembro-me da minha resposta. Eu disse que naquele momento se pudesse escolher escolhia para o meu grupo de recrutamento. Eh... Pronto. Eu, entretanto, mais ou menos a meio do curso, foi passado um mesito, mais ou menos, de ter vindo cá, comecei a ver isto de uma outra perspectiva, parece que se fez assim luz de repente, e... Entretanto, até agora, vou começar com um projeto em mãos que vai precisamente ao encontro de ir trabalhar com crianças na junta de freguesia onde eu vivo. Há um grupo muito grande de escola que tem dificuldades. Então, eu apresentei um projeto à junta e foi aprovado. E é precisamente para arranjarmos, criarmos um centro especializado, um centro especializado de apoio para ajudar essas crianças de alguma forma. Por isso, está a ver, a minha resposta é precisamente o oposto da outra. É.

Já fruto, então, da formação recebida?

Claro. E depois, entretanto, também aprendemos a fazer determinados materiais em tecnologias de apoio, em sistemas de apoio à comunicação, e, pronto, isso tudo foi despertando em mim um interesse que eu pensei, sinceramente, que não ia acontecer, pelo menos não com esta... vá, com esta vontade toda. Por isso, agora optaria, obviamente, por educação especial Era. Era.

Código da entrevista: EA2

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (41 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: Ciências históricas, ramo educacional. Primeiro tirei o científico e depois o educacional.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professora contratada.

Tempo de serviço global em ensino: 13 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Já, já.

Como sabe, em 2006, foi criado o grupo de recrutamento de educação especial. A partir daí as instituições de ensino superior proporcionaram muita formação assim como também houve muita procura, e tem havido procura, dessa formação em educação especial por parte dos professores. Quais são os motivos que a levaram a inscrever-se nesta formação e a frequentar esta formação em educação especial?

Uma luz ao fundo do túnel. Mas agora deparo-me com um dilema muito grande... que é a preocupação... estou a ficar demasiado envolvida com isto.

Isso é bom?

Não sei. Uma das primeiras ideias de uma das professoras é que nós temos que marcar a distância e eu não estou a conseguir. Se calhar é por ser início, e espero bem que sim, porque estou a ficar mesmo demasiado... Mexe com a essência. Mas a primeira ideia foi uma possível saída para o ensino, profissional. Basicamente, foi isso.

Posteriormente, se tiver oportunidade de concorrer para a educação especial, concorre? Em que circunstâncias? Em que contextos?

Concorro, sem dúvida. Como assim, não estou a entender?

Mas se tiver em igualdade de circunstâncias história e educação especial?

910. 910. Sim.

Relativamente às expectativas quanto à formação, quando se inscreveu ou no início desta formação, quais eram as expectativas que tinha relativamente a esta formação? O que é que esperava desta formação em termos de conteúdos, de metodologias, de experiências?

Que estivesse, que tivesse ferramentas para lidar com estes meninos porque ao longo destes anos deparei-me com... não sabia, não sei lidar com estas especificidades, de todo, não estou preparada. Esforcei-me. Tive um trissomia 21, um paralisia cerebral e não sabia, de todo. Tentei ajuda mas também, de facto, não foi muito... não houve uma recetividade. Portanto,

limitei-me ao que eu pesquisei mas que não era nada, não era nada, comparado com o que sei hoje.

Quando fala em ferramentas, refere-se aos conhecimentos?

Métodos, métodos.

Métodos?

Eu acho que mais do que a teoria é a prática. E à medida que avanço no curso vejo mesmo isso. É fundamental, é importante sabermos quem é que criou, mas mais do que isso é sabermos os PIT's, a CIF e tal. É muito importante saber isso.

E experiências com alunos, experiências em contexto, pensa que seria interessante ou importante ter essas experiências, para além da componente teórica? Penso que é uma lacuna não haver uma componente prática?

Uma espécie de estágio! Sim, sim.

Estágio?

Sim, sim, sim. Acho muito importante.

Análise de casos concretos?

Mas nós tentamos... Eu penso que é nessa linha que estamos a levar as aulas, para questões mais práticas, estudos de caso e tal. Aliás, no inquérito que nós fizemos no início sugeri isso mesmo, uma questão prática. Mas acho que é muito importante.

É importante ter contacto com experiências reais?

Sim, sim, é fundamental. Pelo pouco que tenho conhecimento disto, é a base, eu entendo que é a base, porque nós... Em qualquer curso, e nós vamos para a faculdade é a teoria, depois na prática a maior parte das vezes a teoria perde-se. E isto, acho que é fundamental. E cada vez mais. E eu agora tenho essa experiência porque estou no secundário. Ao longo destes anos todos só apanhei um 10.º, e este tenho 11.º e 12.º. Aliás, uma das sugestões que eu propus para o projeto era mesmo isso. Tendo em atenção que há a escolaridade obrigatória, estes meninos daqui a alguns tempos estão no secundário. É o que eu entendo. E depois? Eu vejo lá os colegas, e ouço e converso e eles não sabem o que é que vão fazer, e era interessante ver isso, em termos de secundário como é que as coisas se processam. Acho que a prática é fundamental nisto.

2.º Fase

Relativamente à frequência da formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz, agora que está a terminar, relativamente às expectativas que tinha inicialmente a nível de metodologias, o saber fazer; a nível de atitudes, eventualmente; de conteúdos?

Estou um bocadinho defraudada, porque... talvez pelo facto do tempo ser curto. Mas no início estava com outras expectativas. Agora vejo que muita coisa... acho que, em questões práticas, o curso falhou muito pelas questões práticas e este curso é sobretudo prático. Portanto, o balanço não é tanto quanto eu desejava.

Então, pensa que deveria ter mais uma componente prática?

Sim, sim, sim, sem dúvida.

O saber fazer?

O saber fazer, sem dúvida!

Qual é o impacto que esta formação vai ter, tem ou terá na sua atividade enquanto professora?

Não faço a mínima. Não sei. Isso também é outra, outra expectativa que eu tinha. Que eu de início pensei sinceramente que teria uma possível colocação. Hoje, não sei. E isto porque... tem a ver com a parte mais prática do curso, porque o que eu ouço relativamente a outras instituições não sei se... se... o produto final será uma colocação.

Mas sente-se preparada para exercer funções em educação especial, neste momento em que está a concluir a formação?

Preparada, não. Não. Acho que não. Acho que precisávamos ainda muito mais. Tenho umas luzes, umas ideias, claro. De todo eram as que tinha no início. Mas preparada, não sei, acho que não, acho que precisava ainda de muito mais para estar mais preparada.

Relativamente, agora, ao modelo de formação de professores de educação especial, como sabe, no vosso caso, têm uma formação inicial depois acrescida desta especialização...

Sim, sim.

... que confere a qualificação para a educação especial. Nesta fase do processo formativo, concorda com este modelo? Qual é a sua formação acerca deste modelo? Quais os aspetos positivos, os aspetos negativos? Poderia ser um modelo diferente?

Poderia ser um modelo base. À medida que se fazia a licenciatura teria esta componente. Isso sim. Acho que devia ser por aí.

Estas áreas abordadas...

Sim,

... deveriam estar integradas na formação inicial?

Sim, sim.

Então, como veria depois a formação dos professores de educação especial, partindo desse modelo?

Pois... Se calhar mais... uma formação mais específica. Se calhar por aí. Mas... Sou de opinião que devíamos de ter, de todos os professores na sua base, no seu ensino base, uma formação se calhar não tão pormenorizada em educação especial, mas que deveria ter alguns alicerces, sim.

Já falou na formação na falta de parte prática. Quais são as sugestões que apresentaria ou apresenta neste caso?

Eu apresentaria o que eu tive aqui mas mais em pormenor, com mais tempo, sendo que na minha perspetiva, perdeu-se muito tempo, algum tempo em questões teóricas, que de facto são importantes, mas que deveríamos depois, ou deveriam os docentes ir mais ao pormenor, não é ao pormenor, ir mais a questões práticas. Portanto, a questão de elaborar um PEI, um CEI, deveríamos de ter casos mais concretos. Tivemos, mas mais, mais... Acho que passava por aí.

Sobretudo, então, essa vertente mais prática?

Sim, mais prática.

Já lhe coloquei esta questão na primeira fase, que tem a ver com concursos. Presentemente, se tivesse a oportunidade de concorrer a educação especial e após esta formação, concorreria?

Concorreria, sim, sem dúvida.

E se estivesse em igualdade de circunstâncias com a sua formação inicial?

Era a esta. Era esta. Sim. Continuo... Sim, era esta. Sim, sim.

Isto também é reflexo da formação que teve aqui, o manter essa vontade em concorrer para educação especial?

Sim, é, é, porque eu quando vim não tinha essa ideia. Eu vim por uma questão de alternativa, de um plano A. Eh... de qualquer das formas, apesar de estar um pouco, muito defraudada com o curso, continuo a dizer que, a afirmar o que afirmei nessa perspetiva que se tivesse de optar, optava por isto.

Código da entrevista: EA3

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (42 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: Licenciatura no ramo da física e química.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professora contratada.

Tempo de serviço global em ensino: Aproximadamente 11, 10 e qualquer coisa porque não tenho tempo completo e, portanto, anda à volta disso.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: É assim, é o que eu estava a dizer à professora (...) no início. Eu sou capaz de ser das pessoas que tem menos experiência de campo. Porquê? Como eu sou da físico-química, geralmente esses meninos... aqueles que têm dificuldades de aprendizagem, nós fazemos as adaptações curriculares. Mas os outros não, nem sequer vêm às minhas aulas. Portanto, eu só tenho conhecimento desses casos quando estou nas reuniões dos conselhos de turma. Agora, lidava um bocado porque, é assim, nós desenvolvíamos muitos projetos, tínhamos os laboratórios abertos e eu como... acho que todos os alunos na escola têm direito a participar e então queria sempre que eles também fossem lá, acompanhados pela professora de educação especial. E... Sempre fui um bocado sensível a esses meninos, mas lidar com eles diretamente na minha aula, não.

Como sabe, em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial e entretanto, sobretudo a partir daí, porque a formação já existe desde 1942, mais ou menos, mas sobretudo a partir daí houve uma oferta de formação mas também uma procura por parte dos professores dessa mesma formação em educação especial. Isto é a introdução para quais são os motivos que a levaram a frequentar esta formação?

Eu, quando tirei o meu curso, efetivamente não pensava nesta hipótese. Sempre gostei imenso de lidar com as crianças, de ensinar, porque acho que nós ensinamos mas aprendemos muito mais. Mas, sou-lhe sincera, as motivações que me levam a estar aqui hoje são, posso resumir a duas. Primeiro, o descontentamento com o lecionar no meu grupo de base, 510. Digo-lhe, estou um bocado cansada de dar tanto e de receber tão pouco, de achar que nós temos que fazer e de não ter um bocadinho da parte deles de serem sensatos e dizerem “não, o professor está a tentar ajudar-nos, vamos também esforçar-nos”. E vi-me, este ano, no desemprego pela primeira vez e disse “não, eu tenho de dar uma volta à minha vida”. Como eu não quero sair da área do ensino e como eu acho que nós, quando somos formados para lecionar, somos educadores, seja no grupo 510, no 500, no 230 ou na educação especial, eu disse “não”. Então eu vou tentar conjugar o gostar de lecionar com aquela preocupação que eu sempre tive com estes meninos. Porque pelas escolas onde eu ando, a verdade é que, teoricamente, elas dizem-se escolas inclusivas mas eu não acho que sejam, porque da teoria à prática vai um grande passo. E eu vejo sempre esses meninos tão, digamos, encaminhados para aquelas salinhas e estarem lá o dia inteiro e era uma coisa que mexia comigo. E eu disse “não”. Eu sou muito emocional, sou muito sensível, eu disse “não”, eu acho que vou aprender muito mas também vou ser uma mais-valia para eles. E então surgiu esta oportunidade e cá estou. Mas não vou dizer que também não há uma pequenina percentagem de trabalhar para um futuro mais estável em termos profissionais. Também não lhe digo que não há, o que é normal.

Posteriormente, se tiver oportunidade de concorrer para educação especial, fá-lo-á? Em que circunstâncias?

Em que circunstâncias, como?

Por exemplo, se tiver em igualdade de circunstâncias físico-química e educação especial?

Digo-lhe já, educação especial. Estou rendida.

Mas também pelo facto de mudar, de ser, de constituir uma experiência nova?

Constituir uma experiência nova. Acho que, neste momento, está-me a ser dada uma segunda oportunidade. Estou a sentir uma lufada de ar fresco, coisas novas, e acho que nesta fase, porque a professora que sou hoje em dia não tem nada a ver com a professora quando saí da

faculdade e há uns anos, e acho que agora... acho que vou conseguir se calhar fazer um melhor trabalho, apesar de que sei que são pequenas vitórias. A professora (...) está-nos sempre a dizer isso: são pequeninas coisas mas, grãozinho a grãozinho, vocês vão conseguir fazer algo. E eu acho que nem punha hipótese, se me dissessem assim “tens no 910 e tens no 510” nem hesitava.

Relativamente às expectativas. No início deste processo de formação, quais eram as expectativas que tinha e que tem, provavelmente, ainda hoje relativamente ao curso, à formação em termos de conteúdos, metodologias, de atitudes, de experiências? O que é que esperava ou espera desta formação?

É assim, no início, eu vim um bocado, mesmo na ignorância porque eu não tinha essa experiência que muitos colegas que ali estão já têm. Eu espero sinceramente, e muitas vezes as professoras dizem-nos que nós vamos sair daqui se calhar ainda mais confusos do que chegámos. Eu sei que isto é muito pouco e sei que depois vai depender muito da aprendizagem que se faz no campo, na ação. Mas espero que seja uma porta aberta, espero poder ajudar, espero poder fazer a diferença. Eu sei que não vou conseguir dar a mão a todos e ajudar todos e encaminhar todos.

Espera então sair daqui com um conjunto de conhecimentos e metodologias para?

Sem dúvida. E uma coisa de que eu gosto muito aqui, porque também se fala muito nisso, somos sinceros, e fala-se muito aqui ou em (...) ou na escola superior de educação, porque há muito aquela coisa de as pessoas virem para aqui quererem tirar a grande nota para poderem mais facilmente ter o trabalho, mas eu acho que aqui é uma mais-valia porque não é só teoria, não é só o que está nos livros, muita prática. Nós somos constantemente confrontados com experiências que eles, professores, vivenciam no dia-a-dia e, isso, eu acho que é fundamental. Nós vemos que efetivamente resulta ou não resulta para podermos continuar ou mudar ou adaptar. Eu acho que isso é fundamental.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente a esta formação que está a concluir, qual é o balanço que faz relativamente às expectativas que tinha inicialmente, designadamente, em termos de conhecimentos; de metodologias; do saber fazer?

Olhe, eu acho que esta formação... ainda hoje terminámos um... uma disciplina coma professora (...) e o professor (...). Um é muito teórico, o professor (...) é muito teórico. A professora (...) é fantástica e, realmente, ela consegue conciliar as duas coisas. Ou seja, é óbvio que nós sabemos que quando vamos fazer uma pós-graduação temos que ter acesso a uma parte, à base de tudo, a estrutura toda, que é a teoria. Mas é fundamental nós também

termos nesta formação acesso a experiências e a vivências já da prática. Porque são seis meses, isto é, isto é assim um aflorar. Obviamente que depois, era o que depois eles hoje estavam a dizer, quando nós fomos colocados, e se Deus quiser se formos, aí sim é que vão surgir imensas dúvidas. E era o que eles estavam a dizer “o que nós vos fornecemos, nós pensamos que serão se calhar as ferramentas para vocês conseguirem tentar fazer alguma coisa no sentido de”. Eu acho que isso é fundamental. Os seis meses, acho que é muito... o facto de terem diminuído, por um lado é bom, mas por outro lado acho que reduz muito e depois é tudo sob pressão. Acho que se fosse, por exemplo, num ano, era muito mais fácil em termos de conseguirmos fazer as coisas com outra, com outra maturidade, sem aquela pressão que nós todos trabalhamos, temos filhos, temos casa, quer dizer, temos uma vivência lá fora, não é só isto, e acho que aí é um bocado difícil de conciliar. Em termos do curso em si, eu acho que ele está bem conseguido, bem orientado... Eh... Nós somos, este ano, fomos muitos. Fomos setenta. O ano passado eram dez. É uma diferença muito grande. Dar assistência a setenta pessoas que não sabem nada disto, é essa a questão, é que não é a mesma coisa que eu ir fazer uma formação na área da físico-química, em que eu já domino, quero saber mais sobre um determinado conteúdo, é muito diferente. Aqui não. Aqui, nós chegámos sem saber basicamente nada, e eu então zero, porque eu nunca tive, como dou uma disciplina e dava sempre secundários, nunca tive esses meninos a frequentar as minhas aulas. Portanto, ainda mais!

E na formação inicial também não teve formação nessa área?

Nada! A faculdade de ciências não dá essa formação. E hoje a professora falou, é uma falha inadmissível. Porque é assim, eu posso não ter um aluno com necessidades educativas especiais permanentes mas ter temporárias. E acho que é o “nós”... Eu digo mesmo, e disse no fim do projeto, que isto foi enriquecedor em tudo, como docente de físico-química, como futura docente da educação especial, como mãe, como ser humano. Acho que é algo que devia fazer obrigatoriamente parte do curso base. Existe aqui, mas o problema é que é em (...). E as outras todas? Não é? Eu acho que é uma falha muito grande.

Tenho uma questão sobre o impacto, mas já respondeu o impacto que teve. Mas fez bem, gosto assim. Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial. Está a terminar esta formação, como é que caracteriza a formação que recebeu? Já foi aflorando. Por exemplo, em termos de grau de preparação, se contribuiu para mudança das conceções e das práticas letivas, eventualmente, das práticas letivas?

Sim, sim, sim... Acho que... Acho que nesse aspeto, por isso é que eu digo, contribuiu também e muito até mesmo, como é que eu hei de dizer? Eu acho que tive agora noção, foi preciso eu fazer esta formação, para ter noção que realmente, até mesmo não em necessidades educativas permanentes mas daquelas temporárias, eu fui, e eu não gosto de dizer isso porque eu acho, eu detesto que me digam que sou insensível, mas acho que foquei-me muito

na preparação daqueles que não vêm rotulados com nenhuma dificuldade, porque também havia a par disso uma exigência de se cumprir com o programa, e na minha disciplina os programas são muito extensos, há que os preparar para um exame a nível nacional, e agora, vendo bem, acho que coloquei assim um bocadinho de lado os meninos que não deveriam ter sido colocados, acho que não os incluí. E isso é uma coisa que por acaso me custa imenso, dizer isso. Mas... mas tenho noção que a partir de agora... por isso é que eu digo que é fundamental isto, esta formação. A partir de agora vou ter outro modo de olhar e vou tentar, é muito complicado, é, mas vou pelo menos tentar.

E quais são os aspetos mais e menos positivos desta formação que recebeu?

Olhe, o menos positivo, eu diria nalguns conteúdos a disponibilidade em função... não é dos professores não estarem disponíveis, é perante um número exagerado de discentes eles darem ajuda a todos. É impossível. Aqui abriram-se duas turmas, mas mesmo duas turmas, setenta a dividir por dois, quer dizer, e um professor para trinta e tal alunos, não é, não é muito fácil. Eh... e depois também acho que em termos de projeto poderíamos ter sido mais bem apoiados. Acho que, e hoje com uma apresentação, tivemos essa noção. Eu tenho a noção que a professora orientadora ajudou, contribuiu, foi pertinente nas questões que colocou, mas acho que aí falhou um bocadinho. Um orientador o que é? Alguém que orienta. Eu fiz o meu mestrado na faculdade de ciências e eu tive um orientador que era para três pessoas. Assim sim, é possível orientar, ajudar. E aqui foi um bocadinho o trabalho feito só por nós e depois no fim é que é... E é assim, nós, eu acho que podemos exigir, devemos ser exigentes, até para bem dos alunos, mas quando damos azo a que isso seja possível, não é? Eu se aflorar um tema e não o puder desenvolver como eu acho que tem de ser, obviamente que no teste não vou colocar da mesma forma, porque não vou estar a prejudicar os meus alunos, e nós aqui sentimos um bocadinho isso. Mas em termos de organização, em termos das disciplinas, acho que está bem organizado, acho que está bem estruturado. É mesmo só essa parte que nós nos debatemos nestes seis meses.

E relativamente ao modelo da formação de professores de educação especial, porque é a tal formação pós-formação inicial, mais vulgarmente designado por pós-graduação, Concorda com este modelo? Qual é a sua opinião? Sente que poderia ser alterado? Ou tem sugestões a apresentar para uma provável melhoria?

[Silêncio]

Enquanto professora de físico-química, teve a sua formação inicial, licenciatura nessa área, pronto.

Sim, sim... nessa área.

Mas para educação especial, exigem uma formação inicial mais esta formação especializada. Concorda com este modelo da formação de professores de educação especial? Que sugestões é que apresentaria eventualmente?

Eu acho que relativamente à educação especial... eh... eu acho que não chega, não chega só o acrescento na formação base. Não chega. Não chega. Porque depois, eu acho que... o que nós conseguimos na prática é que é fundamental. Porque, é assim, eu quando acabei o curso na faculdade, eu tinha a ilusão que era a professora cem por cento. Perdi-a logo quando comecei a dar aulas porque efetivamente me deparei com situações que ao longo dos anos é que me fizeram crescer e ainda agora, eu digo muitas vezes aos meus alunos, eu estou sempre a aprender. Portanto, eu nunca posso dizer que já tenho tudo, já sou detentora, não, do conhecimento total é impossível. Acho que é fundamental também na prática. Ou seja, nós aprendemos sim a base, os conteúdos, a parte teórica, mas depois também no campo. Acho que aí também é, quando nos vemos na situação prática, que temos que arranjar solução para isso tudo. Eu acho que se calhar em termos de pôr em prática é um bocado complicado. Mas se calhar haver, não ser só teoria, passar se calhar por uma formação, uma parte de estágio. Não sei. Não sei se... Mas acho que... era uma mais-valia. Mas se calhar colocar isso tudo em prática é capaz de ser um bocado complicado.

Proporia uma reorganização, digamos, da formação?

Mas isso é o que o nosso sistema educativo necessita, de uma reorganização muito grande, porque teoricamente... não é?

Na primeira fase das entrevistas coloquei-lhe a questão se tivesse oportunidade de concorrer a educação em pé de igualdade...

Continuo, continuo exatamente na mesma situação. Não tinha, não tinha, até porque eu lembro-me de lhe ter dito, quando decidi por este curso estava a precisar, estava numa fase da minha vida que estava a precisar de algo que me desse a motivação que eu estava a perder. E consegui aqui. E gostava, por isso é que eu digo que é muito triste, ainda hoje estava a dizer, terminarmos esta pós-graduação e se calhar muitos de nós para o ano não temos colocação. Não é que eu acredite e pense que vou chegar a uma escolar e vou fazer a diferença toda. Mas, se calhar, é um bocadinho o que eu estava a dizer ao professor (...), não vou anular, não vou ser neutra como fui durante muitos anos no meu grupo de físico-química. Porque se calhar também tinha outra idade e achava: não, eles são mais velhos, têm mais experiência, não. Agora, muito bem preparada, saber do que eu estou a falar, mas impor um bocadinho as minhas ideias. Porque acho que também não pode ser assim, não nos podemos só... eu acho que nós, os professores de educação especial, é um bocadinho a ideia que eu tenho, estão assim num grupinho à parte nas escolas. Eh... olha, aquele é de educação especial. E estão um bocadinho ao abandono. E acho que não pode ser, acho que... Agora, que

vai se calhar uma lufada de ar fresco desta fornada de colegas e acho que é uma pena não podermos ter todos colocação. Mas continuo a dizer que se tivesse as duas situações, ainda esta semana disse a um familiar, não hesitaria nada e optaria... continuo a dizer, não é que não goste de dar aulas de físico-química, mas gostaria muito de experimentar esta área.

E esta formação contribuiu para a motivar ainda mais para concorrer à educação especial?

Ah, sim. Sem dúvida. Sem dúvida. Eu já vinha, digamos, com oitenta por cento da motivação. Mas, depois, o ganhar ferramentas, porque é óbvio que eu hoje, ainda no outro dia estava a falar com um colega que é psicólogo da escola onde eu estava, e ele disse assim: fogo, caramba, tu, dois meses que passaram e já falas como uma professora de educação especial. Ai, ó (...), pelo amor de Deus, não é assim. Isto é muita teoria que é o que tu ouves. Passas ali oito horas a ouvir isto, CEI's, PEI's, não sei o quê. E ele: fogo, tu já pareces a (...), que é a coordenadora. E é um bocadinho isso, mas... mas continuo com a vontade de. E pronto, vamos tentar. Acho que já é o importante, é tentarmos, pelo menos.

Código da entrevista: EA4

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (37 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura em educação de infância.

Formação inicial: Bacharel e depois passei para licenciatura (processo de Bolonha).

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Sou educadora de infância numa IPSS, portanto, efetiva.

Tempo de serviço global em ensino: 14 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim, sim, sim, sim. Aliás, antes de trabalhar já fiz algum voluntariado, ou seja, quando estava a estudar na (...) voluntariei-me para trabalhar numa (...), que era uma instituição também, e durante as férias

todas estive a trabalhar nesse... pronto, voluntariado, e depois, quando iniciei a trabalhar, tive três casos nas minhas turminhas que eu acompanhei, uma de bebé mesmo até aos seis anos. Já foram três casos.

Relativamente à motivação para a formação em educação especial. Como sabe, em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial. Sobretudo a partir daí, houve assim muita oferta de formação nessa área mas também houve muita procura por parte dos professores dessa mesma formação. Quais são os motivos que a levaram a frequentar esta formação em educação especial?

É assim, eu sempre tive interesse e nem é para colocar... Eu acho que de todos os que estão lá, que tudo está para concorrer, eu não estou para concursos. Estou mesmo para formação pessoal. E sempre quis porque gostaria um dia mais tarde de trabalhar nessa área. Mas neste momento não o vou fazer porque gosto imenso de estar a trabalhar no infantário onde estou. Já estou efetiva. Estou ali no centro de (...). Adoro. E tenho tido também destes casos, tenho praticado, tenho tido acesso a estes meninos. Mas gostaria um dia mais tarde de dar outro passo. E a minha irmã, que entretanto vem aí também, quer concorrer e também gostaria de conhecer, pronto, e vim com ela, foi a motivação também. Eu quero fazer mas, assim, o que me levou mesmo assim, vamos e vamos as duas fazê-lo foi mesmo assim o que me levou.

Posteriormente, se tivesse oportunidade de concorrer para a educação especial ou manter-se na...

Não, neste momento, não quero.

... na educação de infância?

E até lhe vou dizer porque também tenho duas filhas pequeninas ainda, muito pequeninas, e estou ali com elas, também não queria deixar porque posso correr o risco, não é?, de estar longe e também não o quero fazer. Mas gostaria um dia de ter esse desafio. Para mim é um desafio porque eu gosto do ensino especial.

Relativamente às expectativas. No início deste processo de formação em educação especial, quais são as expectativas que possui, por exemplo, quanto aos conteúdos, às metodologias, às atitudes, às experiências? O que é que procurou ou procura buscar com esta formação ou nesta formação?

É, portanto, algo que me ajude a articular na prática, mais específico, que às vezes nós não conseguimos responder, não é?, sem necessitar do professor do ensino especial, de conseguir no ensino regular, normal, tentar responder eu própria a essas... Entende o que eu quero dizer? Pronto, tentar responder eu própria aos meninos que me aparecem, sem serem eles do ensino especial, não é? Há aqueles casos que aparecem que nós não sabemos se são ou não,

porque na minha área da parte do infantário aparecem casos que nós, às vezes, são connosco sinalizados. E às vezes é difícil. E uma abertura, que eu acho até que se me viesse perguntar agora, neste momento, e quando nós iniciámos, a minha perspetiva já é muito diferente da que é agora. Muito diferente.

E qual era essa inicial?

A mesmo inicial não tem nada a ver porque a própria perspetiva e refletindo sobre o facto de dizerem assim que as crianças com necessidades educativas não são apenas aquelas que são sinalizadas, qualquer criança pode vir a ser, isso é supergiro. É verdade! E isto muda-nos completamente uma perspetiva. Portanto, eu já durante estes dois meses, eu já tive outra visão. Por isso é que lhe vou responder que se me tivesse feito a pergunta eu estava completamente, ingenuamente assim outra perspetiva. Acho que já me sinto mudada.

Mas procura então aqui conhecimentos?

Muito maiores conhecimentos, mais específicos.

Metodologias de intervenção?

Exatamente. Uma coisa mais específica, porque às vezes nós sentimo-nos ali perdidos como é que havemos de fazer, o que não é, e se calhar uma ajuda mais precisa, principalmente na área onde eu um dia possa vir a trabalhar, na parte do primeiro ciclo, do segundo ciclo, aqueles com a passagem para a vida ativa, aquelas coisas que ainda não demos, os PIT's e aquelas coisas todas, isso ainda não domino. Domino mais a intervenção precoce porque é a minha área.

É uma realidade mais próxima.

É a minha área.

2.ª Fase da entrevista

Após a frequência da formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente e agora aquilo que pensa presentemente, já depois de todo este processo, relativamente, por exemplo, a conteúdos, designadamente educação especial, inclusão, também aos conteúdos específicos, aos saberes, aos conhecimentos, às metodologias, atitudes eventualmente?

Sim, sim, sim, acho que sim. Acho que, de facto, foi apesar de tudo muito cansativo, não é?, pronto, conciliar isto com as nossas vidas, nem sempre teríamos, não é?... Uma coisa é só estarmos aqui para isto, outra coisa é conciliar com as nossas vidas profissionais, não é? Não

dá para... dá, mas é difícil. Para mim foi difícil. Agora, de facto, foi muito enriquecedor porque em termos de perspectivas foi muito bom. Acho que os conteúdos, não tem nada a ver. Eu achava... sinceramente nem sabia o que era o 3/2008, não sabia o que era, pronto, as terminologias concretas definidas, não é? Isso foi muito bom. Acho que houve uma falha, pronto, mas se calhar devido ao tempo, porque são seis meses, em termos de articulação com a prática. Não sei... Eu sei que a nossa prática depois a vivemos e... mas acho que falta ali qualquer coisa que nos ajuda...

A introdução de uma componente prática?

Sim, sim, uma coisa ainda mais prática, assim que nos permita... não sei, um estágio, nem que seja assim um fim de semana, percebe?, alguma coisa que estejamos lá e se consiga lidar, porque uma coisa é muita teoria e a prática é outra. E trabalhar com este tipo de crianças realmente... Eu já trabalhei, por acaso, já, já trabalhei. Mas é muito diferente, não é?, e se calhar, acho que falha nesse sentido.

Qual o impacto desta formação na sua atividade docente ou qual será? Sente-se preparada para exercer atividade docente em educação especial?

Sim, mas lá está, eu sou do pré-escolar e já tive estes meninos, não é?, e mesmo assim, intuitivamente, acho que trabalhei muito bem com eles. Na parte prática, acho que me desenrasquei muito bem. Apenas acho que é uma mais-valia em termos de, também, de preenchimento de papéis, de documentos, que eu isso, se calhar, não sabia. E acho que há uma necessidade muito grande de preenchimento para fazer os PEI's, para fazer até a CIF, manusear com a CIF. Em termos de prática, trabalhar com eles, eu isso acho que sim.

Já estava à vontade.

Sim, já estava à vontade. Agora a minha parte... Pronto, claro que sim, trabalhar mesmo só nesta área deve ser um grande desafio porque, volto a dizer, a teoria é uma coisa e a prática é outra, não é? Não haja dúvidas. Preparada, preparada não me sinto. Não me sinto, não.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, funciona na modalidade de pós-graduação, especialização, mas posterior a uma formação inicial. Agora que está a terminar, quais são as suas considerações? Quais são os aspetos positivos e menos positivos relativamente a este modelo de formação de professores de educação especial? Existe algum modelo que possa ser diferente deste e que possa ser adotado? Concorda com este modelo?

Está a falar do modelo de formação que foi dado aqui nesta escola!

Não. Que é comum a todos! Este modelo é replicado em todo o lado.

Sim... Assim, eu também na minha formação de base tive a disciplina de educação especial. Portanto, acho que já foi uma luz, não é? Pronto, uma pequena luz, mas acho que foi uma luz muito boa. Eh... Sim, acho que sim... Se calhar... Assim, devido ao tempo, eu acho que é muito difícil também lá estar. Eu vou batalhar no mesmo, a parte prática, nós quando estagiamos, em qualquer área, não é?, para ser docente, nós articulamos muito com a parte prática, não é?, de um ano, de... E aqui não temos. Eu acho que é uma grande falha.

Será um aspeto menos positivo?

Sim, sim. O resto, em termos de conteúdos, de modelo, acho que sim. Poderia ser, sei lá, cinco meses de teoria e um de prática, porque não?

Concorda com seis meses ou que fosse estendido durante mais tempo, eventualmente, ou não? Acaba por ter outras implicações.

Exatamente. Eu se calhar já não o fazia, não é? Pronto. Acho que também foi devido a esse tempo, embora... pronto, foram dados os conteúdos se calhar que toda a gente deu durante um ano, nós acabamos por ter mais intensamente e mais rapidamente, não é? A professora até disse que tinham tido um grupo muito bem e tinha estado contente. Pronto... O ideal seria, seria! Mas foi uma opção, não é? Agora é em seis meses, tem de ser.

Que sugestões propõem para a formação em educação especial? Referiu a questão da parte prática.

Sim.

Sobretudo isso?

Sim, sim. Acho que poderia ter sido de cinco meses e um mês de prática. Até mesmo uma disciplina com isto, não é? Fazer uma prática, de uma semana, mas de estar lá. Porque, é verdade, há pessoas que não têm perfil. Perfil de... uma coisa é a teoria mas estar ali a lidar com este tipo de crianças é muito difícil. Difícil no sentido de ser muito humano, termos de ter... Há componentes que, se calhar, não sei, destrezas que nós temos de ter que a componente teórica não nos dá, que são connosco...

Já coloquei esta questão da outra vez, presentemente, se tiver oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, fá-lo-á? Em que circunstâncias? Imagine que tinha igualdade de circunstâncias.

Eu não fiz... Eu na altura referi, eu não fiz isto para concorrer, fiz isto para formação pessoal. Pronto. Poderei um dia fazê-lo. Não o vou fazer tão cedo. Para já não o vou fazer. Tenho

meninos, para já não tenho na minha sala, mas de certeza que poderei ter... E... Mas tenciono concorrer mas não é já. Não o fiz para isso.

Código da entrevista: EA5

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (42 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: Licenciatura em artes plástica, ramo pintura.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professora contratada.

Tempo de serviço global em ensino: Eu dou aulas desde 1998, portanto, este é o meu 16º ano letivo, mas eu não tenho 16 anos de serviço, devo ter à volta de 14/15. Tive anos com horários incompletos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim, este ano é a primeira vez que eu não tenho alunos com necessidades educativas especiais porque estou no secundário.

Como sabe, em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial. Sobretudo a partir daí, porque a formação já existia antes, houve muita oferta por parte das instituições de ensino superior, mas também houve muita procura e continua a haver procura por parte dessa formação por parte dos professores. No fundo, quais são os motivos que a levaram a querer frequentar esta formação em educação especial?

Bem, eu tenho que explicar a minha situação. Eu comecei esta formação em 2006. E na altura foi porque tinha sempre muitos meninos nas minhas aulas de artes, fossem oficinas, ateliês ou... normalmente dou educação visual. Como professora de artes, sentia-me muitas vezes sozinha. Ia para os conselhos de turma e acontecia muitas vezes eu até nem ter problemas nenhuns com alunos problemáticos e havia problemas nas outras disciplinas. Comecei a sentir

necessidade de uma ajuda suplementar para os alunos e para mim. No início foi isso que me motivou, pronto, acrescentar o meu conhecimento e ser uma ajuda mútua, para eles e para mim. Entretanto, a vida... não fiz a formação por vários motivos, não concluí. E agora voltei. Continuo com vontade de enriquecer-me pessoalmente e ajudar os meus alunos mas também está a questão de eu sentir que tenho os dias contados como professora de artes e que tenho de me virar para outro grupo de recrutamento. Tem a ver com a questão profissional, desemprego.

Posteriormente, se tivesse oportunidade, concorreria ao grupo de educação especial?

Concorro.

Em que circunstâncias? Se tiver em igualdade de circunstâncias educação visual e educação especial, por qual é que optará?

Isso é uma pergunta difícil. [pausa] Neste momento talvez optasse por educação especial primeiro. Tenho dezasseis anos, não é, de experiência e começo a ficar saturada, necessito de uma experiência nova na minha vida. Acho que optaria pela educação especial primeiro.

Relativamente às expectativas. Quais eram as expectativas que tinha no início desta formação relativamente à formação em si, ao programa, por exemplo, aos conteúdos, o que é que esperava em termos de conteúdos desta formação? Em termos de metodologias? De experiências a vivenciar? O que é que esperava ou espera desta formação?

Eu, como professora de artes, sinto-me sempre um bocado a alternativa. Não sei porquê. Se calhar é um complexo qualquer mal resolvido. Mas sinto-me sempre que estou um bocado paralela às outras áreas. E eu espero, esperei, espero, quando vim para esta formação, ouvir mais coisas de métodos alternativos de ensino, outras opções para além do regular, da normalização. E nesse sentido, eu fiquei muito contente com o seminário porque ouvi coisas que não são aplicadas à escola mas que daqui se calhar por dois ou três anos até poderão vir a ser. São métodos alternativos que são experimentados pelos pais, por voluntários e que provavelmente daqui por alguns anos vão passar para a escola. E eu tenho expectativas de receber informação a esse nível.

Então, nas metodologias, como intervir nos alunos com necessidades educativas especiais.

Sim, sim.

Mas também, em termos de conteúdos, também pretende ficar a conhecer ou a dominar melhor os conceitos associados à educação especial?

Sim, claro, claro. Sim, sim.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente à frequência da formação especializada em educação especial, qual é o balanço agora que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente? Por exemplo, ao nível dos conteúdos, das metodologias, do saber fazer, do intervir junto de alunos com necessidades educativas especiais, eventualmente das atitudes, se houve alteração nas atitudes pessoais com esta formação. Qual é o balanço que faz tendo como ponto de partida as expectativas iniciais?

Bem, as minhas expectativas saíram frustradas, por vários motivos. Um deles prende-se também com a orientação. Eu gostaria de ter um orientador mais ligado à minha área de investigação, por assim dizer. E nesse aspeto, sinto-me descontextualizada, sinto-me desamparada. Eu sou de artes, estou a fazer um trabalho de investigação ligada à educação especial mas com uma vertente ligada à educação pela arte, e nesse aspeto sinto-me frustrada porque não tenho orientação que eu imaginava, que eu queria ter, nem estou a desenvolver aquilo que realmente queria desenvolver. Por dois... Pelo motivo que eu já expliquei e porque a pós-graduação é demasiado curta, não dá para fazer o trabalho de investigação que eu gostaria de fazer. Seis meses é muito pouco tempo para fazer a investigação séria.

E em termos dos conteúdos que foram abordados nesta formação e das metodologias, corresponderam às suas expectativas?

Em termos de abordagem à legislação em vigor, foi muito boa e foi muito esclarecedora. Nesse aspeto acho que vou muito bem preparada daqui porque eu, apesar de trabalhar com meninos das necessidades educativas, meninos, jovens das necessidades educativas especiais, eu não tinha a verdadeira consciência de que todas as nossas ações são, como é que eu hei de dizer, são regulamentadas. Tudo, tudo. Tudo o que eu faço na educação especial é regulamentado. E eu deveria saber isso. Agora sei, mas foi preciso tirar uma especialização. E eu acho que todos os professores deveriam saber isso porque há muitos conflitos na escola por falta de conhecimento do que está, do que segura a educação especial. Pronto. Quanto às metodologias de ensino, acho que em termos de desenvolvimento de trabalhos, também foram excessivas para os seis meses. Para quem está a lecionar, como eu, todos os dias, que tem, que tenho que trabalhar para a escola também, tenho que preparar as aulas, tenho que corrigir os trabalhos, tenho avaliações, acho que os trabalhos foram excessivos. Ehhh... Temos falado muito uns com os outros, compara-se com outras escolas, e eu estou com muita dificuldade em cumprir mesmo o trabalho todos, todos, todos, todos os dias, muito, muito. Eu estou praticamente sem dormir. Eu durmo todos os dias pouquíssimo. Acho excessivo. Acho que nesse aspeto também é preciso ponderar a metodologia. Num... Eu acho...

Eventualmente prolongar a formação por um ano?

Ou prolongar, eu não acho que é por ter feito... Eu acho que se tivesse feito menos um ou dois trabalhos ia daqui na mesma, com os mesmos conhecimentos. Não é por ter feito mais um ou dois que vou muito melhor preparada. Acho que há coisas que foram excessivas. Foram mais uma sobrecarga do que uma ajuda.

Qual é o impacto desta formação na sua atividade enquanto docente, quer de educação visual, quer eventualmente no futuro em educação especial? Qual foi o impacto desta formação? Tem algum impacto enquanto docente?

Enquanto docente, tem. Tem no aspeto que lhe falei há bocado, no esclarecimento, na tomada de consciência da realidade. Não só em termos legislativos, como lhe falei há bocado, mas noutros gerais, até do estado, da situação geral da educação, porque quando se fala em inclusão, que é um aspeto de que se fala muito nas necessidades educativas, é impossível não falar da escola e do ensino regular, de falar de tudo, e nesse aspeto vou com uma visão completamente diferente do que a que tinha antes.

Relativamente à formação, ainda de novo, como é que caracteriza a formação que recebeu face à preparação para o desempenho de atividades docentes em educação especial? Ou seja, qual é o grau de preparação que tem ou que teve para vir a exercer essa atividade docente? Sente-se preparada? Quais são os aspetos... Pronto, já referiu, digamos, que alguns aspetos.

Sim, já referi.

Já referiu alguns aspetos mais e menos positivos, mas qual é o grau de preparação que sente para poder exercer, no futuro, atividade docente em educação especial?

Eu sou uma privilegiada porque eu acho que faltou uma parte prática ao nível dos materiais, a trabalhar com as crianças e jovens com necessidades educativas especiais. Houve muita parte teórica, mas ao nível do material acho que houve pouco. Eu sinto-me privilegiada porque eu sou de artes e, então, eu, nessa parte, quer dizer, a minha formação inicial artística, da minha licenciatura, deu-me uma bagagem cultural capaz de criar materiais para trabalhar com os alunos. Nós tivemos a componente das tecnologias de apoio mas foi muito direcionada para as TIC. Foi enriquecedor mas é necessária a outra parte também. E eu acho que faltou essa parte neste curso, a parte prática para nos ensinar a estar numa unidade de ensino estruturado, por exemplo, com autistas, que é muito prática, tem calendários, tem imagens, tem colagens, tem fotografias, tem... E se nós não tivermos aquilo? Eu sei que, pronto, se me acontecer, se eu for colocada numa unidade dessas, para mim vai ser muito fácil porque

estou habituada, é o meu dia-a-dia. Mas se calhar para um professor de outra área de português, se calhar vai ser mais difícil.

Sente-se preparada neste momento, depois desta formação, para exercer funções de educação especial?

[Pausa silenciosa] Sinto. Sinto. Sinto porque nestes dezasseis anos tive sempre, dei sempre apoio a muitos meninos da educação especial. Agora é mais um passo.

Mas esta formação também contribuiu para...

Sim, sim.

Melhorar nesse aspeto?

Sim, sim. Sim. Sem dúvida, sim.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, que é um modelo pós-formação inicial. Qual é a sua opinião acerca deste modelo? Concorda com este modelo? Pensa que poderia ser alterado, melhorado? Tem sugestões que possa apresentar para eventualmente, partindo do pressuposto possa ser melhorado, para ser melhorado? Tem sugestões?

Pós...?!

Os professores de educação especial, para obterem qualificação, têm de ter, para além da sua formação inicial, têm de frequentar uma formação especializada.

Sim, sim, sim.

Concorda com este modelo? Pensa que poderia ser melhorado, alterado?

Eu acho que deveria ser alterado. É assim, se a educação é um direito de todas as crianças, todos os professores então deveriam ter formação inicial, no seu curso, para trabalhar com essas crianças. Eu, quando fiz o estágio, não tive uma única disciplina que abordasse o assunto. Se ao longo destes dezasseis anos a dar apoio tive alguns conhecimentos foi por interesse próprio. As universidades não nos deram, a mim não deram formação a esse nível e penso que são muito poucas as que dão e que estão agora a começar.

E se existisse essa formação integrada na formação inicial, como é que veria a formação dos professores de educação especial? Também a continuar neste modelo mas depois já mais especializado em determinadas áreas?

Sim, mais especializado em determinadas áreas.

Ou não era preciso já recorrer a professores de educação especial?

Eu acho que serão sempre precisos professores de educação especial, até porque nós, hoje, estamos numa secretária, olhamos para os alunos e temos a sensação de que eles são todos diferentes. Eu pelo menos tenho a sensação de que parece que são todos de risco. E há muitos meninos que estão neste momento de fora, estão completamente ao abandono, entre aspas. Os sobredotados, neste momento, não têm ninguém com eles. Os meninos das dificuldades de aprendizagem têm pouquíssimos professores de apoio porque houve um corte drástico e depois são normalmente professores do regular que não estão informados da legislação, que devem estudar, que devem dar apoio a esses meninos. Há muitos alunos que estão aí assim sem... acho que sim, que vai ser sempre necessário o professor de educação especial.

Vou-lhe repetir uma questão que coloquei na situação anterior. Presentemente, ou num futuro próximo, se tiver a oportunidade de concorrer à educação especial fá-lo-á? Em que circunstâncias?

Se era em primeira ou segunda...

Sim, se tiver em igualdade educação visual ou educação especial, por qual é que optaria?

Eu acho que vou optar por educação especial. Vai ser tipo meio/meio, a minha carreira. É para variar. Acho que sim, não sei bem. Se calhar vai ser uma decisão tomada...

Esta formação não contribuiu para esclarecer um pouco melhor essa dúvida?

Ainda não. Ainda não. Ainda há uma certa dicotomia aqui dentro.

Código da entrevista: EA6

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (34 anos)

Sexo: Masculino.

Habilitações

Grau acadêmico: Licenciatura.

Formação inicial: Licenciatura em biologia e zoologia.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professor desempregado.

Tempo de serviço global em ensino: 8 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Já tive, sim. Durante este tempo já tive dois ou três casos.

Em 2006 foi criado o grupo de educação especial, os três grupos: 910, 920 e 930, e, a partir daí, verificou-se um crescente movimento quer de oferta formativa, quer também de procura dessa formação por parte dos professores. No fundo, quais são os motivos que o levaram a frequentar esta formação?

O motivo principal é procurar emprego. Este é o motivo, o grande motivo. Poder vir a trabalhar com meninos com necessidades educativas especiais.

Tem a ver com a estabilidade profissional?

Tem a ver com uma ambição pessoal de me poder realizar, neste caso com esta saída que é a educação especial.

Posteriormente, se tiver a oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, concorre? Em que circunstâncias (motivos, contextos, etc...)?

Sim, eu vou concorrer ao grupo de educação especial.

Mas em que circunstâncias? Se tiver em igualdade de circunstâncias biologia e zoologia?

Em igualdade de circunstâncias, biologia e zoologia é a minha preferência. Segunda opção, é por isso que estou a fazer, educação especial. Para já!

No início do processo de formação em educação especial, quais são as expectativas que possui, por exemplo, relativamente aos conteúdos deste curso?

O objetivo é capacitar-me, quer dizer, tecnicamente e para além disso porque acho que é um grupo que envolve também muitos afetos, muita perseverança. Mas essas são qualidades que eu acho que me posso enquadrar dentro desse perfil, mas a capacitação técnica de

manipulação, porque há muita legislação que envolve a educação especial, há muitos pequenos detalhes, muitos mesmo, que eu preciso de me sentir à-vontade com eles para me tornar um bom profissional nessa área.

Então, em termos de conteúdos, de ficar capacitado para fazer. Em termos de metodologias, de atitudes...

Essa capacitação pode-se desdobrar em vários subdomínios em que as metodologias são um deles, a própria construção histórica da inclusão, da escola inclusiva também... há vários aspetos... Nunca parei, sinceramente, antes de me inscrever, para pensar qual seria o melhor programa de desenvolvimento deste curso.

Espera, também, vivenciar experiências que o preparem para o desempenho dessas funções?

Sim, eu tenho consciência que a melhor aprendizagem que se faz é a aprendizagem em contexto e tenho a expectativa de neste curso conseguir fazê-lo. Não será dentro da sala de aula formal que temos aqui, mas vai ter que ser por iniciativa própria, penso que vai ser assim.

Uma das lacunas que vê nesta formação é não ter essa parte prática em contexto?

Sim, sim, posso dizer que sim, que é uma lacuna. Há abordagem teórica e técnica dos assuntos, mas não há esse contacto que eu acho que é, absolutamente, essencial e posso chamar-lhe uma lacuna, sim. Mas que eu próprio vou procurar resolvê-la. Aliás, também justiça seja feita, os professores têm-se mostrado disponíveis para abrir portas nesse sentido. Não no sentido formal curricular do curso de especialização mas no sentido informal.

2.ª Fase da entrevista

Após a frequência da formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz quanto às expectativas iniciais, designadamente quanto aos conceitos de educação especial e inclusão, das metodologias (o saber fazer, o aprender a fazer) os conteúdos que abordaram?

Vamos falar em termos da formação, desta pós-graduação! Inicialmente, não posso dizer que compreendesse perfeitamente a amplitude e o aprofundamento que fosse necessário oferecer ao domínio da educação especial. Essa é a parte mais importante que sai desta formação, que é exigente, é uma área bastante exigente que envolve bastante envolvimento por parte do docente particularmente da educação especial. Há um conjunto de domínios que é preciso atender: a família do aluno; o aluno; o meio em que ele está inserido; a própria escola; dentro da escola, os colegas, o meio físico. Essa perspetiva reflexiva da educação especial

não estava à espera de a encontrar. É muito interessante... foi motivador encontrar essa perspectiva... Sei que não aprendi seguramente aquilo que preciso para trabalhar porque essa é uma boa característica de uma formação, é mostrar o que preciso de trabalhar mais, de aprofundar mais e de estar constantemente à procura dessas respostas. Por parte dos professores, houve sempre assuntos interessantes, trabalhados por metodologias interessantes que estão relacionados também com a prática ao mesmo tempo não esquecendo dos conceitos teóricos essenciais e ideológicos para trabalhar em educação especial e a abertura necessária para no pós-graduação continuarmos a trabalhar esses aspetos com essa disponibilidade oferecida por parte deles.

Então, qual é o impacto da formação para a sua atividade docente? Sente-se preparado, neste momento, para vir, por exemplo, a exercer atividade letiva na educação especial?

Sinto-me preparado, sinto-me como... sinto que me transmitiram também uma coisa muito importante ao nível do fator humano que é a energia para isso. A aceitação do não estar preparado, que faz parte do ingressar na educação especial, mas é com essa energia que as coisas se conseguem resolver, uma coisa que eu achei muito importante, sempre pensando não no meu trabalho mas no trabalho que eu ofereço aos meus alunos. Isso é importante.

Nesta fase final do processo, como é que caracteriza a formação que recebeu face à prática letiva nesta modalidade educativa de educação especial? Ou seja, quais são os aspetos mais ou menos positivos que salienta nesta formação? Qual o grau de preparação que tem eventualmente?

O grau de preparação, como deve perceber por aquilo que tenho dito até agora, é muito bom. Uma crítica que eu fazia inicialmente prendia-se com a falta de prática em contexto, portanto, de estar junto desta realidade, deste meio durante a formação. Aconteceu que, com o apoio dos professores, as portas foram-se abrindo porque eu também estimei esse encontro e frequentei, fiz visitas, o que foi muito, muito importante para a formação. Portanto, não me foi oferecida mas, proativamente, eu cheguei lá e consegui suprimir essa necessidade que eu, particularmente, considerei importante.

Com base nesta experiência que teve de formação e com base na experiência enquanto professor formativa, que opinião tem relativamente ao processo de formação dos professores de educação especial? Pensa que este é o modelo ideal? Quais são os aspetos menos positivos que vê neste modelo de formação de professores de educação especial?

Os modelos ideais não existem. Eu penso que aqui o que mais importa no meio de isto tudo é algo que não é muito debatido, mas mais importante que o número de horas, mais importante que a duração, mais importante que isso tudo, e por isso é muito mais difícil de medir, é o fator humano. É que em cada um de nós reside um conjunto de características que vão ser

determinantes para a nossa atividade letiva. E isso é muito difícil de ensinar, a ter essas características, é muito difícil de favorecer essas características nas pessoas. Há aqui alguma coisa que nos está a escapar a todos, imagino eu, que é de trabalhar precisamente uma adequação das pessoas àquilo que vão fazer. Mas ao mesmo tempo isso também pode restringir as pessoas de terem a liberdade de acederem à profissão, à atividade e, por isso mesmo, é complicadíssimo. É o fator humano.

Tem alguma sugestão a apresentar relativamente a este modelo de formação de professores de educação especial uma vez que funciona como pós-graduação, como especialização pós-graduada, pós-formação inicial? Tem alguma sugestão ou concorda com este modelo assim?

Hum... Com certeza que os modelos podem variar, com certeza que as instituições podem variar, aquilo que é determinante na formação são as pessoas que estão connosco: os nossos colegas, os nossos professores. Isso é mais importante do que... os conteúdos são importantes, mas não podemos esquecer este aspeto que é difícil de medir, que é como estava a referir há pouco. Mas não acho que seja isso que valida ou invalida a formação apesar de haver um conjunto de pressupostos legais que é necessário cumprir.

Para concluir, presentemente, se tivesse oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, concorreria?

Sim, sim, claro.

Mas, como primeira opção ou se estiver em igualdade de circunstâncias...

Não, não. Eu lembro-me de ter feito a pergunta e de ter respondido que continuaria na minha área, no meu grupo de recrutamento e continuo com a mesma opção. O que vejo na educação especial uma possibilidade de lecionar, mas vejo também que tenha essa motivação, essa força de vontade de ajudar esses miúdos.

Código da entrevista: EA7

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (32 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau acadêmico: Mestrado em administração e gestão escolar.

Formação inicial: Licenciatura em ensino básico, primeiro ciclo.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professora contratada.

Tempo de serviço global em ensino: 8 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim, sim, sim, sim.

Como sabe, em 2006, foi criado o grupo de recrutamento de educação especial e, sobretudo a partir daí houve um *boom* de oferta formativa mas também uma procura por parte dos professores dessa mesma formação. Quais os motivos que a levaram a frequentar esta formação?

Essencialmente, o saber dar resposta a este tipo de alunos. Portanto, conseguir planificar, definir estratégias, depois até mesmo em termos de organização documental, os PEI's, sinalização, roteiros, todo o tipo de material que estes alunos precisam para integrarem na educação especial e depois prosseguirem os seus estudos mediante as medidas que têm. E depois, por outro lado, também, é mais um grupo a que posso concorrer. Portanto, para dar resposta na minha prática enquanto professora do primeiro ciclo e também uma outra opção em termos de concurso.

No futuro, isto hipoteticamente, se tiver oportunidade de concorrer à educação especial, fá-lo-á? Em que circunstâncias?

Se tiver a oportunidade de concorrer à educação especial?

Por exemplo, se tiver a oportunidade ou em igualdade de circunstâncias o primeiro ciclo e a educação especial, por qual é que optaria?

O primeiro ciclo.

Relativamente às expectativas, no início deste processo de formação em educação especial, quais são as expectativas que tinha, que tem relativamente à formação em termos de conteúdos, de metodologias, de atitudes, de experiências a vivenciar? Quais eram, no fundo, as expectativas que tinha relativamente à formação?

Portanto, o que poderia retirar daqui?

Quando se inscreveu o que é que pretendia ou pretende receber, se é que se pode dizer assim, com esta formação?

Lá está aquilo que ainda há pouco referi. Todo o tipo de estratégias que eu possa implementar com este tipo de alunos, todo o tipo de trabalho que pode ser feito com este tipo de alunos mediante as problemáticas que são diversas, todo o suporte legal que está associado a estes alunos e toda a documentação que é necessário que estes alunos tenham para prosseguir os seus estudos.

Em termos de metodologia, tem alguma expectativa? Como depois intervir com os alunos?

Também como intervir é importante, lá está. Saber organizar-me de forma a dar resposta àqueles alunos.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente à frequência da formação especializada, qual é o balanço que faz neste momento face às expectativas que tinha inicialmente relativamente aos conceitos, por exemplo, de educação especial e inclusão, aos saberes, aos conhecimentos, eventualmente às metodologias, ao saber fazer, saber lidar com alunos com necessidades educativas especiais; eventualmente, também, atitudes, o saber ser. Qual é o balanço que faz?

Ora bem, o balanço é positivo. Realmente, tudo aquilo que disse, consegui verificar no decorrer deste curso. No entanto, penso que seria importante, também, o curso contemplar uma parte mais prática, ou seja, uma componente em que nós possamos ir a unidades, a centros de reabilitação, e ver a prática, estar mesmo na prática. É a única situação que eu acho que falta um bocadinho.

Esta formação teve ou irá ter impacto na sua atividade enquanto docente?

Sem dúvida. Sim, sim, sem dúvida. Sem dúvida. Adquiri conhecimentos que realmente não tinha e, perante isso, consigo dar uma resposta mais eficaz no meu dia-a-dia enquanto profissional, enquanto professora do ensino regular. Houveram conhecimentos que eu adquiri aqui que me são úteis no dia-a-dia.

Sente-se preparada para exercer funções letivas na educação especial?

Eu penso que sim, mas, lá está, só mesmo na prática é que uma pessoa tem a noção daquilo que faltou. Portanto, eu neste momento penso que sim.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, como sabe os professores têm a formação inicial e depois funciona na modalidade de pós-graduação, neste caso especialização. Como é que caracteriza a formação que recebeu face à prática letiva em educação especial? Ou seja, para simplificar a questão, quais são os aspetos, já referiu, mas quais são os aspetos mais positivos, menos positivos dentro deste modelo de formação? Agora não tanto a formação que recebeu aqui mas o modelo em si de formação. Concorda com este modelo? Acha que podem ser introduzidas alterações?

Logo à partida, penso que este tipo de formação que eu recebi devia estar contemplado na formação inicial, logo à partida. Basicamente, é isso.

Depois funcionar uma especialização...

Mas mais diretiva. Mas a formação que eu tive no âmbito das necessidades educativas especiais, eu acho que era importante estar contemplada na formação inicial. Sim. Eu tive uma cadeira, porque eu tirei a licenciatura aqui, tive uma cadeira de necessidades educativas especiais mas foi uma cadeira, acho que até semestral, portanto, de curta duração, e realmente não tive, não recebi dali o material necessário, entre aspas, para a prática. Ou seja, só na minha prática docente é que consegui lidar e aprofundar os conhecimentos no que concerne às necessidades educativas especiais. Logo, eu acho que na formação inicial deveria contemplar esta parte de formação. E, numa fase de pós-graduação, ser mais específico.

Para determinadas áreas?

Exatamente.

No fundo, já respondeu à questão que lhe ia colocar a seguir, que tem a ver com o modelo. Que sugestões é que propõe para a formação em educação especial, para a formação de professores de educação especial?

Também já disse, aquela componente prática. É muito importante nós estarmos no terreno, presenciar o dia-a-dia de um professor de educação especial. Portanto, ter contacto mesmo com as crianças, ter contacto com todo o processo burocrático a nível de papéis. É importante isso e falha isso. Porque, por exemplo, eu tive a oportunidade de fazer uma visita ao centro de reabilitação, mas fui eu e outra colega. Mas era importante, em contexto de pós-graduação, existir uma parte prática, essencialmente prática para nos preparar a lidar com, neste caso, as unidades, centros de reabilitação. Estar mesmo ali.

Presentemente, se tiver oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, fá-lo-á? Se estiver em igualdade de circunstâncias com o grupo da formação inicial?

Lá está, opto pela formação inicial mas, se ficar colocada no grupo 910, também não fico descontente, até porque a ideia que eu tinha inicialmente é diferente. Acabei por gostar mais deste tipo de intervenção. Agora só mesmo a prática é que vai dizer o resto.

Código da entrevista: EA8

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (37 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Mestrado em contabilidade e administração.

Formação inicial: Bacharelato e Licenciatura com formação em serviço no grupo 430 - economia e contabilidade.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Sou formadora do Instituto de Emprego e Formação Profissional - regime de trabalhadora por conta própria.

Tempo de serviço global em ensino: Estou no ensino desde o ano 2000, 12 anos, Instituto de Emprego e Formação Profissional e escolas.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Eu estive e estou essencialmente com ensino mais avançado. Antes desta experiência no Instituto de Emprego só fui professora no ensino secundário mas em percursos profissionalizantes, alunos que naturalmente apresentavam dificuldades de aprendizagem específicas que os impediam de ter currículo comum. Já vinham para as alternativas cursos de educação e formação de adultos, ensino profissional. Eles nunca foram referenciados como alunos com necessidades educativas especiais, mas eram alunos com tantas dificuldades que lhes impossibilitava de seguir um ensino abstrato, terem matemática normal e quantidade das disciplinas do dito ensino regular. Por outras palavras, eu acho que na minha vida toda só tive uma turma que considereei que os alunos tinham capacidades normais para ensino comum. Eu só trabalho com alunos com necessidades especiais, não referenciados.

Em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial e, a partir daí, houve muita oferta de formação nessa área assim como também houve muita procura dessa formação por parte dos professores. Quais são os motivos que a levaram a querer frequentar esta formação em educação especial?

Além de tentar compreender melhor os meus alunos que tive até hoje, nunca os tinha pensado na perspectiva de pessoas a precisarem de um ensino mais individualizado, também é a possibilidade de sair do regime jurídico em que estou do ponto de vista profissional. Porque estou numa situação profissional que tem alguma estabilidade, com certeza, já faço parte de uma equipa pedagógica. Do ponto de vista de relação jurídica, é extremamente precário e é a minha possibilidade também de voltar ao ensino com mais garantias e mais estabilização, pensando também na minha parte pessoal.

Posteriormente, se tiver oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, concorre? Em que circunstâncias?

Sim.

Por exemplo, se estiver em igualdade de circunstâncias economia e educação especial, por qual deles é que optaria?

Eu não digo tanto e tenho de ser correta a responder. O grupo disciplinar de economia e contabilidade praticamente desapareceu com a eliminação ou redução drástica de oferta formativa no ensino normal de cursos profissionalizantes. Eles foram entregues ao instituto de emprego. É por isso que eu no instituto de emprego dou trinta horas letivas por semana e no ensino público não conseguia sequer um horário minúsculo de sete ou oito horas semanais. Portanto, respondo desta maneira, se a minha opção for ter uma vida mais estável com um vínculo jurídico mais favorável é no ensino especial.

Relativamente às expectativas, no início do processo de formação em educação especial, quais eram as expectativas que tinha e tem ainda, relativamente à formação em termos de conteúdos, de metodologias, de atitudes, de experiências a vivenciar? Quais eram as expectativas?

As minhas expectativas eram essencialmente do ponto de vista humano. Eu sou professora, e sempre fui, em área muito técnica. Senti sempre, naturalmente, a rejeição dos alunos porque são coisas, não era comigo, diziam sempre, a parte contabilística, a parte do cálculo financeiro com alunos com dificuldades de aprendizagem específicas, porque têm, era um bocadinho cruel. E com esta pós-graduação interessa-me muito entender a parte mais humana, senti-los felizes, porque, à partida, o objetivo desta pós-graduação é dar conhecimentos aos professores para que a vida destas pessoas especiais sejam

significativamente agradáveis de viver. Está muito longe da imposição de raciocínios matemáticos e teorias de gestão para serem uns hipotéticos técnicos de contabilidade ou de gestão ou de apoio administrativo. Esse link para a parte humana, para mim, que sou de uma área do mais técnico e abstrato possível, que me faz muito bem. E é essa a perspectiva, é humanizar-me.

Mas espera, também, sair daqui com o dito “saber fazer”, metodologias para poder intervir em contexto real?

É muito importante, na minha ótica, esta pós-graduação para conseguir links se eu precisar disso. E esses links passam do ponto de vista concreto pelo acesso à documentação técnica, como é que ela se faz, mas também criar a rede social, quer de pessoas que já estão com mais formação, quer de colegas meus de grupos disciplinares, porque do meu grupo disciplinar está uma senhora que não está no ensino, está na função de direção, e estou eu. Até tive vergonha quando me apresentei porque uma pessoa de economia e contabilidade o que é que está aqui a fazer. Mas interessa muito a rede social que eu enquanto formadora e enquanto professora nunca criei porque não tínhamos alunos nem esse tipo de conhecimento. Era mais prático dizer que o nosso aluno é o “cabeça de puré”. E porquê? Isso não interessa porque não aprende nada. Não interessa muito se ele vai aprender. O que é importante é que o temos de despachar, arranjar formas e estratégias fáceis, mas temos é de o despachar. Portanto, eu neste curso vou conseguir ter a rede pessoal de pessoas que pensam de maneira dramaticamente diferente favoravelmente aos alunos e ter o acesso à bagagem, à parte técnica que na minha área de formação nunca foi falado. Portanto, acima de tudo, é criar os atalhos. Se eu tiver a oportunidade de experimentar, há pessoas, recursos que eu sei onde estão localizados.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente à frequência da formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz agora tendo como ponto de partida as expectativas que tinha inicialmente? Correspondeu, não correspondeu, relativamente aos conteúdos abordados; às metodologias, o saber fazer, metodologias no sentido de intervenção junto dos alunos; eventualmente às atitudes; experiências; qual é o balanço que faz?

Faço um balanço positivo, embora isto é uma formação muitíssimo curta e as disciplinas que ficaram mais para o fim acabaram por constituir uma desilusão, principalmente uma disciplina que eu tinha alguma expectativa, que tinha a ver com a avaliação da funcionalidade, a chamada avaliação curricular e desenvolvimento, no fundo era trabalhar com a CIF. Acabou por ser um bocadinho, não foi tão proveitoso porque, por um lado, já estávamos muito cansados, por outro, a metodologia que se utilizou foi muito teórica, e quando finalmente se chegou às aulas práticas, os exercícios eram sempre muito longos,

ficavam sempre para a aula seguinte e a certa altura os professores até se esqueceram de corrigir os exercícios. Mas isso era um cansaço generalizado, quer do grupo, quer dos professores também. Isto foi uma maratona, foi curto mas foi muito sofrido, muito intenso.

Acha que devia ser mais longo, digamos, que a carga horária distribuída por um período mais longo?

Isso também não cumpria os objetivos. Nós estamos a falar num batalhão de pessoas que luta pela sobrevivência. Muito importante concluir as coisas a tempo do concurso. Não era possível obter mais, cada vez mais com cada vez menos, não é possível. Optou-se por prazos. Se é prazos, tudo o resto anda a reboque.

Então, digamos, que em síntese, esta formação correspondeu às suas expectativas?

Sim, sim. O que se pretendia era a habilitação para poder continuar a trabalhar ou voltar a trabalhar ou aproximar-se ou conseguir ter um horário maior. Os *timings* sendo cumpridos, doze de abril, entrega, nã, nã, nã... se os diplomas cumprirem, que é chegar a tempo dos concursos, o objetivo do grande grosso seria este. Para mim, também digo, eu estou extremamente cansada, não aguentava mais uma semana disto.

Qual é o impacto desta formação para a sua atividade docente, quer enquanto docente do grupo de recrutamento para o qual tem formação inicial, quer, eventualmente, para a educação especial? Qual foi o impacto desta formação?

Para mim foi muito importante. Eu trabalho para o Instituto de Emprego e Formação Profissional, eu passo todos os meus dias com pessoas que não têm ocupação, que estão muitas vezes obrigados. Muitos deles têm dificuldades grandes de aprendizagem. Hoje já as consigo perceber e ver que de facto é preciso haver cada vez mais uma adequação das matérias às pessoas, nomeadamente à sua bagagem cultural, nomeadamente se de facto não houve já um défice cognitivo que nunca foi diagnosticado e depois foram para as fábricas e depois regressaram das fábricas para a escola. A escola que nunca lhes disse nada muitas vezes tem como substrato esta não identificação com a cultura dominante que a escola tradicional traz e depois mesmo défices cognitivos ligeiros. Tem que se adequar cada vez mais as matérias às pessoas. Foi essa a grande lição que tirei deste curso.

Nesta fase final do processo de formação, como é que caracteriza a formação que recebeu tendo por referência a prática letiva, ou seja, qual é o grau de formação que tem ou que teve durante esta formação; que mudanças de conceções e de práticas letivas é que existem, eventualmente? No fundo, quais os aspetos mais positivos e, eventualmente, os menos positivos desta formação?

Eu encaro este curso, apesar de ser de seis meses, como uma ação de sensibilização. Encontro-me mais aberta e conheço melhor o vocabulário destas áreas. Quando falarem em termos específicos, dentro das necessidades educativas especiais, já não é completamente fechado para mim, já me diz alguma coisa. Acredito que terei muita dificuldade na construção dum tal projeto educativo individual, dum currículo específico individual, terei muitas dificuldades, porque acredito que isso só irei aprender quando estiver na prática. Mas sei exatamente quais são os livros e as legislações e até eventualmente pessoas que me poderão ajudar nesse domínio.

Deduzo que ainda não se sente totalmente preparada para exercer atividade docente em educação especial?

Com certeza. Serei uma estagiária numa primeira etapa rezando para que tenha um bom orientador no terreno.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, que é o tal modelo de pós-formação inicial. Qual é a sua opinião sobre este modelo ou este processo de formação de professores de educação especial? Pensa que é o modelo adequado? Poderia ser alterado, eventualmente? Aspetos que poderiam ser alterados?

[Silêncio]

Para o seu grupo de recrutamento, teve a formação inicial, a licenciatura em determinada área. Para educação especial, requer uma formação inicial acrescida desta formação especializada, digamos que pós-formação inicial. Concorda com este modelo de formação de professores de educação especial? Qual é a sua opinião?

Olhe, o que eu acredito, até por aquilo que aprendi no curso, o que está a acontecer é que a sociedade resolva os seus problemas. Quer dizer que sítios especiais para fazer as coisas tendem a acabar por muitos motivos, até por questões económicas. O que eu acredito é que este modelo vai passar a fazer parte de um ciclo inicial, porque se se quer que a escola regular resolva, vai-se tender cada vez mais a que os chamados professores do ensino regular resolvam. E esta formação fará parte da ementa deles já em contexto inicial. Penso que esta solução pós-estudos é uma solução temporária, porque a maior parte dos docentes efetivos deste país tem vinte anos de serviço, é um remendo. Entende, é uma situação provisória. O caminho não será este. O ensino especial, como existe e nós o entendemos, tenta diluir-se no ensino regular.

Isso é positivo?

É assim, se a sociedade for verdadeiramente inclusiva, que é o que se pretende, os professores de ensino especial farão sentido se calhar em muito menos casos dos que existem

hoje. Entende? Porque se tudo for verdadeiramente inclusivo, se a sociedade for verdadeiramente inclusiva, há muita deficiência do ponto de vista funcional que já não tem tanta limitação. Se tudo for mais adequado naturalmente e se eu enquadrar o meu aluno independentemente se não tem este, tem este problema, blá, blá, acontecer um conjunto de estratégias capazes de lhe irem respondendo a esses problemas, a educação especial acaba por perder a importância que tem hoje. Nós ainda estamos na idade da pedra para chegarmos aqui.

Vou-lhe repetir uma questão que coloquei na primeira fase, em que vim cá pela primeira vez. Presentemente, se tiver oportunidade ou se vier a ter oportunidade de concorrer a educação especial, concorre? Em que circunstâncias?

No meu grupo disciplinar, eu dificilmente conseguirei colocação no ensino normal. Portanto, se o meu objetivo, acho que respondi objetivamente desta maneira, se o meu objetivo for voltar para as escolas ditas de ensino normal, deixar este contexto profissional que eu tenho, é a minha única porta de entrada, se entretanto não mudarem as legislações. Mas se as coisas ficarem como estão até hoje, é a minha única possibilidade de voltar para o ensino dito normal. Portanto, sim, com certeza.

Mas se estivesse em igualdade de circunstâncias a educação especial e a sua formação inicial, partindo dessa possibilidade, claro, por qual é que optaria?

Eu sou da contabilidade mas sou muito humanista. Com certeza que ia experimentar isto porque penso que é uma hipótese de nós trabalharmos numa perspetiva mais individualizada, de ter uma prática diferenciada. Em áreas muito técnicas, muito áridas, como é a minha, isto é uma gota no deserto, é maravilhoso. Portanto, sim, esta passaria à frente da minha área de base que é economia e contabilidade.

Código da entrevista: EA9

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (39 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Mestrado em ensino de espanhol pós-Bolonha.

Formação inicial: Licenciatura em francês/inglês.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professora contratada.

Tempo de serviço global em ensino: 14 anos, 10 em tempo de serviço.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim, sim, sim, sim.

Em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial e sobretudo a partir daí houve muita oferta formativa mas também muita procura por parte dos professores dessa formação. Quais são os motivos que a levaram a frequentar esta formação?

Durante quatro anos estive colocada numa escola em Felgueiras em que lidei com muitos miúdos efetivamente com necessidades educativas especiais e gostei. Ou seja, inicialmente achava que não era capaz porque já quando tirei espanhol estava na dúvida entre espanhol e educação especial só que na altura estava a dar explicações a um miúdo cuja mãe era professora de educação especial e ela trabalhava nas unidades e ela pintava-me aquilo de uma maneira que eu achava que não era para mim. Tirei efetivamente o espanhol. Durante quatro anos, quando estive em (...), gostei, gostei mesmo muito. Depois eu própria também tenho uma deficiência motora. Acho que havia uma boa empatia, gostei de trabalhar com eles e acho que consegui um bom trabalho.

Mas também há a questão profissional?

Depois também há a questão profissional, de facto. Mas, quer dizer, no espanhol não estou mal. Quer dizer, também é para trabalhar no 910mas é sobretudo porque gostei mesmo, fiquei rendida.

Se tiver oportunidade de concorrer à educação especial, fá-lo-á no futuro?

Sim.

Em que circunstâncias? Por exemplo, se tiver espanhol e educação especial, por qual é que optará?

Primeiro educação especial. Embora goste de espanhol, porque sou professora de línguas, mas, efetivamente, não sabia o que era trabalhar com crianças, não sabia.

Relativamente às expectativas quanto à formação. No início desta formação, quais eram as expectativas que tinha em relação à formação em termos de conteúdos, de metodologias, de atitudes eventualmente e de experiências?

Não sabia ao certo. Há formações muito díspares, sei que há escolas em que é mais fácil, menos fácil. Não pensei que fosse tão trabalhoso. A entrega dos trabalhos é.

Mas o que esperava em termos de conhecimentos?

Adquirir conhecimentos, de saber como lidar com as crianças. Uma das partes que me assusta é saber se vou conseguir lidar com as diferentes deficiências dos alunos, ou seja, cada deficiência vai precisar de uma resposta, e acho que eles vão-nos preparar efetivamente em termos de metodologias de intervenção. Exatamente.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente às expectativas iniciais, esta formação correspondeu ou não a essas expectativas iniciais?

Correspondeu na totalidade, sim. Foi muito benéfico e muito enriquecedor para a minha formação.

Em termos de metodologias, sente que foram abordadas as metodologias, o saber fazer, os conteúdos, eventualmente as experiências também vivenciadas?

A metodologia foi ótima. Permitiu-nos ter umas achegas em relação a muitos aspetos. Foi muito enriquecedor e deu-nos uma boa preparação.

E qual é o impacto desta formação na sua atividade docente, quer como potencial professora de educação especial, mas também como professora do grupo de recrutamento ao qual pertence?

Foi muito benéfica e enriquecedora. Inclusive, eu tive uma experiência que foi nestas reuniões de avaliação, em que fui chamada para uma reunião especial, extraordinária, para um aluno que tem currículo específico individual e em que foi apresentado, em que apresentaram uma situação, e quando estavam a falar do aluno eu pude estar dentro do assunto e permitiu-me uma aproximação em relação ao aluno, uma sensibilidade diferente, digamos.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, que é na modalidade de pós-graduação, como é que caracteriza a formação recebida nesta

formação, em termos de grau de preparação para a prática letiva, eventuais mudanças de concepção e de prática letiva, os aspetos mais e menos positivos?

Portanto, a nível de preparação, eu acho que foi boa e adequada. Falta-nos efetivamente a parte prática. Só para o próximo ano é que poderei ver até que ponto efetivamente faltam aquele cunho pessoal. Mas também em seis meses é muito difícil poder abordar quer a teoria, quer a prática. O único senão que eu diria destas pós-graduações é, se calhar, haver uma uniformização dos graus de exigências nas outras instituições todas. Isto é o meu único...

Sugestões que propõe para a formação em educação especial passam por aí, então, introdução de parte prática... mais prática.

Mais prática.

Mais tempo, eventualmente?

Mais tempo, sim. Seis meses, é muito pouco. Acho que seis meses, é muito pouco. São poucas horas... eh... abordar mais situações concretas, de casos de, perante um aluno, o que é que nós podemos fazer. Isso foi abordado mas foi mais na teoria. Eh... É válido mas depois falta efetivamente...

E então, hoje, atualmente, se puder concorrer à educação especial, concorre? Em que circunstâncias?

Concorro. Concorro em pé de igualdade com os outros grupos disciplinares para os quais possuo habilitação.

Se estiver em pé de igualdade educação especial e, penso que é línguas, por qual vai optar?

Educação especial. Acho mais interessante. É verdade.

Código da entrevista: EA10

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (46 anos)

Sexo: Masculino.

Habilitações

Grau académico: Mestrado pré-Bolonha.

Formação inicial: Línguas e literaturas modernas, variante de estudos portugueses.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professor contratado.

Tempo de serviço global em ensino: 15 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim, já.

Como sabe, em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial e a partir daí, sobretudo a partir daí, houve muita oferta de formação mas também muita procura por parte dos professores, dessa formação. Quais foram os motivos que o levaram a querer frequentar formação especializada em educação especial?

Empregabilidade. Tornar a minha situação de emprego mais acessível.

Ter, no fundo, outra possibilidade? Ter mais possibilidades de emprego.

Exatamente, mais uma janela de emprego.

Relacionado um pouco com isto, posteriormente, evidente que é a posição que tem neste momento, posteriormente, se tiver oportunidade de concorrer à educação especial, fá-lo-á?

Com certeza. O objetivo é esse, concorrer.

Mas se estiver em igualdade de circunstâncias concorrer a português ou a educação especial?

Se... Eh... Se, se, se for em igualdade de circunstâncias, isto é, se houver um horário de português igual a um horário de educação especial, prefiro português, escolho português.

Ainda está no início da formação, quais são as suas expectativas relativamente a esta formação? Relativamente aos conteúdos que espera serem abordados?

As expectativas são... estão vindo a decrescer. Em vez de... Repare... As expectativas são em termos...

O que é que espera daqui, do curso, em termos de conteúdos, por exemplo? Metodologias?

Espero que... Espero que haja realmente, que me abram assim umas portas em termos de conhecimentos nesta área e que me seja útil, que me seja útil, e está a ser útil. Está a ser útil. Mas a partir de uma certa altura parece que estamos a mastigar sempre as mesmas coisas. É só a única... Abre portas, sem dúvida, está a ser útil, eu já defendi que todos os professores, quer sigam a educação especial ou não, deveriam ter esta... esta formação, não sei se pós-formação ou esta formação, mas, a partir de uma certa altura, parece que estamos aqui a mastigar, a mastigar conceitos, e... enfim, alguns conceitos, desiludiu-me um bocado. Não sei se faz parte do âmbito desta entrevista.

Pode dizer o que entender! O objetivo não é avaliar este curso em si!

Exato.

Mas espera sair daqui com conhecimentos na área da educação especial?

Espero sair daqui com conhecimentos e estou a tê-los, estou a adquiri-los.

Relativamente à metodologia, às metodologias adotadas, quais são as suas expectativas? Metodologias para vir depois a trabalhar, eventualmente, em educação especial?

São poucas e penso que não se adequam. Não estou a ver, não estou a ver que estas metodologias do ponto de vista teórico sejam facilmente adaptáveis à prática. A esse nível, são expectativas muito reduzidas.

Pensa que faltam experiências em contexto, nesta formação?

Faltam experiências em contexto e foca muito... foca muito uma área de ensino muito do primeiro ciclo, muito crianças mais pequenas, não é?, e que não alarga para outros ciclos mais avançados, para o terceiro e para o secundário. Penso que toda esta perspetiva metodológica e teórica está vocacionado, o enfoque é mais para criancinhas do primeiro ciclo.

Pensa que é uma lacuna não existir essa metodologia do trabalho em contexto, de contactar com alunos com necessidades educativas especiais, eventualmente, ou isso já é colmatado...

Penso que seria difícil, não estou a ver... não estou a ver como é que... não estou a ver como é que seria possível irmos a uma escola todos ou então trazer aqui um miúdo... Também não era... Tem de ser mesmo assim.

Então, em termos de experiências, o curso não permite... Experiências, aqui poderíamos analisar, eu sei lá, análise de casos, observação de casos, eventualmente recorrendo ao multimédia, sei lá, debate de situações...

Tem havido debates, tem havido debates... Mas todos os debates são... são pré-determinados. Quer dizer, há... O paradigma aqui agora é escola inclusiva e parece que não há lugar para questionarmos isso. É isso que eu questiono um bocado, isso... admito, estou de acordo obviamente com a inclusão, mas parece que aqui não muito lugar para pôr isso em causa, a escola inclusiva. Ainda agora estava a falar a uma colega até que ponto alguém pergunta a um aluno que está numa turma, por exemplo, dez anos, no quinto ano, que está numa turma e tem consciência das suas dificuldades, se esse aluno, com essa consciência que ele tem de si próprio, que é um aluno especial com deficiências de aprendizagem ou dificuldades de aprendizagem, se esse aluno se sente feliz na turma. A questão é... parece que tudo isto é feito para os investigadores se sentirem felizes. Acho que... é isso. Um aluno inserido numa turma com essa consciência de dificuldade de aprendizagem sente-se feliz na turma? Se ele não se sente feliz, isso não é inclusão. Porque a questão é um bocado assim, para mim, o conceito de inclusão passa sobretudo pelo aluno se sente infeliz ou não. Passa também pelo conceito de felicidade do aluno. Está a entender? A mim não... Eu não... Ver um aluno incluído, ia a dizer integrado, parece que também é uma palavra proibida, ver um aluno integrado numa turma ou incluído numa turma com os professores satisfeitos ou com toda a gente satisfeita porque o aluno... estamos aqui no paradigma da escola inclusiva, e ver que o aluno não é feliz, precisamente por ter testes diferentes, porque quando ele está a ler os colegas fazem, porque a professores, enfim, não consegue também dar-lhe a devida atenção, para mim isso não é inclusão. É só isso, é um bocado assim.

2.ª Fase da entrevista

Agora que está a concluir a formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente e quais as considerações que tem neste momento, sobretudo em termos de conceitos de educação inclusiva, inclusiva; de conteúdos, saberes, conhecimentos que adquiriu; metodologias, saber fazer, aprender metodologias específicas de intervenção; atitudes; experiências? Qual é o balanço relativamente às expectativas que tinha inicialmente e as considerações atuais?

O balanço que eu faço é positivo. Eu não tinha grandes expectativas inicialmente porque era uma área que eu estava a descobrir, apesar de ser professor, mas via sempre a educação especial como um mundo à parte dentro das escolas e via erradamente. Portanto, a minha aprendizagem essencial que eu fiz nestes seis meses foi realmente verificar que a minha visão da educação especial dentro de uma escola estava completamente errada. Nesse sentido, nesse sentido... aprendi e anexei conceitos que me são úteis para enquanto futuro professor de educação especial mas também conceitos que me são úteis enquanto professor, eh...

enquanto professor, enquanto professor de outras áreas disciplinares. Eh, portanto, e esse paradigma, que é o paradigma da inclusão, realmente da escola para todos, é, digamos, o que mais positivo sai desta... desta minha aprendizagem. Evidentemente que também sei e reconheço que entre o que se passou aqui no plano teórico e depois no trabalho em campo, no terreno, há uma diferença muito grande... eh, e sei também, ou tenho essa percepção, que irei, no fundo, irei começar um bocado... irei começar de novo... irei começar uma nova aprendizagem, não é?, no que diz respeito ao terreno. E é isso que... Digamos que encerrei uma aprendizagem e a partir de outubro ou setembro irei começar uma nova aprendizagem, um novo curso, digamos.

Então, qual é o impacto desta formação para a sua atividade profissional? Sente-se preparado para, por exemplo, vir a exercer funções na educação especial?

Ehhh.... Não. Não me sinto preparado. Quer dizer... Repare bem, é como lhe disse... Sentir-me preparado, não! Mas eu acho isso positivo. Quer dizer, no fundo, eu vejo isso de não me sentir preparado, não vejo isso como um aspeto negativo mas, como lhe disse, sinto-me sobretudo aberto ou preparado para iniciar um novo curso de terreno, não é? E é evidente que... sinto-me mais preparado do que há meio ano atrás, como é obvio. Mas penso que o espaço que me abriu este curso foi realmente reconhecer que há todo um mundo de aprendizagem ainda para absorver, não é?

Pegando um pouco nesta linha, nesta fase final do processo de formação em educação especial, como caracteriza a formação recebida face à prática letiva nesta modalidade? Acabou já por aflorar isso um pouco. Quais os aspetos mais e menos positivos? Qual o grau de preparação para a prática letiva, embora já tenha referido? Se ocorreram mudanças na conceção e na prática letiva? Quais os aspetos mais significativos e menos positivos, se é que há aspetos menos positivos nesta formação?

Os aspetos positivos, realmente... o preparar, o abrir horizontes que eu desconhecia a respeito da educação especial e a respeito da inclusão, o conceito da escola inclusiva. Isso é sem dúvida um aspeto positivo. É evidente que o aspeto negativo desta pós-graduação tem a ver... é um bocado... não sei se estrutural, se conjetural, porque tem a ver mais com uma carga que, a meu ver, foi excessiva de trabalhos... eh... enfim, a quantidade de alunos foi também muito grande o que originou, realmente, umas trapalhadas que, é evidente, eu posso considerar naturais. Agora, é evidente que o que recebi a nível de conceitos foi positivo, foi positivo, sem dúvida que sim. E também, a meu ver, já agora, a meu ver, acho que em termos de áreas disciplinares não creio que a importância das diversas áreas, penso eu, que está mal distribuída. Nomeadamente em áreas disciplinares de carácter mais prático. Mais prático no sentido de tecnologias de apoio e sistemas de apoio à comunicação. Acho que teve uma carga, uma importância demasiada.

É? Foi sobrevalorizada, neste caso?

Sobrevalorizada, neste caso. Penso que sim.

E houve algum aspeto, alguma área que não tenha sido afluada ou abordada ou devidamente abordada na sua opinião?

Não. No geral, não. As áreas foram abordadas todas foram importantes e...

E que sugestões é que propõe para, eventualmente, melhorar o processo de formação de professores de educação especial?

Ehh... fff...

Concorda com este modelo de formação de professores de educação especial que é, no fundo, na modalidade de pós-graduação, posterior a uma formação inicial? Ou poderia, na sua opinião, decorrer segundo um outro modelo?

Eu só conheço este modelo aqui (...). A mim, é-me difícil realmente responder a isso...

A formação dos professores de educação especial é este modelo, que é a formação inicial e depois na modalidade de pós-graduação. Imagina ou acha que poderia haver outro modelo que se poderia adaptar ou adotar na formação em educação especial ou este?

Mas está a falar na formação em educação especial ou na formação de professores?

A formação de professores de educação especial segue este modelo que é: os professores têm a sua formação inicial num grupo de recrutamento que não a educação especial e depois frequentam uma pós-graduação que lhes dá qualificação para a educação especial. Concorda com este modelo? Acha que poderia ser alterado? Tem propostas a apresentar a este modelo ou sugestões para melhorar?

Não sei se a minha resposta vai ao encontro da sua pergunta, mas eu acho que... eu acho que a formação, a formação devia ser, a formação para, no sentido de... mesmo de educação especial, devia estar presente em qualquer área, em qualquer grupo, área de estudo. Portanto, acho que qualquer professor, desde o primeiro ano de um curso de ensino, devia ter já de raiz essa formação, devia cadeiras relacionadas especificamente com a educação especial porque realmente a escola, os alunos com necessidades educativas especiais fazem parte da escola. Não há razão nenhuma para que os professores de outros grupos de recrutamento não tenham, em termos teóricos, essa realidade nos seus cursos. Portanto, a mudança deveria ser uma mudança de raiz, em todos os cursos. E depois, eventualmente...

depois, eventualmente, quem quisesse seguir para educação especial teria outras especificações.

Presentemente, se tiver oportunidade de concorrer ao grupo de recrutamento de educação especial concorre? Já lhe coloquei esta questão da outra vez. Se tiver em igualdade de circunstâncias o grupo de recrutamento da formação inicial e a educação especial, por qual é que optará?

Se estiver em igualdade de circunstâncias? Eehhh... Neste momento, vamos lá ver uma coisa, se eu projetar... Repare, neste momento, possivelmente escolheria... possivelmente não, escolheria educação especial. No entanto, se me dissesse assim: escolherias educação especial para toda a vida, neste momento, para ficar toda a vida? Ou escolherias português para ficar toda a vida? Aí escolheria português. Sei as linhas com que me coso, não é?, e é a minha área de raiz. Agora... Mas neste momento e como... como experiência a desenvolver com vista a um futuro e com vista, como lhe disse, acho que, neste momento, eu quero é iniciar um novo curso de experiência prática, não é?, e... escolheria educação especial. Agora, se me perguntasse: olhe, essa escolha é para toda a vida, aí já não porque realmente não sei, é um campo ainda em aberto, não é? E é isso a grande vantagem. No fundo, a aprendizagem que eu recebi aqui, a grande vantagem desta minha pós-graduação, ou desta minha especialização, tem a ver realmente com, com... com o reconhecimento que isto é um campo em aberto, é um campo que está completamente aberto para mim. E é um campo aberto que é um grande ponto de interrogação. Não é assustador, não é assustador, não me assusta, mas, sinceramente, não sei ainda o que me pode esperar. Isso é positivo, vejo isso como uma coisa positiva, porque mal seria se eu soubesse o que é que me espera.

Código da entrevista: EA11

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (41 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: Ramo educacional, licenciatura em línguas e literaturas modernas, português e alemão.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Desempregada, aguardo colocação.

Tempo de serviço global em ensino: 15 anos

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim.

Como sabe, em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial. Sobre tudo a partir daí, porque já havia formação antes, já existe há muitos anos, mas sobretudo a partir daí houve um boom de oferta formativa e também houve muita procura por parte dos professores dessa formação. Quais são os motivos que a levaram a frequentar esta formação?

Essencialmente dois. Já me tinha passado pela cabeça ter que investir a esse nível porque na minha área de português é uma daquelas em que os alunos com necessidades educativas especiais recorrem em aulas de ensino personalizado, etc, e eu, por vezes, não conseguia gerir muito bem o que eu tinha de ensinar, a forma de transmitir os conhecimentos, etc. Eu achava que precisava de encontrar uma formação que me viesse ajudar nesse sentido. No entanto, nunca o fiz. Este ano, como por força das circunstâncias eu tive que parar e parar para mim é uma novidade, eu pensei é agora. É agora e também vou alargar o meu leque de opções de colocação profissional. Foi nesse sentido.

Futuramente, se tiver oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, fá-lo-á? Em que circunstâncias? Em que contextos?

É minha intenção concorrer também ao grupo de educação especial.

Mas se tiver em igualdade de circunstâncias português ou alemão e educação especial, por qual é que optará?

Eu gostava de optar pelo 910 até pela novidade que isso constitui porque, como esta especialização não tem um estágio, eu acho que seria a oportunidade de eu fazer esse estágio. Porque por muita teoria que nós aqui tenhamos e daquilo que vou conversando com outras pessoas que fizeram também essa especialização, é que só o terreno é que nos vai dando formação contínua. Por outro lado, aquela insegurança do não saber fazer tão bem e de me sentir mais confortável no grupo que eu já conheço desde sempre, a decisão é um bocadinho difícil. Eu julgo que para ter a noção de onde é que eu me sinto bem e se sou capaz de estar igualmente bem nas duas situações, eu acho que tenho mesmo e quero mesmo experimentar o 910.

Relativamente às expectativas. No início deste processo de formação, quais eram as expectativas que possuía e possui relativamente à formação, em termos de conteúdos, de metodologias, de atitudes, de experiências a vivenciar? O que é que espera desta formação?

Para já uma preparação para todo o percurso burocrático que eu sei que isto exige. E depois também pelas experiências partilhadas, começar a contactar com diferentes estratégias de atuação, de intervenção para facilitar um bocadinho depois o meu trabalho.

Mas também espera sair daqui com um leque de conhecimentos específicos nesta área?

Sim, mas eu digo que essa parte se calhar é a mais fácil e está ao nosso alcance. Se nós investirmos, estudarmos, pesquisarmos, nós chegamos lá. Agora, depois, as aplicações práticas e o confronto com a realidade no terreno, acho que essa elasticidade que nós não temos e que não se busca nos livros, acho que só contactando com quem faz disto uma prática corrente.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente à formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz agora, tendo como ponto de partida as expectativas que tinha inicialmente? Esta formação correspondeu às suas expectativas em termos de conteúdos, metodologias, atitudes?

Correspondeu relativamente às expectativas de formação ou amadurecimento pessoal. Portanto, eu considero que tudo aquilo que eu aprendi, foi uma mais-valia principalmente no que ao crescimento diz respeito. Eu também achava que estava um bocadinho estagnada, já não frequentava este tipo de formação mais prologada no tempo há uns anos, e senti que isto veio mexer com todas as estruturas enquanto profissional. Isso sim. Agora, relativamente à ideia que eu tinha quando terminasse esta especialização, que seria capaz de lidar com todos os constrangimentos da educação especial, não. Efetivamente, não. Acho que foi fundamentalmente teórico, pouco voltado para questões práticas e até burocráticas do dia-a-dia do exercício da profissão. Nesse aspeto, as expectativas não ficaram assim tão satisfeitas.

Mas apesar disso esta formação teve ou vai ter impacto na sua atividade docente, quer hipoteticamente em educação especial, quer no seu grupo de recrutamento inicial?

Vai porque pelo menos estou muito mais sensibilizada para determinados aspetos que eu, anteriormente, avaliaria de forma mais igualitária: a forma de encarar os alunos, observá-los, a forma de lidar com... Isso sem dúvida que vai alterar, sim.

Relativamente à formação também, ainda, nesta fase final do processo de formação, como é que caracteriza a formação recebida face à prática letiva em educação especial? Ou seja, qual é o grau de preparação que sente que tem para poder vir a exercer atividade docente em educação especial? Teve impacto ao nível das mudanças de conceções, práticas letivas? No fundo, quais os aspetos mais e menos positivos tendo em conta o desempenho de funções em educação especial?

Os aspetos mais positivos prendem-se com os conhecimentos de determinadas ferramentas que estão ao nosso dispor para. No entanto, eu tenho conhecimento delas, fiquei com uma noção de como é que são utilizadas, talvez como é que algumas se constroem, agora, usá-las na prática e saber exatamente em que momentos é que aquelas se adequam mais ou as outras, isso acho que ainda não atingi essa fase, não.

Sente-se preparada para exercer funções letivas em educação especial?

Sinto que estou sensibilizada para aquilo que eu tenho que fazer e depois, se vou ou não ser competente, acho que no momento só com muito esforço pessoal, com um trabalho em colaboração com outros colegas mais experientes, só aí é que realmente eu posso conseguir fazer um trabalho de qualidade. De outra forma, duvido.

Relativamente, então, ao modelo de formação dos professores de educação especial, que é pós-formação inicial, qual é a sua opinião acerca deste modelo? Pensa que está adequado? Poderia eventualmente ser reformulado? Que sugestões é que proporia para melhorar, se eventualmente não concorda com o modelo?

Eu acho que é demasiado curto. Nós precisávamos de mais tempo para mais aprendizagens, por um lado. Por outro, acho que faz falta, havendo esse tempo disponível, provavelmente teríamos a oportunidade de visitar determinadas escolas, lidar com as crianças e com os profissionais que já trabalham com elas, é quase como uma espécie de estágio, se é que me faço entender. Acho que isso era muito proveitoso. Neste curto espaço de tempo, para quem já tem muitos anos de serviço, vem apurar um bocadinho a forma de trabalhar com determinados alunos, mas com aqueles que à partida não nos vão colocar tantos problemas. Acho que aqueles miúdos com problemáticas mais complexas, com um impacto maior ao nível do rendimento académico, com um curso tão curto, eu não sei se nós ficamos efetivamente preparados para todas as contingências.

Mas quanto ao modelo em si, pensa que este é adequado, havendo uma formação inicial e depois fazer então uma especialização em educação especial, neste caso?

Eu acho que só seria adequado numa perspetiva de maior duração e com uma vertente prática. Aí acho que estaria perfeito.

Vou-lhe colocar uma questão, que coloquei da outra vez, que é, presentemente ou num futuro muito próximo, se tiver a oportunidade de concorrer à educação especial em igualdade de circunstâncias...

Lembro-me perfeitamente dessa questão.

Ainda mantém a mesma opinião?

Eh... mantenho. A única coisa que me pode levar a ponderar um bocadinho na altura em que eu estiver mesmo a preencher a candidatura é onde é que eu vou conseguir ser melhor profissional. E aí, eu sei que serei mais competente no meu grupo de recrutamento de origem, digamos. Mas continuo a achar que faz falta então eu aproveitar o mais cedo quanto possível fazer o tal estágio que não fiz agora, não é?

Código da entrevista EA12

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (36 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Doutoramento.

Formação inicial: Licenciatura em contabilidade e auditoria.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professora contratado.

Tempo de serviço global em ensino: 8 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim, sim.

Como sabe, em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial. A partir daí as instituições ofereceram muita formação mas também houve muita procura por

parte dos professores por essa formação em educação especial. Quais são os motivos que a levaram a frequentar esta formação?

O principal motivo foi poder concorrer a mais um grupo de recrutamento, sinceramente. E aprender novas temáticas que eu não sei nada de educação especial. Sinto-me um autêntico NEE aqui nas aulas. Estou a aprender muito.

Posteriormente, se tiver a oportunidade de concorrer à educação especial, concorre? Em que circunstâncias? Se estiver em igualdade de circunstâncias o grupo de economia e o de educação especial por qual é que optaria?

Se calhar opto por economia. Mas vou concorrer aos dois, claro. É uma alternativa. Eu não sei se vou ser capaz de me gerir emocionalmente com crianças com certas dificuldades, como eu tenho assistido nesta pós-graduação. Vou tentar.

Quais são as expectativas que tem relativamente a esta formação, uma vez que ainda está no início, ou quando se inscreveu, quais eram ou são as expectativas relativamente, por exemplo, aos conteúdos que iria aqui abordar? O que é que pretende com esta formação para além da qualificação para?

Pretendo adquirir novos conhecimentos, porque nós temos de estar sempre em constante atualização.

Ou seja, há aqui também uma atualização de conhecimentos mas também adquirir novos conhecimentos?

Adquirir novos conhecimentos. E acho que em qualquer curso devíamos ter uma unidade curricular que abordasse alguma coisa, nem que fosse só assim só pela rama, do que é abordado aqui nesta pós-graduação. Acho que é uma lacuna muito grande.

Em termos de metodologias, o que é que espera desta formação? Aprender o saber fazer ou aprender metodologias para depois intervir junto dos alunos?

Saber fazer, não há nenhuma receita. Depois cada aluno vai ter que ser adaptado a uma metodologia específica, no meu entender.

E é isso que pretende também adquirir aqui?

Adquirir mais competências para.

E de que forma? Ou seja, que experiências esperava ou espera vivenciar aqui tendo em vista o hipotético desempenho em educação especial?

Acho que vai ser muito positivo porque com as vivências e com os exemplos que tenho assistido aqui se calhar vou criar uma resistência maior.

Gostava de poder, por exemplo, ter formação em contexto, poder aplicar numa turma ou numa escola isto que vai aprendendo aqui?

Eu vou, se calhar, aplicar aos meus dois alunos do décimo primeiro ano, que são hiperativos, se calhar vou aplicar e fazer o meu projeto àqueles dois alunos. Quero já aplicar à prática. Tentar aplicar à prática.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente à formação que recebeu aqui, a formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz agora que está a terminar, em termos de conceitos de educação especial, da educação inclusiva e inclusão; eventualmente também de conteúdos, dos saberes e dos conhecimentos que adquiriu; das metodologias, do saber fazer?

Eu acho que esta pós-graduação foi muito enriquecedora e saio daqui a saber mais um bocadinho, mas gostava de saber mais, gostava de mais horas, gostava de saber chegar a uma escola e saber fazer um PEI, um CEI, um PIT sem pedir a ajuda a ninguém. E ainda não consigo. Devia ter mais horas.

Acha que devia ter mais horas?

Devia ter mais horas práticas.

E em termos de experiências vivenciadas, pensa que vão ao encontro daquilo que será aplicado na prática?

Não. Na prática, não. A teoria é muito bonita mas não passa de uma utopia.

Ou seja, falta essa componente prática?

Falta. E falta a aceitação de muitos professores nas escolas.

Mas aceitação, está-se a referir aos alunos? Alunos com necessidades educativas especiais?

Aos alunos. Incluí-los nas turmas ditas normais.

Qual o impacto desta formação na sua atividade docente? Já referiu que não está preparada para...

Ainda não.

Mas tem impacto na sua atividade enquanto docente, esta formação?

Tem. Vai ser positivo. Vai ter impacto e de certeza que vou aplicar grande parte dos conteúdos que aprendi qui.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, como sabe, os professores têm a formação inicial, que os qualificam para um determinado grupo de recrutamento, e se quiserem uma qualificação em educação especial têm de fazer depois...

Paga, à parte.

Sim, e será posterior à formação inicial. Neste momento é pagar mesmo.

Pois.

Houve alturas em que foi gratuita.

Mas era noutros tempos.

Pois... Pronto, mas relativamente a este modelo, agora que está a terminar o processo de formação, qual é a sua opinião acerca do modelo? Quais são os aspetos positivos, os aspetos menos positivos? Pensa que corresponde às expectativas das pessoas?

Não. Eu acho que num curso, já de base, todos eles deviam ter disciplinas que nós tivemos agora nesta pós-graduação. Uma por ano, nem que fosse só uma por ano, ir tendo aos poucos, para ir formatando os cérebros às pessoas; formatando, entre aspas.

E então como é que vê, depois, a formação em educação especial? Seria uma especialização já posterior?

Um complemento. Um complemento para aperfeiçoar alguma coisa que ficou menos estudada, aperfeiçoação.

Voltando à questão da formação de professores de educação especial, com base na experiência que teve aqui mas tendo presente o conceito e o modelo de formação, tem sugestões a propor? Há o modelo que poderia ser alterado, enriquecido de que forma? Quais são as sugestões ou concorda com este modelo, assim, a funcionar como pós-graduação?

Foi como disse, eu acho que não devia ser pós-graduação, já devia estar inserido no próprio curso de cada docente.

Digamos que a formação inicial...

De base, não está bem feita.

Não está bem feita. Ao concluir a formação inicial, digamos...

Direcioná-los ou diretamente para um mestrado ou... para um curso especializado nesta área para ficar mais completo. Mas, já de base, já devia ter disciplinas que nós aprendemos aqui, agora neste meio ano.

Então, algumas destas áreas deveriam ser inseridas no currículo da formação inicial.

Era.

Já coloquei esta questão na primeira fase, se tiver oportunidade de concorrer para educação especial, neste momento, após toda esta formação, qual é a sua opinião?

Vou concorrer.

Vai concorrer?

Em primeiro lugar.

Em primeiro lugar mesmo em igualdade de circunstâncias com, penso que é, economia?

É economia, é. Vou. Não é em igualdade de circunstâncias, eu entro mais depressa em educação especial do que em economia.

Mas se estivesse em igualdade de circunstâncias, optaria pela economia?

Pela economia. Mas como não está, vou concorrer a educação especial. Eu tenho muitas pessoas com mais tempo de serviço do que eu que me passam à frente.

Mas isso é por uma questão profissional!

É.

Só voltando ao aspeto da formação de professores de educação especial, defende, então que, ou é de opinião que todos estes conceitos deveriam ser abordados na formação inicial e, então, posteriormente, haveria uma especialização...

Uma especialização, que era para aprofundar mais porque esta pós-graduação serviu só para nos dar uma pincelada, uma pinceladela sobre conteúdos, que enriqueceu, mas é pouco.

Por isso é que ainda não se sente preparada exercer.

É pouco.

Código da entrevista: EB1

1.ª Fase da entrevista:

Identificação

Data de nascimento: (38 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: A minha é primeiro ciclo, licenciatura em ensino básico.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Neste momento, estou desempregada. Desempregada a nível do ensino.

Aguarda colocação? Sim, aguardo colocação.

Tempo de serviço global em ensino: Mais ou menos? São 10 anos, 10/11 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim, quase sempre.

Como sabe, em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial. A partir daí houve muita oferta formativa ma também houve muito procura dessa formação por parte dos professores. No fundo, e uma vez que está a iniciar esse processo, quais são as motivações, o que é que a levou a inscrever-se nesta formação?

O que me levou... É assim, eu sempre gostei desta área, uma vez que tenho tido sempre alunos na turma com necessidades educativas especiais. No fundo, gostava de estar mais preparada para essas situações. Neste momento, o facto de também não estar a dar aulas

também foi... pensei em vir porque tenho mais disponibilidade. Pronto. Não quer dizer que, depois que fique colocada, não venha na mesma. Mas era uma forma também de ter uma ocupação e de ficar com outras valências. E também porque com esta formação posso concorrer a duas áreas específicas, posso concorrer ao primeiro ciclo, ficar na lista do primeiro ciclo, e posso concorrer também à educação especial.

E pegando nesta questão que referiu de poder concorrer à educação especial, posteriormente, quando puder concorrer...

Se bem que hoje em dia isto não está fácil, porque há muita oferta, há muitos candidatos às ofertas e eles agora estão a retirar muito, estão a cingir, a afunilar.

Mas, posteriormente, se pudesse concorrer à educação especial, concorreria? Em que circunstâncias? Por exemplo, se estivesse em pé de igualdade entre o primeiro ciclo e a educação especial, por qual deles é que optaria?

É que optaria? Eh.... Talvez pela educação especial.

Isto, porquê?

Porque... Por ser uma novidade e por querer aprofundar essa experiência. Porque, o primeiro ciclo, eu já conheço.

Está a iniciar este processo de formação e, no fundo, o que é que espera desta formação? Que competências é que espera adquirir? Quais são, no fundo, as suas expectativas perante esta formação?

Espero adquirir competências que me permitam avaliar e a diagnosticar mais facilmente e ajudar os alunos com necessidades educativas especiais porque... Agora vou-lhe fazer aqui um à parte, mas é o que eu tenho constatado. Portanto, na sala de aula vão professores de educação especial e, não tenho nada contra os professores, não ponho em causa, mas também ponho um bocadinho o trabalho deles. Eu acho que os professores de educação especial, e não sei se é aquilo que lhes impõem, porque eles não funcionam sozinhos, eles têm ali toda uma equipa por trás, agora já não se chama equipa, mas pronto, eu acho que o papel deles, muito sinceramente, na sala, é entregar fichas aos alunos e são as mesmas fichas de há anos atrás e o que eu noto muito, e que não concordo, não concordo mesmo, porque eles acham que aquele menino com aquela necessidade, ah, coitado, ele não avança mais, vou-lhe dar esta ficha. Tenho passado por essas experiências. Damos-lhe esta ficha, coitado, então ele não... E eu não concordo muito com isto. Eu acho que não, a educação especial, eu acho que eles podem ir muito mais. Eu acho que eles, se nós lhe dermos oportunidade e se nós lhes dermos atenção, porque muitas necessidades são de carácter emocional, e eles precisam da presença, precisam mais do nosso contacto e da nossa presença ali, e eu acho

que eles... é como eu costumo dizer, vão sempre subindo degrau a degrau, mas eles vão lá. E acho que por ter passado também por muitas situações dessas que é: Ah, esta ficha, ah, ele se calhar nem consegue fazer isso. Vamos lá, tem que se ajudar. E tenho passado por muitas situações que, na realidade, não é bem assim, porque os professores de educação especial vão um ou dois dias à sala e nós estamos com eles a semana inteira, não é?, e eles vão umas horitas, não é? E eu acho que tem que se combater também, penso eu. Eu tenho esta esperança também de combater um bocadinho estas ideias e estas situações. É assim, isto não é generalizado, como em nada na vida. Há ótimos profissionais, pronto, a trabalhar muito bem, eu acredito que sim. Também, depois, há estas experiências que podem não ser tão boas.

Então, sente, ou melhor, espera sair daqui capacitada para poder enfrentar cada um desses desafios, ou seja, cada um desses alunos com necessidades educativas especiais?

Exatamente. Sim, sim, sim, de poder ajudá-los.

2.ª Fase da entrevista

Agora, nesta fase em que está a terminar a formação, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente?

Eu, inicialmente, tinha mais expectativas do que tenho agora, sou-lhe sincera. E pensava... É assim, quando nós vamos para uma formação sem ter conhecimento prévio do que é que é a formação, nós se calhar temos outras expectativas, não é?, do que depois no decorrer da formação. É aquilo que eu lhe disse inicialmente, eu penso que deveriam de apostar nestas formações mais na parte prática e não tanto na parte teórica, porque a parte teórica acaba por passar um bocadinho. E o que nós precisamos efetivamente e realmente é de maneiras e de processos de trabalhar quando formos para o terreno, não é? É assim, isto não é geral. Há disciplinas que realmente nos dão essa parte, há disciplinas que dão. Mas, se calhar, deveriam repensar mais nas outras que não dão tanto. Penso que, pronto, tirando esta desmotivação toda, e, pronto, eu penso que é uma mais-valia esta formação, não é? Mas...

E em termos, por exemplo, de metodologias, de atitudes, de experiências, qual é o balanço que faz da formação? Já referiu a questão da parte prática.

Sim.

Mas em termos de conceitos, de conhecimentos, pensa que correspondeu às expectativas?

Ehhh... Sssim, em parte correspondeu. Em parte correspondeu às expectativas, sim.

Sai bem preparada com os conceitos, por exemplo, de inclusão, educação inclusiva?

Ah, sim, sim. Ai, isso sim, sim, sim. Sim.

E em termos de atitudes, pensa que esta formação vai ou contribuiu para alterar, eventualmente, as suas atitudes, os seus valores enquanto professora?

Olhe, até contribuiu. Contribuiu até porque eu aprendi aqui muitas coisas que, realmente, se calhar ainda não tinha parado para pensar nelas, e maneiras de ver as pessoas com deficiência, de outra maneira. Eu aprendi aqui coisas muito curiosas e, sim, isso sem dúvida. Isso sem dúvida. Porque, é isso que eu lhe disse, isso é que era realmente importante, tirando aquela parte assim... eu acho que nós devíamos falar de mais casos concretos nas aulas, dar exemplos de situações, pronto. Eu penso que isso é o que falta um bocadinho. Mas eu penso que sim, que nós, em termos de conceitos e de atitudes, penso que nos abriram os horizontes para isso.

Então, e qual é o impacto desta formação na sua atividade enquanto docente, não só enquanto futura docente de educação especial, mas também enquanto docente no seu grupo de formação inicial? Vai ter impacto, tem já impacto, sente que poderá vir a ter impacto depois na sua atividade enquanto docente?

Sim, tem. Tem sempre impacto porque é assim, agora vou-lhe dar um caso muito concreto falando dos meninos com hiperatividade. Eh... Nós temos sempre a ideia de que aquilo que são eles, aquilo que não é... Ah este miúdo é irrequieto, é agitado, é mal comportado, é mal-educado. E depois nós conversamos aqui e vemos as coisas que, realmente, trata-se de uma disfunção da criança, não é? Eu acho que nós aprendemos a olhar para a criança de outra maneira. E agora na... Eu estou nas atividades e tenho um menino hiperativo e agora compreendo a maneira de falar da professora dele. Porque ele, eu não sei se estou aqui a roubar-lhe muito tempo?

Não, não, não!

O menino, o miúdo realmente é hiperativo mas aquilo tinha ali alguma coisa por trás porque ele, houve uma vez que ele se magoou no pé e eu sentei-o no meu colo, porque ele é do primeiro ano. Eu sentei-o no meu colo. E ele esteve sempre... ali um bocadinho, aquilo conseguiu estar ali parecia um anjinho, não tinha nada a ver com os comportamentos que a professora me dizia dele. E depois eles foram-lhe dizer que ele esteve no colo e depois há outros que queriam vir para o colo e depois, até por acaso, dei colo um bocadinho a todos para não estar... E a professora dele, a titular, veio dizer “Ah, tu nunca mais lhe dês colo! Não faças isso! Isso não se deve fazer! Ele não se atura. Nós temos de fazer um relatório porque ele, já nas minhas aulas, não faço nada dele, é a mesma coisa! Temos de fazer o relatório porque eu nas reuniões farto-me de dizer que ele se comporta mal e que é mal comportado e não sei quantos, e tu tens que fazer a mesma coisa!” Quer dizer, nós temos, realmente se o

miúdo é hiperativo, nós temos que ter outra atitude perante ele e outro olhar. Porque é que ele é hiperativo? Se calhar tem ali uma carência qualquer. E tem, não é? Porque... E tem, porque eu vi naquela altura, porque ele mudou completamente e depois ele até se começou a comportar melhor na sala. Até se começou... porque quando nós lhe damos atenção, quando realmente lhe damos atenção, ele até se porta melhor e quando nós lhe damos uma tarefa que o responsabilizamos por alguma coisa ele até se motiva mais do que propriamente se nós falarmos logo “Ah, não te portas bem, está quieto!”. É pior. É pior. E acho, pronto, acho que estas formações também nos ajudam um bocadinho a ver esse lado. E, pronto, eu agora consigo ver o lado da professora dele, consigo ver o lado dela. Ela não vê que realmente há ali qualquer disfunção e que ele precisa é de ajuda, não precisa que nós o andemos a por castigos e a falar alto, porque isso está ele farto, se calhar.

Já está a pôr em prática, no fundo, aquilo que vai aprendendo aqui.

Sim, nós aprendemos... É assim, eu... penso que compreende. Nós andamos um bocadinho saturados de tanta coisa e de tanto trabalho, pronto. Mas isto é proveitoso e é útil, não... pronto, isto não foi um desperdício de tempo, não é? Nem pensar, não é?

Relativamente agora ao processo de formação. Nesta fase final da formação em educação especial, como é que caracteriza a formação recebida face à prática letiva nesta modalidade? Ou seja, qual é o grau de preparação que sente que tem para vir a exercer atividade letiva em educação especial e que mudanças é que esta formação operou em si?

Mudanças de mentalidade e de atitude, operou, sem dúvida. Mas também lhe digo, é assim, nós levamos muitos conhecimentos e muitos conceitos mas, eu defendo muito isto e acho que é um bocadinho verdade, é a minha maneira de ver as coisas, nós depois só aprendemos realmente a fazer fazendo. É depois na prática e com a continuação, é que nós depois realmente vamos aperfeiçoar aquilo que aprendemos e pôr em prática. Eu...

Sente-se preparada para pegar numa turma, por exemplo, de alunos ou pegar em alunos, trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais?

Ah, sim, sim. Sinto-me preparada. Sim. Até porque, é assim, nós antes de irmos fazer esta especialização, esta formação, eh... nós, nas nossas turmas normais, há sempre alunos com necessidades educativas. E nós, à partida, já temos que ter alguns conhecimentos prévios, não tão específicos como aqueles que aprendemos aqui, mas já temos que ter alguns conhecimentos para podermos trabalhar com eles. Ah, e outra coisa que eu lhe vou dizer, mas isso já eu o entendia dessa maneira. Eu penso que os meninos da educação especial, e há ainda muitas pessoas especializadas a trabalhar com eles, que têm uma ideia muito errada porque... e eu tive alunos que... Eu não sou melhor professora que ninguém, mas tento ajudá-los, tento fazer com que eles progridam. E deparei-me com situações de colegas, não é?, “Ah,

isso ele não passa disso”. Vieram com uma fichita, aquela fichita do beabá: “Ah... é...” Eu disse assim, “Ah, mas então ele nesta altura, não achas que devíamos dar, porque ele está inserido numa turma do terceiro ano, se calhar devíamos-lhe dar alguns conteúdos do terceiro ano, inseri-lo na turma.” “Ai, isso? Não! Não! Não há pressa disso!” E depois na realidade, nós chegamos ao fim do ano e quando a mãe dele vem falar connosco e diz: “Ai, ó professora, nem sabe a alegria que eu tenho, é que ele já faz os trabalhos de casa sozinho. Como é que a professora conseguiu fazer com que ele fizesse os trabalhos de casa sozinho?” Eu disse assim: “Pois faz! Pode não fazer perfeito, nem faz, eu sei. Eu sei que os trabalhos de casa vêm... ele é autónomo para os fazer sozinho e já não está a pedir ajuda. “Olhe, nem sabe o alívio que eu tive porque ele agora já é mais autónomo.” Então, mas isso é ótimo, porque o que nós queremos é que eles sejam autónomos, não é que venha tudo certo, porque isso, nós sabemos à partida que não vai vir, não é?, mas que tenham autonomia para fazerem sozinhos já, isso já é um passo muito grande. Eu penso que a esse nível de, pronto, de valores, de atitudes e de pensamentos, eu por acaso já, previamente, já o tinha e agora, acho que sim, ainda mais.

Relativamente ao processo de formação de professores de educação especial. Como sabe, funciona num modelo pós-graduação, que é, o professor tem a formação inicial e depois só a partir daí é que frequenta então esta formação. Qual é a sua opinião acerca deste modelo de formação de professores de educação especial?

Bem, por um lado, é bom porque a pessoa já teve outros níveis de conhecimentos, já tem o espírito mais aberto para depois apreender estes conceitos e já trabalhou, não é?, porque já trabalhou no terreno, já como eu, já tive casos em que pude realmente trabalhar com os alunos e já conheço, pronto. Por outro lado, acho que devia também haver mais informação, talvez mais informação na formação inicial, não é?, porque mesmo que os professores não venham fazer especialização nem pós-graduação, têm sempre alunos com necessidades educativas na sala de aula. Esses professores também deviam ter acesso a mais informação e mais formação nesta área.

Mas pensa, então, que este modelo de pós-graduação é o adequado para a formação dos professores de educação especial? Ou poderia haver outro modelo diferente, eventualmente, claro?

Quer dizer, eh... Poderia haver outro modelo diferente. Agora, não me pergunte...

Nunca pensou nisso?

Não. Nunca pensei nisso mas, se calhar... se calhar poderia haver outro modelo diferente. Se calhar até passar por alguma instituição, indo ao terreno.

Que sugestões é que própria ou propõe para melhorar a formação dos professores de educação especial?

Essa. Ir a uma instituição, por exemplo, e trabalhar lá com eles ou mesmo que não seja interferir na dinâmica da instituição...

Instituição, está-se a referir a uma instituição específica?

À escola.

À escola?

Sim, sim, uma instituição, uma escola. Eu acho que sim, que era bom. Era importante nós... Eu sou muito de estar ali, pronto, ali perto, ali, porque nós aqui aprendemos muita coisa à distância, não é? A trabalhar, ver, estar com casos realmente. Eu acho que isso era uma mais-valia para todos nós.

Já lhe coloquei esta questão na primeira fase. Presentemente, se tivesse oportunidade, concorreria ao grupo de educação especial?

Ah, sim, concorria, sem dúvida.

Isto porquê?

Porque... porque gosto... gosto de trabalhar com estes alunos e gosto de ver progressos nestes alunos e acho que todas as pessoas deviam trabalhar no sentido de dar mais autoestima, de olharmos para eles de outra maneira.

E se estivesse em pé de igualdade... Qual é a formação inicial?

É primeiro ciclo.

Primeiro ciclo? Primeiro ciclo e educação especial? Por qual deles é que optaria em igualdade de circunstâncias?

Não sei. Não sei. Gosto muito do primeiro ciclo também. Eu sempre quis ir para a educação e para o ensino. Pronto, se calhar foi um erro. Não sei. Mas eu fui para aquilo que eu gostava. Pronto, acho que uma pessoa estar a trabalhar e tem de ter uma profissão que realmente não lhe diz nada, eu acho que é um bocadinho frustrante, não é? Nós se fizemos aquilo que nós gostamos, fazemos sempre tudo mais com gosto e as coisas até são mais produtivas e saem melhor. E nós, se chegarmos a casa cansados ou porque fizemos cem quilómetros só para ir trabalhar, mas vamos com gosto, vamos fazer aquilo que gostamos, não é?

Neste caso, entre educação especial e primeiro ciclo, nunca pensou nisso?

Não. Não sei. Sinceramente, gosto das duas vertentes. Para mim são todos alunos, e para mim são todas crianças, não é? Se calhar estar num lado ou no outro sentir-me-ia realizada de qualquer das maneiras.

Código da entrevista: EB2

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (37 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura em educação pré-escolar.

Formação inicial: A formação inicial foi bacharelato porque na altura era o bacharelato. Depois tirei um ano de complemento de formação científico-pedagógica para o grau de licenciatura

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Efetiva numa Santa Casa.

Tempo de serviço global em ensino: Mais ou menos 16 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Desde o ano passado que tenho duas crianças.

Não sei se está muito por dentro, mas desde 2006 que foi criado o grupo de recrutamento de educação especial e, sobretudo a partir dessa altura, houve muita oferta deste tipo de formação na área da educação especial e muita procura, também, por parte dos professores. O que é que a levou, quais são as motivações que a levaram a frequentar esta formação?

É assim... A motivação é... Desde o ano passado, até então não tinha tido, mas desde o ano passado tenho duas crianças com necessidades e então a minha motivação era tentar

aperfeiçoar o nosso saber porque nós, em termos de formação inicial, temos uma cadeira ou outra de necessidades educativas mas não temos assim formação a esse nível. E então, a motivação foi mesmo aprofundar o estudo.

Não está a pensar em questões profissionais, por exemplo, concorrer à educação especial?

É assim... Pronto, atualmente, não pretendo sair de onde estou e gosto do ensino regular mas com a inclusão de... pronto, gosto dessa situação. Sinto-me até mais realizada do que se fosse só dar educação especial porque, pronto, a pessoa está no regular abrange mais o ensino, pronto.

No fundo, já respondeu à questão seguinte que é, posteriormente, se tivesse oportunidade de concorrer à educação especial, se concorreria? Em que circunstâncias? Por exemplo, se estivesse na mesma situação de, no mesmo patamar educação especial e educação de infância, por qual deles é que optaria?

Pelo regular. Pronto. É assim, eu gosto de ter a turma do regular e depois de ver a inclusão, de como elas se adaptam, como os outros as veem. É mais ambicioso do que estar só a dar aquele apoio individualizado. Mas... fica em aberto!

Está no início desta formação e, no fundo, o que é que espera com esta formação? Que competências é que espera adquirir, quais são as suas expectativas relativamente à formação?

Pronto, é... Realmente, é dar-me competências a nível de estratégias. Também como lidar melhor com as crianças. Também perceber um bocadinho estes termos das necessidades, da inclusão, pronto, estes, estes... conceitos que estão um bocadinho esquecidos porque a pessoa também já estudou há muitos anos e coisas novas apareceram. Pronto. E outra ambição que eu tenho é em termos de metodologia, aprender a fazer um trabalho científico, uma tese, porque nós também não temos muito essa noção, fazemos os trabalhos, fazemos uma introdução, fazemos o corpo do trabalho, mas não sabemos muito bem situar-nos assim nestas coisas. E pretendia aprofundar também o meu saber a nível de metodologias e a nível de conhecimento, deles e para eles.

2.ª Fase da entrevista

Agora que está a terminar a formação em educação especial, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente?

É assim, eu neste momento não faço um balanço muito positivo porque realmente estava à espera de aprender mais, mais na parte prática, e sinto que temos muitos trabalhos mas muito a nível de investigação que pouco têm de prático. Então, isso desmotiva um bocadinho.

Não sei se são todos os cursos assim a nível desta formação. Também implica, esta formação implica mais investigação e isso tudo, nós sabemos. Mas tinha uma expectativa de trabalhar mais no terreno.

Faltou essa parte prática, então?

Sim. Algumas disciplinas tiveram, sim, outras... nem por isso.

E qual foi a implicação desta formação, por exemplo, em termos de conceitos, de conhecimentos?

Pronto, é isso. É isso que eu acho que falta. Quer dizer, temos muito na parte teórica, ficamos a conhecer realmente muitos autores e nessa parte, mas depois para transpor para a nossa prática pedagógica... pft... mais ou menos, depende da disciplina.

Mas ao nível dos conhecimentos sente que, ainda que teóricos, sente que está preparada?

Sim, sim.

Teve impacto nas atitudes enquanto professora, não só no futuro enquanto professora de educação especial, mas também enquanto no seu grupo de recrutamento? Esta formação tem ou teve impacto nas suas atitudes? Acha que vai alterar, alterou de certa forma os valores, as atitudes que tem?

Sim, sim. Isso sim. A esse nível, sim.

Ficou mais sensível a algumas questões?

Sim, sim. E em termos de... de... decretos-leis e coisas assim que nos fazem falta. Isso também, para conseguir trabalhar e dar resposta depois a alunos que possamos com as necessidades educativas.

Qual é o impacto desta formação na sua atividade docente? Docente não só em educação especial mas também no seu grupo de recrutamento? Teve impacto ou tem impacto?

Tem, isso tem. Pronto. Não tanto como eu esperava, mas tem.

Relativamente à formação em si, como caracteriza a formação que recebeu aqui face à prática letiva em educação especial? Isto partindo do pressuposto que virá a exercer atividade letiva em educação especial.

É assim. O impacto... O impacto é assim... Nós agora, depois quando estamos na prática, temos de tentar adequar estes novos conceitos teóricos depois à prática. Mas houve disciplinas que

realmente eu consigo, acho que elas vão criar impacto e vão, e eu vou conseguir transpor. Mas, realmente, há outras que não.

Qual é o grau de preparação que sente que tem neste momento? Sente-se preparada para exercer atividade letiva em educação especial?

Sim, sim. Isso a formação, sim. Acho que contemplou na parte dos decretos-leis e de saber interpretar os materiais, as escalas, a aplicação, isso sim. Esse aspeto, sim. A dificuldade realmente é na parte... é naquela parte teórica que nos falta saber resolver aquelas questões. Às vezes não é tanto aquelas necessidades permanentes. É naqueles meninos que têm, por exemplo, os défices de atenção. É difícil lidar com eles e foi temas que não foram muito abordados porque realmente falta o tempo também, não é?

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial. Como sabe, funciona como uma pós-graduação. Há o requisito de ter uma formação inicial já e depois funciona na modalidade de pós-graduação. Qual é a sua opinião acerca deste modelo? Está bem? Pensa que poderia haver um modelo alternativo? Concorda com este modelo?

Concordo. Quer dizer, eu concordo. Eu... É assim, quando tirei a minha licenciatura, nós precisávamos depois de cinco anos de prática para tirar estas formações. E agora com o Bolonha já se sai, já se sai capacitado para, pronto, para trabalhar com as necessidades. Mas realmente eu até estou mais a favor do que era antigamente, realmente passar na prática, ver como é que ela funciona.

Ou seja, concorda então que deveria haver esse tempo de serviço antes de tirar a especialização?

Ah, sim, sim. Eu acho que o Bolonha, pronto, acho que a pessoa tem que ir ao terreno e ver tudo o que é normal, tudo o que funciona, ter um caso ou outro sem ter essa necessidade realmente depois de aprofundar o seu saber porque parece que isto tudo tirado de empreitada não faz muito sentido porque acho que a pessoa depois vai... tem que... aqueles cinco anos que eles davam, que não se podia mesmo tirar, a pessoa amadurecia. E concordava mais com esse...

Com esse modelo?

Pois, com esse modelo.

Que sugestões é que propõe para a formação em educação especial, face à experiência que está a ter, a terminar, enquanto aluna, enquanto formanda? Que sugestões é que proporia para melhorar eventualmente o modelo de formação?

Era mais parte prática. Sim. E as disciplinas são muitas para o tempo que são. Oh... pronto... Já conversámos sobre isso, ou pôr mais uma disciplina no primeiro semestre. Mas acho que isso também já foi feito. Pronto. Elas, realmente, são muitas. Mas acho que uma por outra até não estão lá a enriquecer muito. Ou é da forma que são dadas ou mesmo a pessoa não é bem aquilo que espera para a prática.

Alterar o currículo, o programa da disciplina, das disciplinas?

Sim, alterar ali alguma coisa. Pôr mais parte prática e, pronto, ver melhor a estrutura.

Presentemente, se tivesse a oportunidade de concorrer à educação especial, concorreria?

Sim.

Mesmo em igualdade de circunstâncias com a sua formação inicial?

É assim, eu prefiro a minha formação inicial. Mas tenho lá dois meninos que até têm necessidades, eu trabalho com eles na sala, e, sim, nesta fase não me importava. Mas acho que queria sempre a minha formação inicial, porque esta tem muitas barreiras, há muitas barreiras que ainda não desmistificaram, o tipo de trabalho, o professor de ensino especial como é visto pelos outros professores. Acho que ainda há muito... sei lá... nem sei que palavra hei de encontrar. Ainda há... pronto, tem-se aquela ideia que não se faz nada, que é um professor que anda para ali. Pronto. Mas acho que sim, que gostava.

Código da entrevista: EB3

1.ª Fase da entrevista:

Identificação

Data de nascimento: (42 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: É de sociologia, licenciatura em sociologia. Fiz profissionalização em serviço em dois grupos - 200 e 430.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Eu depois fiz a profissionalização, comecei a dar aulas e fiz a profissionalização em serviço em dois grupos. Neste momento, não estou colocada. Sempre dei aulas até ao momento. É o primeiro ano que não estou colocada. E... e concorri a este mestrado mesmo para conseguir...

Tempo de serviço global em ensino: 14 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Inclusive, estive um ano nos apoios. No início não era obrigatório ter formação especializada e eu estive um ano nos apoios.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim, sim, sim...

Como sabe, em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial, 910, 920 e 930, e sobretudo nessa altura, houve assim um grande boom de oferta de formação por parte das instituições de ensino superior formativa mas também procura por parte dos professores. Quais são as motivações que a levaram a querer frequentar esta formação?

É para poder vir a concorrer ao grupo 910, conseguir, claro, uma colocação neste grupo, até porque é um grupo de que eu gosto. E também para arranjar emprego. Logo se vê.

Sobretudo por questões profissionais?

É por questões profissionais.

Posteriormente, depois de concluir a formação, concorreria ao grupo de educação especial? Em que circunstâncias? Se estivesse em igualdade de circunstâncias o grupo 200 ou educação especial, por qual optaria?

Educação especial.

Está mesmo centrada na...

Gostava muito. Só nunca fiz o mestrado em educação especial porque ficava colocada e depois... ia sempre em segundo lugar o mestrado.

Está no início desta fase de formação, deste processo, o que é que espera desta formação? Que competências é que espera adquirir? Quais são as suas expectativas face a esta formação?

É assim, conseguir as competências para trabalhar neste grupo 910. Porque sou professora há já algum tempo, mais ou menos sei quais são as competências mas não sei decretos-lei, não sei elaborar um PEI sozinha, mas gostava de saber, essas coisas...

Espera adquirir esses conhecimentos mais técnicos na área da educação especial?

Sim, conhecimentos mais técnicos. E depois também conseguir uma boa média para conseguir concorrer ao grupo

2.ª Fase da entrevista

Agora que está a terminar, qual é o balanço da formação que recebeu relativamente às expectativas que tinha inicialmente?

É assim, há coisas que correspondem, outras não correspondem. Eu, sinceramente, gostava de tudo mais prático. É tudo muito direcionado para a dissertação de mestrado que eu acho que devia ser mais prático. Eu quero ser professora, quero fazer coisas práticas com eles. Uma disciplina de que eu gostei muito foi de seminário, até tivemos uma boa nota, porque é o que a gente gosta, é inventar materiais, tentar adaptar materiais, fazer coisas práticas, e não estar sempre a escrever artigos científicos, que isso, é assim, é importante mas não é... acho que devia haver só uma disciplina para isso, só uma, para nós sabermos fazer artigos, para sabermos fazer trabalhos científicos, que é importante depois para o trabalho que a gente tem de fazer no final, mas não direcionar isso para todas as disciplinas. É assim, eu queria coisas práticas, que eu use no dia-a-dia com os alunos. Eu quero ir para uma escola e saber fazer as coisas. E não é saber fazer um artigo que me vai dar competências para trabalhar com os alunos. É isso que eu acho. Gostava de saber trabalhar na informática, gostava de saber trabalhar, adaptar tudo isso. Gostei muito do seminário do primeiro semestre por causa disso, porque realmente eram coisas práticas, eram jogos, eram... era o trabalho cooperativo com os alunos, era tudo isso que eu necessito. É isso que eu preciso para as aulas, é isso que eu preciso para ser professora. Eu preciso de saber fazer uma adaptação a um currículo. Eu preciso de saber preencher os documentos. Como professora tenho que saber isso. Isso requer coisas práticas. Eu preciso de coisas práticas. E há disciplinas que não são práticas.

Falta essa ligação das disciplinas à prática letiva?

Não, há disciplinas práticas! Mas eu acho que no geral deviam ser mais práticas e não só direcionado para uma dissertação de mestrado. Os trabalhos são muito científicos, tudo bem que isto é um mestrado, mas, por exemplo, não se compreende estar a duas ou três disciplinas a fazer artigos científicos. Por exemplo, vá, a TIC, vamos fazer um artigo científico. O que é que isso me interessa? Eu quero saber é trabalhar com os programas! Eu quero é saber trabalhar diretamente. Vou fazer um artigo científico sobre um programa que eu não sei mexer nele? Não me interessa! Eu quero saber mexer nas coisas, eu quero saber manusear as coisas, eu quero saber trabalhar com os alunos. É isso que eu precisava, é isso que eu estou a precisar... Pronto, acho que é... Há aqui algumas lacunas nesse sentido.

Esta formação teve impacto, por exemplo, ao nível das atitudes? Acha que, agora que está a terminar, as suas atitudes, os seus valores para com os seus alunos, não só de educação especial, mas também enquanto professora...

Sim, sim. É completamente diferente. A maneira de ver as coisas é tudo completamente diferente. Não, isso está tudo bem! Isso é tudo transmitido.

E os conhecimentos também?

Sim! Não, tudo bem! Pronto. Mas é assim, queria mais coisas práticas, não fazer trabalhos científicos só, porque isto é mestrado mas... Se calhar tem que ser assim, mas, eu, pessoalmente, gostava que fosse de outra maneira, mas... Sinceramente também não sei muito bem como é que é a obrigatoriedade em termos curriculares de um mestrado, mas artigos científicos não me vai dar competências para trabalhar com os alunos.

Qual é o impacto desta formação para a sua atividade enquanto docente?

Eu quero trabalhar nesta área mesmo. É assim, eu acho que já está dito. Eu queria mesmo trabalhar nesta área. Vou tentar esforçar para...

Mas esta formação é importante para trabalhar nessa área não só porque lhe dá a certificação, claro, a qualificação profissional, mas para o trabalho do dia-a-dia? Já se referiu que gostava de ter mais parte prática, mas esta formação contribuiu para alimentar esse desejo de trabalhar na educação especial?

Pois, já respondi, não é? Claro!

Já que fez algumas críticas relativamente à formação, relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial que é pós-graduação, ou seja, o professor tem de ter já uma formação inicial e só depois é que pode então frequentar a pós-graduação para ficar com qualificação para a educação especial. Qual é a sua opinião acerca deste modelo de formação? Concorda com ele? Pensa que poderia ser melhorado, alterado, eventualmente?

Pronto, sinceramente, acho que poderia ser melhorado. Ainda agora disse, há coisas que poderiam ser melhoradas e alteradas e rever isto mais com coisas mais práticas. Eles são tão específicos, estes miúdos, há tanta coisa que nós podemos fazer, prático mesmo. Depois no dia-a-dia o que é que uma teoria me interessa? Interessa-me é assim coisas práticas, práticas, que eu possa trabalhar com eles e que eu saiba, e depois que veja vários modelos e consiga adaptá-los. Coisas assim, coisas que eu faça, que eu possa fazer, e não coisas que são idealizadas e, depois na prática, não têm fundamento nenhum. Quero coisas práticas. Acho que é importante.

No fundo, já abordou um pouco estas questões, que é o grau de preparação que sente ter para exercer a atividade docente em educação especial?

É assim... Eu, sinceramente, neste momento, sinto-me assim muito baralhada, não sei se consigo fazer tudo ou não, não é?, o que eu acho que é essencial para estes miúdos. Mas, em termos globais, as coisas são faladas. Mas é o que eu digo, há coisas que podiam ser exploradas de outra forma para eu conseguir trabalhar realmente com eles. Tipo... Agora, por exemplo, nós falamos de jogos que podemos usar com os miúdos, mas eu quero saber manuseá-los. Não é? Há coisas que... Por exemplo, com a trissomia vinte e um, há programas que nós podemos usar com os miúdos. Mas eu nunca trabalhei com eles e queria saber trabalhar com eles, queria saber mexer naquilo, queria explorar aquilo, e quando chegasse ao pé deles já sabia fazer as coisas, e não só um artigo científico que não me leva a nada, não diz nada aquilo, não me diz nada a mim. É importante mas não me diz nada.

O grande enfoque que colocaria nestas formações seria ligar a teoria à prática.

Isso mesmo. Coisas práticas do dia-a-dia.

E de que forma é que acha que seria possível fazer isso?

Coisas assim que nós usamos com os miúdos mesmo, fazer mesmo aqui. Por exemplo, como eu estava a dizer, nós tivemos seminário no primeiro semestre, sei lá, terapias, jogos com eles que nós inventámos, porque, é assim, temos de dar uma formação diferente àqueles miúdos e essa formação, aqui dá-nos assim algumas ideias como é que a gente podia adaptar o currículo a miúdos mais específicos, e não só, também para os outros, mas, pronto, agora estamos a falar destes. Isso devia de ser constante! Este semestre devíamos continuar com aquela metodologia porque nós temos que adaptar currículos, nós temos que adaptar práticas, e devíamos estar assim sempre constantemente a pensar nisto. TIC, por exemplo, noutra disciplina, agora falei nisso porque é uma coisa prática e que não está a ser. Isso devia ser... nós devíamos sair daqui preparados para chegar a uma escola e fazer aquilo diretamente com os alunos, saber fazer, adaptar.

Mas, esses seminários, partiam de casos concretos?

Não, eram no geral. Por exemplo, eu fiz um trabalho sobre os primeiros socorros. Fizemos, eu e a minha colega. E fizemos estratégias, vários trabalhos, estratégias, para transmitir aqueles conhecimentos de uma forma lúdica. Ou seja, eles acabaram por perceber aquilo mas de uma forma lúdica, através de pequenas dramatizações, através de pequenos jogos, eles acabaram por memorizar como é que eram os primeiros socorros. Pronto, é do género, pronto. Nós temos de saber essas coisas. Há programas informáticos, há formas, há técnicas, há isto, há aquilo, e eu gosto dessas coisas, e acho que isso é importante porque não se pode dar a

matéria toda da mesma forma como damos para os outros, não é? E então, é assim, tudo isso acho muito importante.

Penso que já me respondeu a esta pergunta mas vou repeti-la. Presentemente se tivesse oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial concorreria? Mas mesmo em igualdade de circunstâncias com a sua formação inicial?

Não, eu optaria por esta. Não optaria, vou optar por esta, mesmo.

Código da entrevista: EB4

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (49 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: Licenciatura em professora do ensino básico, variante de português/francês.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Eu sou do quadro de zona. Estou no quadro de zona do (...). É isso. Como eu quero vir para aqui, também, está um bocado relacionado com isso, não só, mas também está.

Tempo de serviço global em ensino: Já tenho... porque houve um ano, logo no início, que eu não fiquei colocada porque concorri mal, houve ali um problema de concurso, então fiquei um ano que não fiquei colocada. Então, tenho à volta de 20.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Muitos anos, sim.

Como sabe, desde 2006 que existe o grupo de recrutamento de educação especial. Sobretudo a partir dessa altura, houve muita oferta formativa mas também muita procura dessa formação por parte dos professores. No fundo, quais são as motivações que a levaram a frequentar esta formação?

Então, é assim. Eh... Em primeiro lugar, talvez, para ser sincera, seja mesmo colocação, para conseguir vir para casa, porque o meu grupo de português/francês é impossível, está cada vez pior. Tanto que eu tenho ficado agora, estes últimos anos, mais perto mas este ano tornei a ir para longe. Tenho ficado lá e tenho uma miúda pequena. Mas, a par disso, eu também sempre gostei muito de tudo o que é relacionado com a educação especial. Mesmo quando tirei aqui o curso (...), eu tinha uma cadeira que era necessidades educativas especiais, também deve ter tido, não? Pronto. Eu lembro-me duma determinada altura que eu e outra colega tirámos a melhor nota da turma. Eu gostava muito e gosto de tudo o relacionado com psicologia e... e sempre gostei de lidar com estas crianças, sempre tive nas minhas turmas, ou quase sempre, e às vezes surgem problemas que a pessoa, com determinadas deficiências, e a pessoa não sabe bem lidar com essas crianças. E pronto, foi também nesse sentido. É um conjunto de situações, que eu acho que já deveria até ter tirado há mais tempo mas pelo facto de... pronto, não dava, o facto de estar fora de casa, de ter a miúda, depois também ter turmas de português, do sexto ano, que são muito trabalhosas, a pessoa em casa... e pronto! Eu estava sempre a adiar e este ano estou um pouquinho mais liberta nesse sentido e avancei.

Posteriormente, depois de terminar a formação, se tivesse ou tiver oportunidade de concorrer para a educação especial, concorre? Em que circunstâncias?

Ai isso concorro, concorro de certeza absoluta. É o primeiro objetivo mesmo.

Mas com o objetivo então de mudar de grupo por uma questão de estabilidade profissional?

Sim, sim, e acho que vou gostar muito, vou gostar mais.

Neste início da formação, o que é que espera, quais são as suas expectativas relativamente à formação? Que competências espera adquirir?

Espero adquirir ferramentas para conseguir depois trabalhar de uma forma positiva com essas crianças e conseguir que eles progridam, atinjam os objetivos.

No fundo, espera que o curso lhe proporcione tudo isso para poder fazer face às necessidades individuais dos alunos?

Sim.

Sair preparada para enfrentar cada caso?

Exatamente.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente à formação que está a terminar e tendo por pressuposto as expectativas que tinha inicialmente, qual é o balanço que faz?

É um balanço positivo. Há algumas cadeiras que foram realmente interessantes, outras menos, mas isso é como em todo o lado. Foi um bocado difícil, está a ser difícil, principalmente no meu caso e outros colegas que trabalham fora. Eu estou mesmo durante a semana fora, depois venho nas terças e vou de manhã muito cedo outra vez, depois venho sextas e sábados para aqui. Tenho uma filha pequena. Nesse aspeto está muito complicado. E depois pouco tempo sobre porque há os trabalhos das escolas. E foi difícil, está a ser difícil. Mas acho que está a valer a pena, sim. Mesmo uma coisa interessante que eu me apercebi foi que eu comecei a ver, ao longo do tempo a aperceber-me que eu mudei a visão que eu tinha em relação aos alunos com necessidades educativas especiais. Passei logo a vê-los com outros olhos. Só por isso acho que já valeu a pena.

Em termos de atitudes, teve um certo impacto esta formação?

Sim, sim, sim. E também acho que me sinto com segurança para poder entrar na educação especial. Por isso acho que sim, que as expectativas correspondem.

Em termos de conceitos, sente que está preparada, pelo menos face às expectativas que tinha inicialmente. Pensa que está devidamente preparada em termos de conceitos, de conhecimentos?

Sim, minimamente preparada porque depois também acho que é na prática que a pessoa acaba por entrar mesmo e aperceber-se do que é que se trata e...

E nessa parte do saber fazer, das experiências, sente que está capacitada para poder exercer atividade letiva com alunos com necessidades educativas especiais?

Sim. Principalmente dar o arranque e depois sim, ir andando. Eu acho que fiquei com os instrumentos necessários para isso.

Então, qual é o impacto que esta formação tem na sua atividade enquanto docente, não só enquanto docente futura de educação especial mas também na sua atividade docente...

Sim, acho que vai ajudar bastante porque, lá está, às vezes deparamo-nos com alunos que não sabemos bem como é que agir com eles, acabamos por às vezes até os, eles são um bocadinho tão inquietos e acabamos por pô-los ali um bocadinho de lado porque não sabemos mesmo como agir, como agir, e agora acho que já vai ser completamente diferente. Pelo menos vamos tentar pôr em prática aquilo que aprendemos, não é?, e ir mais além, também. É isso que acho que devemos fazer.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, que é um modelo pós-graduação. Um dos requisitos é ter já formação inicial e só depois é que pode frequentar a pós-graduação para ficar com qualificação. Como é que caracteriza este modelo? Qual é a sua opinião acerca deste modelo? Está bem? Pensa que poderia ser melhorado, alterado?

[Silêncio] Hum...

Nunca pensou nisso?

[Silêncio] Talvez mais prática. Assim cadeiras mais viradas para o prático.

Podemos começar pelas sugestões. Que sugestões é que proporia para alterar o modelo de formação de professores de educação especial, se pudesse introduzir essas alterações?

[Silêncio] O modelo, não sei, mas...

Na formação de professores de educação especial referiu a prática. Quais são as sugestões que propõe para eventualmente, claro, melhorar a formação de professores de educação especial?

Ir mesmo a escolas ou a turmas ou a instituições, lidar diretamente.

Voltando um bocadinho atrás, então como é que caracteriza a formação que recebeu aqui em termos de grau de preparação? Sente-se preparada? Penso que já referiu isso, que se sente preparada para poder ir para uma escola e poder trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais.

Sim. Não assim preparadíssima, porque isso acho que só mesmo depois com o tempo é que nós, lá está, na prática vamos sempre complementando e avançando. Mas sim, para iniciar, sim, sinto-me preparada.

A formação contribuiu para mudar conceções e práticas letivas. Já referiu há bocadinho essa situação. Presentemente, se tiver a oportunidade de concorrer à educação especial, fá-lo-á?

Sim, farei.

Em que circunstâncias? Se estiver em igualdade de circunstâncias com o seu grupo de origem, por qual é que optará?

Educação especial.

A primeira prioridade então?

Sim.

Basicamente é isto, os aspetos mais e menos positivos da formação, já referiu, sobretudo os aspetos menos positivos, que são da falta de prática.

Sim. Enquanto que nós no período passado, por exemplo, tivemos seminário com a professora (...) e com a professora... a outra colega, fazíamos coisas práticas mesmo, em sala de aula, e acabou por ajudar mais, penso eu, do que só teoria.

A nível de estratégias de intervenção?

Sim, sim, estratégias de intervenção, por exemplo, também.

Código da entrevista: EB5

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (36 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Tenho uma pós-graduação... Pós-graduação não é grau académico. Tenho licenciatura, pronto.

Formação inicial: Licenciatura em matemática/ciências do segundo ciclo.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Neste momento estou a aguardar colocação, estou no desemprego.

Tempo de serviço global em ensino: Global, é assim. Eu terminei o curso em 2000. Tenho sempre vindo a trabalhar. Portanto, dou aulas há 12 anos mas, efetivamente, terei à volta de uns 10 anos, sim. Trabalhei sempre.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sempre, sempre, sempre.

Como sabe, desde 2006 existe o grupo de recrutamento de educação especial, 910, 920 e 930, sobretudo a partir daí houve uma grande oferta de formação mas também procura por parte dos professores. No fundo, isto serve para enquadrar a questão quais são os motivos ou quais as motivações que a levaram a frequentar esta formação?

Apesar de ter consciência que... Para já, é a abertura de uma nova porta. Pronto. E apesar de ter consciência que o ensino especial poderá estar com os dias contados, não é?, infelizmente, pelo menos em termos de recrutamento, tudo indica, tenho sempre aquela esperança de haver novas instituições depois a precisarem de professores de ensino especial. É assim, eu sou uma pessoa que, não sei se por estar ligada às matemáticas ou não, sempre fui muito reta e não me sentia, e nestes anos de serviço nunca me senti bem, ter alunos com necessidades educativas especiais e não poder chegar até eles de outra forma. O ano passado, por exemplo, tive um aluno com paralisia cerebral na sala de aula. Foi temporário, um horário temporário de apenas dois meses, mas eu optei por mudar a minha secretária para ao pé desse aluno. A verdade é que, até então, o menino, toda a gente me dizia que ele não tinha capacidades matemáticas e eu em dois meses consegui... portanto, sucesso, teve sucesso comigo. Inclusive depois, tive o feedback da professora de ensino especial que realmente disse: foi uma pena teres-te ido embora porque... [bateu as palmas] estagnou! Portanto, é assim, e a turma era grande mas conseguiu-se fazer alguma coisa e isso foi umas das coisas... Tenho que me especializar em alguma coisa, saber mais. Pronto. Já tive autistas, paralisia cerebral, espinha bífida, uma série de casos.

Foram então esses casos que também a motivaram?

Sempre, sempre. Sim, sim.

Posteriormente, se tivesse oportunidade de concorrer para a educação especial, concorreria?

Vou concorrer. Ah, nem duvide! É assim, e quero tirar o mestrado mas, para o ano, se tudo correr bem, se tiver boas notas, com o tempo de serviço que tenho, vou concorrer em termos de ofertas de escola em setembro. Ah, não tenha dúvida.

E se tivesse em pé de igualdade matemática/ciências e educação especial, aí por qual deles é que optaria?

É assim... É como lhe digo, não sei se... Eu adoro matemática. Ponto. E... não sei, não sei... Só vendo, mas, se calhar, numa fase inicial, o noventa e dez agora. Acho que sim. Aliás, sinceramente, acho que sim porque vai um bocadinho de encontro aquilo que eu sempre quis como projeto de vida, ter uma profissão em que me sentisse útil a. Inicialmente, concorri para medicina e, depois, como tive ali um pequeno insucesso, porque por umas décimas não consegui entrar, então eu disse: acabou, andei a estudar este tempo todo, não quero saber... E portanto, depois é que optei no ano seguinte por concorrer a professora. Bem... Se calhar por aí. Tudo depende como correr isto, as aprendizagens que eu fizer, mas se calhar não estaria fora de todo eu conseguir, por exemplo, tentar arranjar trabalho numa APPACDM ou tirar ainda mais do que o mestrado, ter depois outras especializações em língua gestual, terapia da fala, qualquer coisa. Não está fora de questão isso.

Relativamente a este processo de formação, inscreveu-se, está a frequentar já, no início, quais são as competências que espera adquirir, quais são as expectativas que tem relativamente à formação que está a frequentar?

As expectativas era mesmo, é mesmo a formação, aprender tudo como saber lidar com crianças com necessidades educativas especiais, saber-me dirigir a uma criança, saber para além da deficiência em si, não é?, mas isso também qualquer um vê, vai à internet e pesquisa o que é que é isto ou aquilo, mas... conseguir extrair as capacidades que eles têm, ir um bocadinho mais pela psicologia. Eu acho que isso é muito, muito importante.

2.ª Fase da entrevista

Relativamente às expectativas que tinha inicialmente, qual é o balanço que faz agora que está a terminar esta formação?

É... É positivo. Se bem que inicialmente tinha outra perspectiva, fazia ideia de uma coisa mais, pelo menos determinadas disciplinas seriam para... mais práticas, de teor prático, que não é bem, mas... estou a gostar, para já porque envolveu uma série de trabalhos e está-se a aprender imenso com isso, a parte da investigação, contactar com a realidade, que é bem dura.

Qual é o balanço que faz, por exemplo, em termos de conceitos, de conhecimentos? Pensa que correspondeu?

Isso correspondeu, não é?, porque havia coisas que uma pessoa não fazia a mínima ideia de que existissem em termos, por exemplo, de acessibilidades, das leis, de tudo isso que está por trás da educação especial, não é?, porque nós quando estamos no ativo como docentes

sem ser do ensino especial sabemos que existem aquelas leis mas passa-os tudo ao lado. Existem aquelas leis mesmo específicas e nesse aspeto, sim, aprendemos bastante. Estamos a interagir com pessoas com o mesmo... com DID e com deficiências motoras, o que para nós é muito gratificante, não é?, porque é o estar no ativo a saber o que é que se faz.

Em termos de experiências, do saber fazer, qual é o balanço que faz?

É assim, eu, infelizmente, ainda estou desempregada. Portanto, a experiência que tenho é os trabalhos que vou realizando e ter que fazer os estudos de caso, que fiz, não é? Pronto, mas também por uma questão talvez de comodidade, neste momento estou a tentar aproveitar talvez o mesmo caso para diferentes abordagens na parte cognitiva, na parte motora, pronto.

Em termos do saber fazer, dessas experiências, a formação não tem então tanto essa ligação à parte prática?

Não, não tem. Não tem. Inclusive, ainda hoje falamos isso ali, portanto, que eu achava, por exemplo, que determinadas unidades curriculares poderiam ser eventualmente mais práticas. Não se tratando da avaliação deste curso em específico, pronto, mas acho que sim, na formação de educação especial era muito importante toda a parte teórica, sim senhora, mas, a par disso, por exemplo, haver uma disciplina que nos ensinasse na construção dos materiais, certo? Porque é assim, há pessoas que são curiosas em termos das TIC, não é?, mas, por exemplo, se calhar há certas metodologias que não se aplicam a determinados casos. É essa a necessidade talvez que se devesse apostar mais por aí. Saber, ok, vamos aplicar este tipo de metodologia neste caso específico. Bem, porque há casos específicos que nós, por mais voltas que demos, não vamos conseguir nunca aplicar aquela estratégia, não é? Por exemplo, a nível das TIC, há uma série de software e de coisas que se podem trabalhar que realmente, nesta formação, pelo menos na parte que me toca, não está cem por cento, porque eu acho que devia ser explorado de outra forma, não tanto teórico mas mais prático. Não é? E eu acho que é isso que falha muito nas escolas portuguesas, é que os professores de ensino especial, mesmo os que estão no 910, e eu já passei por algumas escolas, apesar de haver os recursos não os usam porque não sabem. Existe o *software*, podia-se eventualmente apostar nesse software para aplicar aos nossos meninos mas continua a ser mais fácil juntar três ou quatro na sala e o software fica guardado, fica lá, porque ninguém sabe mexer. E é aí nesse aspeto que eu acho que se devia apostar mais um bocadinho, que está a falhar aqui neste curso e que me está a despertar um bocadinho a curiosidade e agora estou mesmo a... já tirei uma série deles para o meu computador, a tentar explorá-los, mas isso já é a minha maneira, a minha perspectiva de agir em relação à educação especial.

Em termos de atitudes, do ser, do estar, dos valores, teve impacto também nessa vertente esta formação?

Aí, tem sempre. Tem sempre. Começamos a ver as coisas noutra perspetiva. Deixa de ser o coitadinho e dá-nos uma vontade de agir. Eu acho, pelo menos... Eu penso assim, não sei. Mas isso sou eu, pronto, que...

Então, qual é o impacto, de uma forma global, qual é o impacto desta formação na sua atividade enquanto docente? Não só enquanto futura docente de educação especial mas também no seu grupo de origem? Qual é o impacto na sua atuação enquanto docente?

É assim, para já não tem impacto nenhum porque continuo desempregada, certo? Pronto. E um dos motivos, como eu disse inicialmente, foi precisamente poder adequar algumas das estratégias que se aprendem aqui no meu dia-a-dia porque eu na matemática ciências mas posso perfeitamente aplicar não só mesmo em alunos com necessidades educativas especiais mas mesmo com os outros. Posso vir a aplicar muitas dessas estratégias e metodologias que aqui foram aprendidas, sem dúvida.

Relativamente à formação em educação especial, à formação de professores de educação especial, nesta fase final do processo, como é que caracteriza a formação recebida face à prática letiva nessa modalidade? Ou seja, quais são os aspetos menos e mais positivos, eventualmente, o grau de preparação para a prática letiva depois em educação especial?

Eh... Aquilo que se pretende depois, é isso? Não.

Como é que caracteriza a formação? Pensa que está adequada ao grau de preparação exigido para exercer atividade letiva?

É o que eu estava a dizer há pouco. É assim, neste momento não sei se será, aqui em especial, eu acho que há coisas que deveriam ser mais, melhor exploradas, percebe, para me ajudar no meu dia-a-dia. Porque é assim, eu tenho a noção de que para o ano, provavelmente, consigo, este ano não consegui colocação no meu grupo de recrutamento, mas provavelmente se conseguirei no noventa e dez, e foi o que eu ainda há pouco estava a comentar com os colegas, que é, é assim, nós temos a teoria, temos umas noções de prática, mas eu vou começar a trabalhar. Se for colocada no 910, eu vou começar a trabalhar com eles. Certo? E agora é assim, vou começar mas com aquilo que aprendi aqui da parte da teoria mas a prática falha. Foi nisso que eu... Acho que havia de haver uma remodelação. Não sei.

É uma das questões que eu também tenho. Quais são então as sugestões que propunha para introduzir na formação de professores de educação especial?

A prática. Eu acho que sim. Por exemplo, dentro dos próprios cursos, eu sei que os estudos de caso são muito relativos, não é?, porque nós temos aquele tempo limite para fazer, porque temos o ano de teoria e depois para defender a tese. Na tese, aí sim, teremos mais tempo, mas, de qualquer das maneiras, quando se vai defender uma tese, supostamente, já se devia

ter tido a prática. Não é? Porque nós, a parte prática que temos são aqueles dois, três... Eu fiz um estudo de caso, por exemplo, com uma aluna de espina bífida, assisti a dezasseis sessões para poder fazer o estudo de caso. Portanto, é assim, eu não pude intervir. Certo? Portanto, acho que aí há... devia de ser mais no ativo, não sei, haver uma parte de prática pedagógica como existe no ensino básico, uma espécie de um estágio, entre aspas, que nós pudéssemos... Eu acho que era importante a parte pedagógica enquanto se está a ter formação porque é no terreno que nós aprendemos as coisas. E muitas das vezes não é assim que acontece porque é tudo... eh... É como eu estava a dizer há bocadinho, em termos das TIC, haver mais materiais palpáveis que nos sirvam no nosso dia a dia, porque leis e teorias basta-nos lê-las, não é?, interpretá-las juntamente com a equipa, mas eu acho que sim, a prática, a intervenção mesmo no dia a dia, eu acho que é a coisa que... uma prática pedagógica seria importante nesta formação, nem que fosse por pouco tempo, mas daria diferente. Eu acho que é diferente.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial. Como sabe, funciona na modalidade de pós-graduação. Um dos requisitos é ter formação inicial e só depois é que tiram a pós-graduação. Esse conjunto é que atribui a qualificação para a educação especial. Qual é a sua opinião acerca deste modelo? Concorda? Pensa que poderia ser eventualmente alterado?

Eu acho que sim. Eu acho que é assim, o ensino especial para já, eu, por exemplo, no meu curso de formação base não tive educação especial. Aqui, por acaso, (...) existiu mas no meu não existiu. Eu acho que não devia passar só por uma pós-graduação, devia ser logo, qualquer professor, porque vamos apanhar esses alunos no dia-a-dia. Portanto, é assim, eu acho que independentemente de tirar depois uma especialização, por exemplo, podia ser hipoteticamente uma especialização em determinado assunto, por exemplo, como os médicos. Há médicos especialistas para isto e para aquilo. Agora, um professor de ensino especial tem de abranger tudo, não é? E portanto, se o ensino especial fosse dado no curso base, por exemplo, havia depois as pós-graduações mas para uma especialização em concreto, ou em DID ou em parte motora. Eu acho que se calhar seria mais rentável porque uma especialidade é completamente diferente do que abranger tudo. Nós aqui estamos a aprender tudo, a lidar com tudo, com os DID e os motores, certo?, e vamos ficar mais especialistas naquilo que nós demos. Eu, no meu caso, foi espina bífida e agora estou a estudar um caso de epilepsia, portanto já sei aquilo tudo ali. Estamos ali a trabalhar com tanto, mas há coisas... Com outro azar, vou apanhar outros alunos, por exemplo, eu tive paralisia cerebral no ano passado, em que não estava a tirar o mestrado, e foi completamente diferente. O que aprendi foi por mim própria. Se houvesse um professor especialista naquilo, se calhar era diferente. Eu sei que agora podem dizer "Ai, na escola não pode haver um professor de cada especialidade". Ok. Eu sei. Mas, por exemplo, podia haver um núcleo em termos de agrupamento, não sei. Posso estar errada mas é a minha maneira de

pensar. É aquilo que eu penso. Eu acho que se lucrava mais porque a pessoa estando direcionada para aquilo faz um trabalho mais eficaz com aquele aluno, não é estar agora com paralisia cerebral e aplicar uma determinada estratégia e depois ter outro e... Não sei, acho que depois pode haver ali umas falhas. É a minha maneira de pensar.

Presentemente, se tivesse a oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, já coloquei esta questão...

Vou concorrer! Não é não ia, vou concorrer! Aliás, eu vou apostar tudo no noventa e dez porque... não sei se seja... talvez seja por estar desempregada, eu inicialmente disse que adorava a matemática e gosto imenso de matemática, mas neste momento com o curso e com a experiência que estou a ter, decididamente, se puder ser, ensino especial. Acho que há muita gente a precisar de mim. Muitas crianças e muitos jovens e até mesmo adultos, quem sabe.

O essencial é haver motivação para isso.

É. É. Motivada, estou. Agora, esperemos bem que haja aí um cantinho algures.

Código da entrevista: EB6

1.º Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (35 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: Licenciatura em matemática e ciência.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Estou efetiva numa escola privada.

Tempo de serviço global em ensino: Tenho 8 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Já, já, já.

Não sei se sabe, mas desde 2006 que existe o grupo de recrutamento de educação especial e sobretudo nessa altura houve uma grande oferta de formação nessa área mas também muita procura por parte dos professores. Quais são as motivações ou quais os motivos que a levaram a frequentar esta formação em educação especial?

O motivo foi talvez para conhecer melhor essas crianças com necessidades, saber como é que eu hei de trabalhar com elas, porque muitas vezes eu tinha limitações, não sabia que atitude eu deveria tomar com elas. Foi mais... penso que... pronto... Neste momento, foi mais para isso, para descobrir, conhecer, para poder saber trabalhar com elas.

Posteriormente, depois de concluir a formação, se tivesse oportunidade de concorrer, por exemplo, à educação especial, concorreria?

Tenho essa intenção de concorrer, sim.

Mesmo que esteja em pé de igualdade com matemática/ciências, tenciona optar por educação especial?

Sim! Sim, sim.

Isto porquê?

Talvez por ser algo de diferente da matemática e ciências, não é?, e... não sei, há algo que neste momento pede-me para trabalhar nesse ramo.

Relativamente a esta formação, está no início e o que é que espera da formação? Que competências é que espera adquirir e, no fundo, quais são as suas expectativas relativamente a esta formação? O que é que espera da formação?

Como eu já referi, adquirir técnicas e... pronto, saber como é que é trabalhar com elas e, sinceramente, mais uma porta aberta no ensino. Tudo bem que eu estou no privado, mas também está com altos e baixos, não é?. É isso.

Em termos de formação, tem então essa dupla valência, que é a parte técnica da área da educação especial e a possibilidade de poder depois ter mais uma porta aberta?

Sim, sim.

2.ª Fase da entrevista

Agora que está a terminar a formação, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente? Ou seja, a formação está a corresponder ou correspondeu às expectativas que tinha inicialmente?

Está a corresponder um bocadinho, está. Eh... Pronto. Adquiri novas técnicas, pronto... mais por dentro do assunto, não é? E digo que está um bocadinho porque, mas isso é a nível do mestrado, dos professores que temos, não era bem aquilo que eu estava à espera. Estava à espera de mais prática. Não tanta teoria, tanta coisa repetida, estava à espera de mais prática para trabalhar com NEE's.

Mas em termos dos saberes, dos conhecimentos, pensa que correspondeu às suas expectativas?

Sim.

Está capacitada para?

Sim, sim, sim.

E em termos de atitudes, de valores, sofreu alterações, implicou alterações na sua perspetiva?

Sim, muitas. Sofreu muito. Sim, sim. Sem dúvida.

Tornou-se mais sensível?

Mais sensível. Pronto, agora ponho-me no lugar dos pais, no lugar dos alunos, muito mais sensível. É mesmo. Não tinha essa visão antigamente, ignorava, e agora não. Dou muito mais atenção, noto uma grande diferença.

E na questão do saber fazer? Já referiu que faltou um bocadinho de prática à formação. Pensa que aí não correspondeu totalmente às suas expectativas no saber fazer, no saber intervir depois junto dos alunos?

É assim. É assim, Eu acho que o curso tem pouca prática, o que faz que eu depois, eu, na prática com os meus alunos, sinto dificuldade em transmitir os conteúdos. Tivemos, pronto, não foi em todas as unidades curriculares, não é? Houve algumas onde tivemos prática e tive a possibilidade de praticar numa aula, numa aula de ciência, que era a respiração celular e fiz prática com os miúdos. Agora, outras unidades que sinto que onde devia ser mais prática,

por exemplo, a utilização das TIC, sinto muito a falta nisso, não sei depois como é que eu vou trabalhar com essas crianças.

E qual é o impacto desta formação na sua atividade enquanto docente, não só como futura, hipoteticamente, professora de educação especial mas também relativamente ao seu grupo e origem?

Hum... desculpe.

Esta formação tem impacto, ou está a ter impacto na sua postura, na sua atividade enquanto professora?

Tem. Tem impacto como...

Em termos de lidar com os alunos... Há pouco falou na questão dos valores, das atitudes, que se tornou mais sensível!

Sim.

Pôr-se no lugar dos outros!

Mesmo, pronto, tem impacto. Mesmo até a nível dos outros alunos, tento utilizar estratégias e não tanto... não só, só, só aquelas teorias mesmo até hoje para as crianças ditas normais, tento aquilo que eu faria com uma criança NEE também já tento com elas. Ou seja, aquilo que estou a aprender aqui, já não vou praticar só com os NEE's, também estou a praticá-lo mesmo já com os outros.

Nesta fase final, como é que caracteriza a formação que recebeu aqui relativamente depois à prática letiva, ou melhor, qual é o grau de preparação que sente que tem para vir a exercer atividade docente em educação especial?

Já pensei nisso. Eu acho que é muito baixo. Muito baixo porque acho que quando uma pessoa começa uma profissão nunca está bem preparado e depois é que se vai adquirindo as práticas. Mas... É assim, não é falta de informação, não é falta de formação, nem nada, só que o dia que eu estiver no trabalho acho que vou sentir dificuldades porque, pronto, qualquer pessoa sente isso quando inicia qualquer coisa, não é? É isso.

Já referiu que esta formação contribuiu para alterar sobretudo a nível de atitudes e também de alguma postura perante os alunos.

Sim, sim.

Relativamente ao modelo de formação dos professores de educação especial, como sabe é um modelo de pós-graduação. Ou seja, um dos requisitos para frequentar e ter depois no final a qualificação é ter uma formação já inicial na docência. Qual é a sua opinião acerca deste modelo? Pensa que está bem? Que poderia ser eventualmente alterado ou melhorado? A nível da formação em educação especial!

Ou seja, a nível depois, pronto, da pós-graduação, não é?

Sim, e da formação em educação especial em geral?

Sim, acho que sim, que está bem e que é necessária, sobretudo para quem deseja trabalhar com pessoas NEE's que é necessário.

Mas todos os professores trabalham com alunos com necessidades educativas especiais?

Sim, mas não estão formadas. Não estão... eh... não são sensíveis.

Como é que se poderia, eventualmente, alterar essa situação?

Se calhar todos os professores deviam participar pelo menos uma vez ou duas numa formação, numa formação, ter conhecimento mesmo como é que se deve trabalhar ou então viver mesmo um caso real para se meter no lugar dessas pessoas. Eu acho que, muitas vezes, muitos colegas têm, pronto, certas atitudes com esses casos NEE's porque não há sentimentos. Mas isso é o ser humano que é assim. Eu acho que é isso.

Relativamente à formação de professores em educação especial, tem alguma proposta ou alguma sugestão para melhorar eventualmente essa formação?

Aquilo que eu já disse ao início, mais prática! Mais prática é o que eu sinto mais falta.

Presentemente, se tivesse oportunidade de concorrer ao grupo de recrutamento de educação especial, concorreria?

Sem dúvida!

Mesmo em igualdade de circunstâncias com o seu grupo de origem?

Sim, não tinha problema nenhum.

Está a pensar concorrer no futuro a educação especial?

Sim, sim, sim. Hum, hum!

Código da entrevista: EB7

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (34 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Mestrado, fiz o mestrado no pré-Bolonha, ainda, em Língua e Cultura Portuguesa e Didática.

Formação inicial: Licenciatura em língua e cultura portuguesa, ensino de. Sou professora do 300.

Formação em educação especial: 0. Estou a frequentar.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Contratada. Professora profissionalizada mas contratada.

Tempo de serviço global em ensino: Eu comecei em 2001/2002, há 12 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sempre tive, sempre tive. Sim. Salvo raras exceções, nem todos os anos... Sim, quase todos os anos e, em muitas turmas, tinha alunos com necessidades educativas.

Como sabe, em 2006 foi criando o grupo de recrutamento de educação especial e, desde aí, tem-se um crescente movimento de oferta formativa nesta área, bem como uma grande procura por parte dos professores pela área da educação especial, pela formação. Quais são os motivos que a levaram a querer frequentar esta formação especializada?

Inicialmente foi o facto de ter tido e ter constantemente alunos com necessidades educativas e de sentir que me faltavam algumas ferramentas para conseguir chegar e para conseguir fazer com eles o melhor trabalho possível. Portanto, achava que havia aqui uma lacuna qualquer na minha formação e que eu não estava devidamente preparada para chegar o melhor possível, e era aquilo, ao fim e ao cabo, que eu... era aquilo que queria fazer. A primeira motivação foi, realmente, essa, preencher essa falta que eu sentia. E depois, não posso realmente deixar de referir a questão da colocação no 910. Tenho mais de cinco anos de serviço, posso, depois de fazer a especialização, concorrer ao 910. E, portanto, essa também foi uma motivação. Basicamente, são essas duas. Essas duas, sim.

Relacionado com isto, posteriormente, se tivesse oportunidade, concorreria ao grupo de educação especial? E em que circunstâncias? Se tivesse, por exemplo, se pudesse optar entre o grupo 300 e educação especial, por qual é que optaria? E em que circunstâncias é que concorreria ao 910?

Quer dizer, essa resposta, eu só conseguirei dá-la com toda a certeza no final da formação, porque eu estou realmente no início e estou a perceber que as dúvidas são tantas, as questões são tantas que eu vou precisar realmente de estar melhor preparada para conseguir em pleno entrar no grupo 910, sendo que esse é o meu objetivo. O meu objetivo é realmente poder concorrer e fazê-lo. Até lá, tenho um caminho para percorrer.

Mas estando em...

Em pé de igualdade?

Em pé de igualdade, digamos assim?

Se calhar aceitaria o desafio de mudar de grupo, sim.

Antes de iniciar a formação em educação especial, que competências espera adquirir com esta formação? Quais são as expectativas que tem relativamente a esta formação?

Aquilo que eu realmente queria era chegar ao final da formação e ser capaz de dar melhores respostas. Portanto, há aqui realmente questões mesmo de conhecimento que eu não tenho e que penso que, com a formação, irei adquirir, espero. A minha expectativa é realmente fazer uma formação o mais completa possível que me dê alguns instrumentos para que depois eu possa desenvolver e, de forma autónoma, desempenhar um melhor trabalho. Portanto, a expectativa é alta. Não sei depois no final como é que...

Espera sair daqui devidamente...

Capaz.

... preparada...

Capaz!

... capaz para enfrentar...

Capaz para enfrentar esse tipo de alunos.

2.ª Fase da entrevista

Está nesta fase a terminar a formação e educação especial, a parte da especialização, e qual é o balanço que faz relativamente às expectativas que tinha inicialmente?

Aquilo que eu achava inicialmente é que seria bem mais prático do que aquilo que eu estou a perceber que efetivamente está a ser, portanto, continuamos muito naquela onda dos cursos muito teóricos, muito teóricos, que tem interesse, tem importância conhecer alguns instrumentos... [interrupção da entrevista pela coordenadora do curso]

Estávamos então nas expectativas!

Na parte, sim, que está a revelar-se bem mais teórico do que aquilo que eu desejaria. E estava na parte em que dizia que tudo isso pode ter interesse conhecer a parte teórica das problemáticas, as etiologias, classificações, instrumentos de avaliação e etc, mas depois não fazer a aplicação desses mesmos instrumentos e, quer dizer, que era ao fim e ao cabo aquilo que me motivava e que eu estava à espera e que não estou a encontrar, pelo menos da forma como eu gostaria de encontrar.

Digamos que em termos dos saberes, dos conhecimentos, sente que está preparada?

Sim. Agora, uma coisa é a parte teórica e depois outra coisa é saber fazer...

A parte prática!

Exatamente. Exatamente. Até porque depois cada caso é um caso e na prática as coisas serão bem mais complicadas do que conhecer todas essas teorias.

E em termos das atitudes, dos valores, do ser, no fundo, esta formação teve alguma influência na sua maneira de ser?

Eu já tinha uma ideia de como deveria ser a escola inclusiva, já tinha uma ideia de como era o professor que incluía verdadeiramente e já tentava fazê-lo, pronto. De modo que está a ir de encontro com aquilo que era já uma prática que eu tinha mesmo sem ter qualquer especialização nesta área, porque sempre tive alunos com necessidades nas turmas, uns com mais dificuldades, outros com menos, ok, mas sempre foi uma prática, digamos assim, de modo que talvez fique mais sensibilizada para algumas problemáticas, ok, mas enfim, já vai de encontro com aquilo que já era a minha forma de estar enquanto professora de português.

De uma forma geral, qual é o impacto desta formação na sua atividade enquanto docente, não só numa futura professora de educação especial mas também de português, na sua atividade docente? Tem impacto?

Provavelmente não tem tanto como eu desejaria. Talvez um bocado indo de encontro com aquilo que eu já estava a dizer, que já estava desperta para estas realidade e que já me tentava, de alguma maneira, adaptar a elas. De modo que não sei se, avaliando, se calhar... Lá está, eu ainda estou dentro do processo, não é? Porque se eu daqui a uns tempos for avaliar talvez consiga ter outra percepção, não sei. Mas, para já, para já, não vejo que... mas porque já existia! Não sei se me estou a fazer entender.

Sim, sim, sim, sim!

Não é que falta essa parte aqui, não é?

Uma lacuna que supostamente existiria já estava preenchida?

Já estava preenchida. Sim.

Relativamente à formação, como é que caracteriza esta formação que recebeu relativamente à prática letiva, ou seja, qual é o grau de preparação que sente que tem para vir a exercer atividade docente em educação especial?

Pois, a preparação vai mesmo de encontro mais com a parte teórica das questões e não tanto a parte, embora, ok, há sempre uma pista de intervenção pedagógica, há sempre qualquer coisa que se vai aprendendo mas eu desejaria que fosse bem mais prático do que aquilo que está a ser e que sei que é a prática comum e que será em fim e ao cabo a formação geral em termos de país a este nível. Portanto, por conversas com outras pessoas, que estão noutros sítios, acho que as queixas são muito idênticas.

Mas, insistindo neste ponto, esta formação contribuiu ou introduziu mudanças nas conceções, nas práticas que tem letivas?

Neste momento não. Neste momento não. Neste momento não.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, que é um modelo de pós-graduação. Um dos requisitos é ter já uma formação inicial que conjugada com a pós-graduação atribui a qualificação profissional para a educação especial. Qual é a sua opinião relativamente a este processo de formação de professores de educação especial?

Ah, isto é uma formação muito incipiente, quer dizer, isto é uma formação muito reduzida para quem já não tiver alguma experiência com necessidades educativas e para quem não tiver já por ele próprio vontade de aprender e de praticar e etc. Quer dizer, é um ano que não dá para conseguir estar minimamente preparado em todos os âmbitos, será muito difícil.

Que sugestões é que propõe ou proporia para melhorar este processo?

Não sei se aumentar o tempo seria uma solução. Também, se calhar, não parece. Talvez atribuir uma importância maior em termos de prática, não sei, com situações reais. Talvez isso fizesse com que nós pudéssemos estar melhor preparados. Ah, vamos ver, melhor preparados, isto também depende da expectativa de cada um, não é? [risos] Se a expectativa de cada um é já assim muito alta depois pode achar que não estará, mas depois na prática até consegue perceber que está preparado, não sei. Não sei.

Vou-lhe repetir uma questão que lhe coloquei na primeira fase da entrevista que foi presentemente se tivesse oportunidade de concorrer para o grupo de educação especial se o faria?

Eu continuo a dar-lhe a mesma resposta que é gostava de experimentar.

Mas e em igualdade de circunstâncias?

Em igualdade de circunstâncias, neste momento, pelos receios que tenho de não poder estar à altura de um desafio desses, se calhar optaria pelo grupo trezentos. Neste momento, porque estou bem mais por dentro daquilo que são os problemas destas populações e se calhar em igualdade de circunstâncias, eu iria para aquilo a que se chama a... zona de conforto e efetivamente a minha zona de conforto é o grupo trezentos onde estou há doze anos. Portanto, embora gostasse de experimentar, embora gostasse... enfim, talvez neste momento com um conhecimento mais aprofundado, ok, em termos teóricos tudo bem, talvez optasse pelo grupo trezentos, neste momento.

Código da entrevista: EB8

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (29 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Mestrado em literatura.

Formação inicial: Licenciatura em língua e literatura portuguesas.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Neste momento é desempregada.

Mas está a aguardar colocação? Sim, a aguardar colocação.

Tempo de serviço global em ensino: 3 anos e pouco.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim, sim, sim. Já trabalhei com alunos com necessidades educativas especiais, a nível cognitivo, de dislexia ou assim, mas a nível de deficiência mais grave, trissomias 21 e autismos, sim, de uma maneira muito superficial, obviamente, de estarem na sala ou, eventualmente, o de trissomia 21 tinha uma empatia muito grande por mim e chamava-me para eu ir às aulas de música com ele. Era um tempinho que eu tinha e chamava-me sempre, fazia questão sempre que eu fosse com ele. E eu cantava, dançava com ele. Era uma maneira de interagir.

Desde 2006 que existe o grupo de recrutamento de educação especial, 910, 920 e 930, e verificou-se sobretudo a partir daí uma grande oferta de formação na área da educação especial, mas também procura por parte dos professores. No fundo, o que é que a motivou, o que é que a levou a frequentar esta formação na área da educação especial?

A minha motivação são várias. Normalmente, assim pelo que as colegas disseram ali na sala, a experiência que têm da escola não é a melhor. E eu, a nível de colegas de educação especial, eu tenho colegas fantásticas, que também serviu de motivação para mim. E também... eu... É assim, se eu vim para isto para concorrer ao 910, não, eu nem tenho os cinco anos de serviço, não é? Só que a nível de português, a nível da minha vida pessoal, é uma mais-valia para depois eu saber lidar com estas crianças ou adultos, quiçá, não sei o meu futuro, não é?

Mas se pudesse concorrer para a educação especial, imaginemos que em pé de igualdade com o português?

Eu vou poder concorrer depois, já me explicou a professora (...) e o professor (...) quando estavam na apresentação do curso que depois eu poderia concorrer na oferta de escola ao 910.

Imaginemos que poderia concorrer para a educação especial e que estava em pé de igualdade com o português.

Sim.

Por qual é que optaria? Ou em que circunstâncias é que optaria pela educação especial?

Se calhar pelo 910 porque a nível pessoal deve ser muito mais reconfortante e... não sei... digo eu.

Sobretudo pela questão pessoal!

Pessoal, pessoal, a nível pessoal, exatamente. Porque profissional, professor por professor, penso que é idêntico, é a mesma exigência. Digo eu!

Agora que está nesta fase inicial da formação, quais são as competências ou quais são as suas expectativas relativamente à formação? O que é que espera com esta formação?

Para já, adquirir conceitos que eu não sei. Ou sei os conceitos mas não sei depois na teoria o que é que eles significam e o que é que é profundamente, assim, no aprofundar da situação, o que é que são. Lidar com determinadas situações que já me deparei e o que é que eu faço agora com essas ditas crianças. E a nível pessoal, de autoestima, e saber, saber do que é que se trata basicamente esta matéria.

2.ª Fase da entrevista

Então, relativamente à formação...

Eu acho que basicamente é muita teoria.

Era isso que lhe ia perguntar. Agora que está a terminar a formação, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente?

Eu acho o curso pobre. Acho o curso pobre e tinha, se calhar não tinha demasiadas expectativas, mas tinha algumas expectativas altas em relação ao que viria a aprender, já aprendi coisas novas, atenção, evidentemente, mas pensava que vinha aprender muito mais coisas práticas e que eu pudesse aplicar, e não é bem assim. Acho que se baseia um bocadinho muito pela teoria, obviamente temos de saber a teoria para depois podermos fazer a prática, mas acho que é demasiada teoria e pouca prática.

E essa teoria, em termos de conhecimentos, pensa que correspondeu às suas expectativas?

Sim, sim. Aprendi bastante. Aprendi bastante assim a nível de teoria que eu não tinha conhecimentos, só que se eu vou para o terreno e me dizem assim: como é que tu abordas um deficiente motor para ir a x lado? Eu não aprendi aqui. Como é que abordas um autista para aprender uma coisa simples? Eu não aprendi aqui. Estou num mestrado de educação especial, pelo que acho que deveríamos abordar isto. Foi assim muito generalizado e eu acho que deveríamos ir a casos específicos.

Em termos do ser, das atitudes e dos valores, esta formação contribuiu, eventualmente, claro, para alterar os seus valores, a sua postura perante esses alunos com necessidades educativas especiais?

Não, eu considero-me já uma pessoa muito humana a todos os níveis e tento sempre pôr-me no lugar do outro. Isso também facilitou aqui a minha posição porque já fazia isso antes. Por isso não contribuiu para enriquecer porque eu já o fazia antes.

Esta formação que recebeu aqui tem algum impacto ou vai ter algum impacto na sua atividade enquanto docente, docente em sentido geral?

A nível geral.

Não só eventualmente em educação especial ou na sua formação de origem?

Eh, não sei. Eu acho que sim, que vai ter. Inconscientemente, vai ter, sim, porque vamos pensar em coisas que se calhar nunca tínhamos pensado, vamos rever alguma postura que nós poderemos ou poderíamos praticar e que agora se calhar não vamos aplicar ou ver contextos, depende do contexto. Depende um bocadinho do contexto.

Como é que caracteriza esta formação em educação especial face à prática letiva nesta modalidade de educação especial? Já acabou por referir um pouco.

Exaustiva. Exaustiva. Acho que é o adjetivo que melhor se aplica. E depois são muitos conhecimentos em pouco tempo. Depois não aplicamos nada. Quem tem oportunidade de trabalhar em instituições e assim, pode aplicar ou quem está nas escolas e tem esses casos específicos da educação especial ou esses NEE's pode aplicar, outros não podem. E eu acho que, pronto, deveria... Eu continuo a apostar na prática, mais na prática. No primeiro semestre, o seminário foi mais prático e foi muito bom.

Então, a nível de preparação para vir a exercer atividade docente em educação especial, como é que se sente?

Como é que queres que eu classifique? [risos]

Qual é o grau?

Em níveis? [risos] Em níveis? [risos]

Como queira! Como queira!

Como é que em termos de prática...

Sente-se preparada para poder trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais no âmbito da educação especial?

Sinto-me preparada com algumas limitações, se não forem muitas limitações! Porque é estes casos específicos que eu lhe digo, eu ainda não sei como abordar. Eu sei que isto depois só através da experiência é que nós lá vamos chegar, é como tudo, não é? Quando tiramos a carta também passámos no teste mas não temos a prática. E aqui é igual, passamos aqui na pós-graduação ou no mestrado mas depois temos que ver a prática. Mas é assim, acho que não estou totalmente preparada. Acho que não.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, como sabe funciona no modelo de pós-graduação, um dos requisitos é ter já a formação inicial que, depois conjugada com esta formação, atribui qualificação para o grupo de recrutamento de educação especial. Qual é a sua opinião relativamente a este processo de formação de professores de educação especial?

Eu posso falar por mim porque na minha formação base não tive qualquer disciplina que fizesse referência às necessidades educativas especiais, o que eu acho um absurdo porque eu, como professora de português, apanho miúdos de necessidades educativas especiais que não sei como lidar com eles. Ou seja, acho que isso é logo um lapso. Agora, a pós-graduação, está bem, algumas das disciplinas estão ótimas, outras eu acho que estão completamente descontextualizadas. Ou então não são abordadas da melhor maneira também, mas quem sou eu para estar a criticar, não é? Posso dizer o meu ponto de vista somente. Mas acho que assim, de uma maneira geral, está bem. Só direcionado para a prática, é que eu penso que está aqui a gralha, pronto. Uma falhazinha que devia estar mais direcionado para a prática. No primeiro semestre tivemos o seminário que era mais prático. Agora no segundo semestre não houve prática nenhuma, a nível de campo, coisas que pudéssemos ver e mexer e fazer, nada.

Indiretamente já respondeu a esta questão mas que sugestões é que propõe para melhorar a formação de educação especial?

Insistir na prática. Insistir na prática e também como exemplos. Nós somos, este ano somos menos alunos do que nos outros anos, pelo que os professores dizem, mas, por exemplo, eu podia fazer de DID, de autista, não é?, de qualquer coisa e depois o outro como é que reagiria comigo? Estas práticas que eu acho que seriam muito enriquecedoras se insistissem nisto, e exemplos práticos que nós podemos ter. Claro que não vamos buscar às escolas miúdos para trazer para aqui. Mas nós, com a formação teórica que temos, já sabemos como é que eles reagem em determinados aspetos, mas não são todos iguais, não é? Cada caso é um caso. Então eu poderia fazer de necessidade educativa especial, como é que reagias tu, por exemplo, não é? Assim, neste aspeto, eu acho que peca um bocadinho por isto.

Já lhe coloquei esta questão na primeira fase das entrevistas que é presentemente se tivesse oportunidade concorreria ao grupo de educação especial?

Sim!

E se estivesse em igualdade de circunstâncias com português por qual é que optaria?

Acho que é mais interessante a educação especial. Pst. Mais enriquecedor a nível humano, a nível de valores. Eu acho que sim, optava pelo 910.

Mas no próximo concurso em que possa optar...

Eu, é assim, como não tenho os cinco anos de serviço, eu acho que já tinha falado disto no início consigo, eu acho que a nível de contratação de escola é que posso concorrer. Por isso, não sei se poderei mesmo.

Mas se estivesse em igualdade de circunstâncias?

910.

Código da entrevista: EB9

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (51 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Tenho mestrado.

Formação inicial: Tenho ciências da educação. Licenciatura em ciências da educação, não é para o ensino propriamente. Costumo estar no 530, educação tecnológica. Não estou porque este ano não fiquei colocada. Mas já vamos falar mais à frente das minhas motivações para estar aqui porque tem a ver com o grupo.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Desempregada. Sou contratada, por isso é que estou desempregada.

Tempo de serviço global em ensino: Em anos, são 12, mas em dias são quatro mil e qualquer coisa porque nem sempre tive horário completo. Houve dois ou três anos que tive dezasseis horas, e um outro ano tive catorze. Daí não corresponder os dias aos anos que tenho de serviço.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Não tenho.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Apanhei. Apanhei. Inclusive no ano passado apanhei quatro na mesma turma.

Como sabem, em 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial e, sobretudo nessa altura, houve um aumento da oferta de formação por parte das instituições de ensino superior mas também uma procura por parte dos professores. Quais são as motivações, que motivos é que a levaram a frequentar esta formação?

Olhe, eu não lhe vou dar a resposta politicamente correta. A resposta politicamente correta seria interesse-me muito por criança com necessidades educativas especiais. E interesse! Pronto. Porque é assim, eu como professora há doze anos sempre tive alunos NEE's, com necessidades educativas especiais, e às vezes sinto algumas carências porque não sei muito bem como é que hei de lidar e sempre pensei que um dia gostava de perceber melhor e gostava de poder trabalhar. Mas esse dia nunca se proporcionaria se eu este ano não tivesse ficado desempregada, muito sinceramente. Vou-lhe ser o mais sincera que conseguir ser. Porque este ano, pela primeira vez, não fui colocada, o meu grupo praticamente deixou de existir, ou seja, passou de obrigatório a opcional, e é difícil. De maneira que agora juntaram-se os dois fatores, é a minha necessidade de compreender melhor, isto é a politicamente correta, e também para o ano que vem ter a hipótese de ser colocada neste grupo.

Posteriormente, se tivesse oportunidade, de concorrer à educação especial, concorreria?

Sim, claro.

Mas em que circunstâncias? Ou seja, se estivesse em pé de igualdade educação tecnológica e educação especial por qua é que optaria?

Eh... É assim, eu gosto muito do meu grupo, muito sinceramente, mas talvez agora, depois desta formação, agora gostava muito de experimentar a educação especial, mesmo muito, porque é aquilo que eu já disse anteriormente, eu ao longo destes doze anos senti muito a necessidade sempre de ter alguma formação a nível de educação especial porque tenho tido os casos mais diversos de alunos NEE's e nem sempre isso é fácil em sala de aula. Um professor ter esse tipo de alunos, um professor que não tem formação, por vezes é

complicado lidar com... principalmente quando são problemas mais complexos, e é muito complicado lidar com essas situações. Agora, é evidente, se eu pudesse continuar no meu grupo, é evidente que era a situação ideal. Mas não é uma coisa que veja com muito maus olhos até porque... É assim, eu gosto muito de ser professora. Portanto, se eu não gostasse, se calhar optaria em vez de vir tirar isto, apesar da minha idade, porque sou a mais velha, como já viu, optaria se calhar por ir fazer qualquer outra coisa. Mas estou a tentar ainda uma outra hipótese.

Está no início desta formação em educação especial e o que é que espera desta formação? Que competências é que espera adquirir? No fundo, quais são as expectativas que tem relativamente à formação?

Olhe, logo aqui na primeira aula de apresentação, eu falei numa coisa que me tem sempre feito muita confusão, que é, há sempre ali um abismo muito grande entre os professores da educação especial e os outros professores. Parece que há sempre ali uma guerra. E aquilo que nós debatemos até nessa aula foi até que ponto nós vamos ser capazes de mudar isto. É evidente que uma pessoa agora, no início, está entusiasmada e até parece que vai fazer um trabalho diferente, mas é uma coisa que sempre me tem feito alguma confusão, porque é que não há aquele entendimento, porque no fundo quem ganharia seriam as crianças, e porque é que não há aquele entendimento. Parece que os professores estão sempre contra o professor de educação especial, parece que é um favor que lhe estão sempre a fazer, a chamada escola inclusiva e quase que obrigam os miúdos, no entender dos professores, dos outros professores, os professores do ensino especial quase que obrigam os alunos a frequentar as aulas, e às vezes, já me tem passado pela cabeça agora durante estes quinze dias em que andamos aqui, até que ponto é que nós poderemos ou não agora com esta formação e talvez com o nosso conhecimento já como professores que temos desses miúdos, até que ponto é que poderemos ou não mudar alguma coisa. Não sei. É uma questão que me tem assaltado, muito sinceramente.

Mas espera também adquirir competências técnicas para poder depois lidar com cada um dos alunos?

Espero, até porque é assim, como sabe, a educação especial é uma coisa muito recente e muitos dos professores que se têm encontrado na escola nem sequer têm formação de ensino especial. São professores com uma série de anos de serviço que, por um motivo ou por outro, foram para a educação especial. A maior parte dos professores, pelas escolas onde eu tenho passado, não tem formação em educação especial. Têm a prática ao longo dos anos de lidar com a educação especial. São professores do quadro que... enfim, que já conhecem os miúdos há muitos anos, eu tenho quase sempre praticamente estado em TEIP, escolas muito complicadas, são professores que já conhecem o bairro muito bem, que conhecem a escola muito bem, e lá vão fazendo o seu trabalho. Eu não sei se... se as minhas expectativas vão por

aí, pensar que vou adquirir o tipo de conhecimento que talvez os professores com quem me tenho cruzado não tenham, não sei. Pelo menos é isso que eu penso.

2.ª Fase da entrevista

Agora que está a terminar a formação qual é o balanço que faz relativamente às expectativas que tinha inicialmente?

Olhe, eu vou ser muito sincera. Estava com algumas expectativas, elevadas, mas saíram um bocadinho goradas, tanto que eu estive para desistir no primeiro semestre. É assim, eu sou professora e tenho algum contacto com crianças de educação especial, já lido com elas, digamos assim, portanto, aquilo que eu queria era uma mais-valia para me ajudar a intervir de outra forma. E o curso é muito teórico, muito, muito, muito! Aliás, nós, a semana passada, até falámos disso com um professor. Nós devíamos intervir mais, devia haver parcerias com instituições, nós devíamos dirigir a essas instituições, pronto, é assim nessa base que eu acho que a pós-graduação devia ser.

Relativamente aos conteúdos abordados, corresponderam às expectativas que tinha? Pensa que foram abordados convenientemente e que são os conteúdos necessários depois para a prática letiva?

Eh... Não! Abordámos tudo muito superficialmente. Por exemplo. Eu vou dar-lhe um exemplo muito concreto. A paralisia cerebral é um dos poucos casos que eu nunca tive como aluno. Eu fiquei com muito poucas noções de como intervir com um aluno com essa problemática, porque dá-se muita teoria, dá-se muito a história da educação especial, dá-se muitas teorias contemporâneas e fala-se de muitos autores mas não é isso que nos interessa. Interessa-nos mesmo, é evidente, nós temos sempre que dar alguma teoria e isso nem está em questão, mas a prática para nós é o mais importante.

Deduzo então que em termos do saber fazer ou das metodologias de intervenção junto depois das crianças e dos jovens com necessidades educativas especiais ficou um bocadinho aquém das expectativas que tinha?

Ficou muito aquém das expectativas que tinha. Aliás, vou ser muito sincera, no outro dia eu dizia isto para uma colega minha, e eu saio daqui a saber muito pouco mais do que aquilo que sabia quando entrei, muito sinceramente. E aquilo que sei, tenho lido, por acaso fiz dois trabalhos bastante interessantes que me obrigaram, obrigaram foi assim a metodologia que entendi, a ir ao (...) e a ir a um outro centro e nesse centro achei superimportante o contacto com as psicólogas e com as crianças porque eu fui fazer uma entrevista, foi assim que estruturei o trabalho, fui fazer uma entrevista, era sobre PHDA, e realmente foi uma das

grandes experiências que eu tive aqui. Mas fui eu que orientei e que decidi que tinha de ser assim o trabalho.

Relativamente às atitudes e aos valores, os seus valores e as suas atitudes alteraram com esta formação relativamente à inclusão e aos alunos com necessidades educativas especiais?

À maneira de os ver? Não. Não. Se calhar fazem-me refletir mais. Se calhar. Quando nós falamos em inclusão chegamos à conclusão que é uma utopia, que não há inclusão nenhuma, porque as crianças estão na sala de aula, realmente elas estão lá, mas não estão a fazer, não têm programas próprios para elas, os professores do regular não têm tempo para elas. Pronto, fazem-nos refletir e fazem-nos ter vontade de quando nós realmente formos para o terreno de mudar um bocadinho as atitudes. Pronto, é a esse nível que eu acho que este mestrado foi uma mais-valia. Mas só a esse nível. Mas não vejo de maneira diferente as crianças com necessidades educativas especiais até, como já disse, eu sou professora há doze anos e eu sempre tive crianças com NE's.

Relativamente ao impacto da formação, qual foi o impacto que teve na sua atividade enquanto docente, não só como hipotética ou futura professora de educação especial, mas também como professora que é no grupo atual?

É assim, eu, este ano, estou desempregada. Pronto. Mas fizemos uma atividade, eu sou de (...), eu não sou daqui, e fiz duas atividades, uma foi em (...), na escola onde no ano passado estive colocada, e outra foi aqui, na (...), com uma turma só de crianças NE's. E, enfim, deu para ver um bocadinho a nossa prática pedagógica, como é que ia ver, até porque eu nunca tinha estado numa turma só com crianças NE's. Exatamente, nunca tinha. Tem um nome, é uma sala de ensino estruturado, salvo erro, ou multi... multi... em que há várias problemáticas, pronto, desde a paralisia cerebral, à trissomia vinte e um, ao PHDA, ao défice cognitivo, todas essas problemáticas. Foi uma experiência muito gratificante, é verdade, mas, lá está, também porque nós tomámos a iniciativa de ser assim que íamos conduzir o trabalho. Porque tudo o que são trabalhos teóricos, aqui baseiam-se muito em artigos científicos, acho que para a nossa prática, um artigo científico não é uma grande mais-valia para o nosso dia-a-dia. Este tipo de trabalho sim, este tipo de trabalho foi uma mais-valia.

Acha que a formação vai ter, pronto, quando vier a dar aulas, esperemos que seja em breve, não só em educação especial mas também no grupo da formação inicial, acha que vai ter algum impacto esta formação na sua prática letiva, em lidar com os alunos?

Vai. Vai porque... Eu vou-lhe dar um exemplo. Eu quando estava em conselhos de turma, normalmente estavam os docentes todos, está a professora de educação especial, normalmente a professora de educação especial dá documentos ou envia por *mail* para nós

antes lermos os documentos para quando formos para a reunião já levarmos alguma visão daquilo que se vai dizer. Vou ser muito sincera, eu e noventa e cinco por cento das minhas colegas não pegamos nos documentos e não sabemos e nem queríamos saber. Se calhar as coisas agora vão ser diferentes. É evidente, eu quando tinha os miúdos na sala de aula, tentava, enfim, fazer as coisas de forma mais adequada possível. Mas em termos de papelada, digamos assim, é verdade que não ligava rigorosamente nada.

Relativamente ao processo de formação de professores de educação especial, como já referi, é um modelo que funciona como pós-graduação. Que opinião tem acerca deste modelo de formação de professores de educação especial? Acha que está adequado, poderia ser diferente?

É assim. Quem vem para esta formação que não é professor é muito complicado sair daqui com competências para lidar com NE's. Eu acho que fazia todo o sentido, assim como há professores de inglês, com a especialização, inglês em TIC, também acho que fazia todo o sentido haver em educação especial ou então, por exemplo, os cursos, foi outra conversa que tivemos também com o professor no outro dia, os cursos de professores deviam todos contemplar nos seus currículos os NE's porque os miúdos que saem daqui da formação inicial deparam-se com duas ou três crianças NE's e eles ficam completamente sem saber o que fazer. Os currículos são precisamente agora como eram há trinta anos atrás e as coisas estão muito mudadas. É a mesma coisa que a indisciplina. Um professor que acabe este ano o curso e que seja para o ano colocado numa escola TEIP, por exemplo, uma escola TEIP é daquelas escolas onde há muita indisciplina, fica um bocadinho sem saber o que fazer. Eu acho que isso devia ser contemplado, tanto uma questão como a outra, devia ser contemplado nos cursos de iniciação.

Até porque, hoje em dia, todas as turmas têm um ou dois alunos com necessidades educativas especiais.

Exatamente. Agora menos, porque agora as coisas, como há falta de dinheiro, as coisas agora já são mais rigorosas e enfim.

Qual é o grau de preparação para a prática letiva em educação especial? Sente-se preparada para, no próximo ano, por exemplo, trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais? Esta formação preparou-a para isso?

Muito sinceramente, eu acho que... talvez me tenha ajudado um bocadinho, pronto, pelo menos na parte da reflexão talvez me tenha ajudado um bocadinho. Agora naquela questão, sabe que os professores de educação especial trabalham muito também à base de relatórios, muitos relatórios. Fazem muitos, imensos e, pronto, às vezes, eles próprios também se debatem com o problema de não saber muito bem porque eles não têm grandes ajudas do

conselho de turma, eles praticamente fazem tudo sozinhos, e também acho que há lacunas a esse nível. Aqui, por exemplo, devíamos fazer mais planos de intervenção, devíamos fazer mais esse tipo de relatórios, tudo isso acho que era importante nós aqui fazermos. E, como eu já lhe disse, é tudo muito teórico, tudo, tudo, tudo.

Pegando nessa parte agora que referiu da teoria, que sugestões é que propõe ou proporia para introduzir na formação de professores de educação especial?

Eu já propus, aliás, é fazer parcerias aqui em... Eu não sou aqui de (...), como já lhe disse, sou de (...) e não sei bem o nome das instituições, mas sei que é uma (...), pronto, e há uma outra instituição, e há várias instituições, por que não fazer parcerias com essas instituições e nós termos uma espécie de... de... de estágios, miniestágios, em que poderíamos ir dois ou três uma semana e ao fim de um ano talvez as coisas fossem menos complicadas. Isto acho que era uma ideia que não era de desprezar.

Mas só com esse tipo de instituições? Não também com escolas porque, quer queiramos, quer não, a inclusão prevê que os alunos estejam nas escolas e a tendência é até para estas instituições encerrarem.

Exato. Eu não falo com escolas porque, é assim, eu acho que era uma mais-valia, mas eu não falo porque como eu normalmente estive sempre em escolas, eu, por exemplo, eu não conheço uma associação desse tipo. Uma APPACDM, eu não conheço. Nunca entrei numa associação dessas. Entrei agora no (...), que não é bem a mesma coisa, mas, pronto, também tem a ver com a inclusão, com os NE's, etc, porque, enfim, mas eu não conhecia este tipo de instituição. Eu falo em instituições porque são coisas que a mim me fazem falta ir e fazem falta lidar com essas situações. E escolas também, é evidente, escolas também.

Então, reforçaria essa questão da parte prática!

Essencialmente a parte prática da formação, exatamente.

Vou-lhe repetir uma questão que lhe coloquei na primeira fase que é: se tivesse oportunidade presentemente de concorrer ao grupo de educação especial, concorreria?

Ao grupo mas para aqui ou para dar aulas?

Não, para dar aulas!

Ah, eu lembro-me da questão! Sim, sim, concorro.

E em igualdade de circunstâncias com a sua formação inicial? Por qual é que optaria?

Mas é assim, eu para lhe responder a isso, eu tenho de ser honesta. O meu grupo, que é o 530, educação tecnológica, passou a opcional, portanto, não me deixa muitas opções. Eu podia ser politicamente correta: Ai, não, eu ia concorrer ao grupo. Mas se o meu grupo continuasse, por exemplo, a ser obrigatório como era, eu não sei, eu acho que tinha que pensar duas vezes. Muito sinceramente, eu acho que tinha que pensar duas vezes. Não era logo assim tão linear.

Código da entrevista: EB10

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (35 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura em português/inglês.

Formação inicial: Licenciatura em português/inglês.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Até agora dei aulas nas AEC's, que é contrato com o ministério mas só, por enquanto só.

Tempo de serviço global em ensino: Ainda nem um ano faz. São 318 dias, se não me engano. Um ano, quase.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Infelizmente, sim. Já apanhei alunos com necessidades educativas especiais

Como sabe, desde 2006, ou pelo menos fica a saber, foi criado o grupo de recrutamento de educação especial temos e desde, sobretudo nessa altura, verificou-se um boom em termos de oferta de formação por parte das instituições de ensino superior, mas também procura por parte de professores. Nesse sentido, quais foram os motivos ou as motivações que a levaram a querer frequentar esta formação?

Para já, porque realmente não sei trabalhar com elas porque deparei-me pelo menos com duas bem problemáticas, ao nível de não saber escrever, nem motricidade fina, nada. E, realmente, nós ficamos sem saber como trabalhar com essa criança e desenvolver e, no meu caso do inglês, só na oralidade e pouco. Realmente, senti muita necessidade de saber estratégias, como é que hei de conseguir que aquela criança tenha, não digo os mesmo conhecimentos, mas que pelo menos que tenha mais, não é? E não só. Também tenho um centro de explicações em que cada vez mais aparecem crianças com NEE: défice de atenção, hiperatividade, muitas dificuldades na aprendizagem... E, mais uma vez, deparei-me com essa dificuldade: como é que eu hei de conseguir que esta criança desenvolva ao nível intelectual. E foi mais uma dessas razões.

Questões profissionais no sentido de poder concorrer...

Claro, também, mas uma pessoa tem que ser realista. Da maneira como está e como eu não tenho cinco anos de serviço, eu sei perfeitamente que vou ter mais dificuldades perante os meus colegas. Mas principalmente ajudar mesmo as crianças. Claro que o intuito será daqui a alguns anos, se Deus quiser, enveredar por essa área, é lógico.

Posteriormente, se tivesse oportunidade de concorrer à educação especial, concorreria?

Sem dúvida alguma.

Mas em que circunstâncias? Por exemplo, se estivesse em pé de igualdade com o inglês? Por qual é que optaria?

Realmente, boa pergunta. Ninguém me fez essa questão. Pois, não sei. Acho que só mesmo lidando agora e tirando aquele mestrado e ter contacto com essas crianças, então aí é que irei decidir. Por enquanto não sei responder a essa questão. O inglês também é a minha paixão, não é? [risos]

Antes de iniciar ou estar a iniciar esta formação em educação especial, que competências é que espera adquirir? Quais são as expectativas que tem face a esta formação?

É mesmo isso, é saber lidar... Lidar, não, porque elas são crianças extraordinárias, mas saber definir estratégias para conseguir que essas crianças tenham uma evolução, sem dúvida alguma.

2.ª Fase da entrevista

Agora que se encontra a terminar esta formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente?

Bem, em relação à colocação está igual. Tenho noção de que está complicado e que vou tentar, logicamente. A esperança é a última a morrer mas realmente tenho noção de que não será tão cedo de que vou conseguir ficar colocada porque também tenho pouco tempo de serviço, também sou sincera. Mas estou crente de que é realmente isto que eu quero. Por acaso gostei, gostei muito. Tenho pena de não termos mais partes práticas, é muita teoria. Pronto. Tivemos acesso a algumas provas que poderemos fazer mas prática, ter contacto, não tivemos. E tive pena.

Mas, no fundo, esta formação correspondeu àquelas expectativas que tinha inicialmente quando veio para a formação?

Nesse sentido não. Nesse sentido não. Tinha esperança realmente que saísse daqui e que, dando um exemplo prático, tivesse acesso a uma criança, porque eu tenho um centro de explicações, não sei se comentei no início, e cada vez aparecem mais crianças com dificuldades, e que pegasse naquela criança e soubesse logo diagnosticar e saber o que fazer. Nisso acho que ainda é um bocadinho pobre.

Relativamente aos conteúdos que foram abordados, pensa que foram os adequados e suficientes e abordados de uma forma eficaz, digamos assim, para corresponder ao trabalho depois em educação especial?

Sim, isso sim. É só... a única, realmente, a única expectativa que ficou abaixo realmente foi a prática. Agora, de resto, a teoria sim.

Relativamente às atitudes e aos valores que tinha, esta formação contribuiu para eventualmente os alterar, relativamente ao processo de inclusão?

Completamente, sim, sem dúvida alguma. Por acaso ainda agora comentei com uma colega minha que vejo a pessoa com deficiência completamente diferente. Nunca tive, pronto, sempre os vi sem preconceito nenhum, concordo plenamente que estejam na escola, mas agora vejo-os de maneira diferente. Eu acho que sim, que devem estar incluídos e que devemos, em breve, mudar realmente a nossa mentalidade, todos, os professores, os professores. Começar pelos professores.

Qual é o impacto desta formação na sua atividade docente, não só no futuro enquanto, eventualmente, professora de educação especial mas também na sua atividade, na sua formação inicial e também enquanto explicadora?

Ehhh... Qual é?

Esta formação tem impacto na sua postura perante os alunos?

Sim, compreendo-os muito melhor, sem dúvida alguma. Eu acho que ajuda muito. Eu acho que devemos, eu tenho pena realmente e, torno a dizer, a prática porque acho que com estas formações temos muita teoria mas eu acho que com mais prática ainda íamos compreender melhor os alunos que temos perante nós, sem dúvida nenhuma.

Agora centrando-nos mais no processo de formação de professores de educação especial. Como é que caracteriza esta formação quanto ao grau de preparação para depois vir a exercer atividade docente em educação especial?

Fraquinha.

Ou seja, qual o grau de preparação que sente que tem para ser professora de educação especial?

Pois, mas... é assim, eu não posso dizer fraquinha porque, se formos a ver também a licenciatura, nós não estávamos preparados. Eu acho que a nível de teoria está cá. Agora realmente falta-nos é ir. Nesse sentido, em teoria acho que está bom, acho que sim.

Relativamente ao modelo de formação de professores, tem opinião formada acerca disso? Pensa que é o mais correto? Poderia ser alterado este modelo de pós-graduação?

A nível da educação especial?

Sim, a nível da educação especial. Pensa que é adequado a exigência de uma formação inicial e depois então haver a pós-graduação? Qual é a sua opinião acerca deste processo?

Eh... Se é suficiente? No sentido de se é suficiente?

Também.

Não é. Eu acho que realmente a formação de professor acho que inicial, licenciatura e agora mestrado, mas acho que deve incidir mais na educação especial desde logo de início. Acho que apenas uma pós-graduação como esta não é suficiente, é fraca.

Então, na formação inicial inserirem conceitos, conteúdos ou abordarem a questão da inclusão e das necessidades educativas especiais?

Sim, sem dúvida alguma.

E depois, como é que vê então a formação dos professores de educação especial? Uma pós-graduação na mesma mas mais especializada?

Com mais prática. Eu continuo a citar mesmo isso. Eu acho que deveríamos inicialmente então na formação inicial de professores já dar-lhes a teoria, o que são as problemáticas, que vamos nos deparar com elas na escola, sem dúvida alguma, cada vez mais, e então a pós-graduação acho que seria mais ou talvez incidir em determinadas áreas específicas ou então em todas elas mas mais prático.

Eu ia pedir sugestões que eventualmente poderia propor para a formação de professores de educação especial mas será então a introdução...

Já dei! [risos] Sem dúvida, eu acredito mesmo nisso, que é essencial porque eu acho, pelo menos eu vejo por mim, eu tive realmente uma cadeira na licenciatura de educação especial mas foi muito fraquinha, só foi mesmo o que é o autismo, o que é... toda a gente sabe basicamente. Agora, como trabalhar com as crianças, aí já não entramos nesse campo. E então acho que realmente conhecê-las é importante, as características, tudo o que está envolvente à criança mas aqui na pós-graduação acho que seria mais importante como trabalhar, mesmo a parte prática mesmo, nós sabermos, porque não é faz isto, isto e isto, chegamos à escola e talvez nós não o façamos.

Mas essa parte prática poderia ser desenvolvida como? Tipo estágio?

Estágio, sem dúvida alguma. Eu acho que... eu sou apologista de que na prática é que uma pessoa aprende, sem dúvida alguma. Nós, por mais que estudemos a teoria, por mais que façamos estas pós-graduações, a prática vale tudo. E eu vi isso como profissional, eu saí da licenciatura sem saber nada, se formos a ver, não é? Não estamos preparados minimamente! [risos]

Vou-lhe repetir uma questão que lhe coloquei na primeira fase que é se tivesse oportunidade de concorrer presentemente ao grupo de educação especial, concorreria?

Sem dúvida alguma e penso concorrer.

E em igualdade de circunstâncias com a sua formação inicial?

Eh... Penso... Tenho pena de não poder concorrer já porque também ainda não concluí, não é? Agora já começaram os concursos, vou concorrer realmente com a minha área mas estava a ponderar colocar a educação especial em primeiro lugar, sem dúvida alguma.

Código da entrevista: EC1

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (43 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Mestrado em educação de infância.

Formação inicial: Bacharelato em educação de infância.

Formação em educação especial: sem formação.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Quadro de zona pedagógica.

Tempo de serviço global em ensino: 20 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Tive crianças, sim, já tive crianças com paralisia cerebral.

Já sabe que a partir de 2006 foi criado o grupo de recrutamento de educação especial e, a partir daí, houve um boom, digamos assim, quer de procura de formação, quer também de oferta de formação. Partindo dessa situação, quais foram os motivos que a levaram a frequentar esta formação?

Ter melhores conhecimentos, poder concorrer, mas também não estou a ver muitas hipóteses, mas pronto. É, mas também conhecimentos, para adquirir conhecimentos depois também para poder intervir com as crianças e saber como agir com elas. E na formação inicial não tive qualquer cadeira sobre esse assunto, nada. Já lá vão vinte anos.

Neste momento já começam a ter algumas ...

No mestrado tive.

... cadeiras mas, mesmo na formação inicial...

Nada.

... mas é uma sensibilização. Eu também nunca tive.

Nada.

Partindo do pressuposto que vai concluir com êxito a formação, se estivesse perante uma situação de poder optar entre estar na educação pré-escolar ou educação especial, no futuro...

Ah, educação especial. Ah, sim.

Optaria por educação especial?

Sim. Por isso é que estou aqui.

Tem essa vontade mesmo?

Sim.

Mas porquê? Pelo facto de trabalhar... do serviço ser diferente?

Questões pessoais também. Tenho alguém na família com problemas e desde aí que tinha, queria sempre enveredar por essa formação, só que houve sempre qualquer coisa a travar. Este ano cá estou.

Quais são as expectativas que tem perante esta formação? O que é que espera com esta formação?

Ah, adquirir formação mesmo, adquirir conhecimentos e poder, sim.

Mas conhecimentos teóricos só?

Não, também práticos, mas vai ser muito difícil porque eu vou andar sempre a saltar de um lado para o outro, este ano. Depois para poder pôr os conhecimentos teóricos na prática vai ser um bocado difícil também.

2.ª Fase da entrevista

Na fase final da frequência desta formação, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente?

É assim, expectativas eram as mesmas que eu tinha no início que era após tirar a especialização entrar, concorrer para o ensino especial. Esperemos que resulte, não é? Isso agora depende, lá está, dos concursos.

Mas relativamente à formação, aqui, quando se inscreveu vinha com algumas expectativas. Corresponderam?

Mais prático, mais... por exemplo, abordar a dislexia, abordar a DID, abordar a paralisia, também falámos, paralisia cerebral, todos estes pequenos, prontos, deficiências. Falou-se mas não aprofundou-se. É aquilo que eu acho.

Ou seja, o saber fazer, faltou um bocado isso?

Isso, o saber fazer. Acontece isto, o que devemos fazer, como devemos atuar. Materiais, por exemplo, a elaboração de materiais para essas crianças também.

E em termos do saber, dos conteúdos, dos conhecimentos, pensa que correspondeu?

O que eles nos... Bem, uma pessoa aprendeu. Tivemos aquela parte de investigar, muita investigação para os trabalhos, o que nos levou a ter conhecimentos.

Em termos de atitudes e de valores, esta formação alterou ou...

Falou-se muito também, falou-se.

Mas alterou a sua maneira de estar, de ser?

Não, isso não.

Agora, relativamente ao processo de formação de professores de educação especial, que é um modelo de pós-graduação, em que os professores já têm uma formação inicial à qual é acrescida a pós-graduação que, no conjunto, atribui depois a qualificação profissional. Nesta fase final do processo de formação, como é que caracteriza a formação que recebeu face à prática letiva, ou seja, considera que este processo está adequado à formação de professores para virem a exercer atividade letiva em educação especial?

Aqui (...)?

E no geral, porque o modelo é igual!

Eu não estou a trabalhar no ensino especial!

Sim, pronto. Simplificando as questões, então. Acha, considera-se preparada para vir a exercer atividade docente em educação especial, neste momento?

Eu acho que sim, isso depois depende daquilo que pode deparar e saber lidar. Isso depois também depende de cada pessoa. A parte... A parte sentimental também. É uma pessoa ver e não ir abaixo e tentar ajudar, tentar... Eu acho que isso depois depende, só no terreno.

Com base nesta experiência que teve nesta formação, e também tendo presente esse modelo de formação em educação especial, tem sugestões ou críticas a fazer a este modelo? Por exemplo, pensa que poderia ser melhorado?

Foi aquilo que eu disse logo no início. É a parte prática. Eu acho que era uma mais-valia para nós. Falou-se assim... Foi mais teoria, em termos teóricos e... práticos, nós só tivemos, eu acho que foi numa das aulas em que se falou mais de materiais na parte da multideficiência. Aí falou-se como é que se podia lidar, como é que se podia fazer, de resto foi assim um bocadinho vago. Eu acho que é mais essa parte que peca.

Falta então essa parte prática?

Sim.

E poderia passar também por um estágio, contacto com os alunos?

Estágio. Isso depois depende porque nós todas temos, quase todas nós temos alguém na nossa sala NEE, por isso aí... Eu, por exemplo, tenho três. [risos]

Vou repetir uma questão que coloquei na fase anterior. Se tivesse oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial...

É sim, sem dúvida!

Em que circunstâncias? Se estiver em igualdade de circunstâncias com a educação pré-escolar?

Não! Ia para a educação especial. É, é!

Isto, porquê?

Não, eu já há muito tempo que estava com esta ideia de... surgia um problema, depois vinha outro, depois vinha outro, e uma pessoa adiu, adiu. Já devia ter feito há mais tempo. [risos] Não, ia! Ia!

Qual é o impacto desta formação na sua atividade enquanto docente, não só...

Mais atenta, estou mais atenta com as crianças, tentar compreendê-las melhor, saber o que é que se passa, se há algum problema... Estou mais atenta mesmo. Enquanto que antes, uma

pessoa... são pequeninos, tenho crianças pequeninas, uma pessoa está sempre, mas agora mais, ainda mais.

Código da entrevista: EC2

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (45 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura em humanidades.

Formação inicial: Licenciatura em humanidades.

Formação em educação especial: Não tenho formação em educação especial.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Contratada. Exatamente.

Tempo de serviço global em ensino: 18 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Nunca estive a trabalhar.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Já tive experiência com alunos com necessidades educativas especiais.

Em 2006 foi criado o grupo de educação especial e, a partir daí, houve uma grande afluência quer na procura de formação, quer, também, na oferta de formação. Quase todos os institutos e universidades tinham esta formação. Neste momento, isso já não acontece tanto.

Exato.

Isso também repercutiu-se depois nos concursos. Há milhares de pessoas a concorrer.

Pois, exato.

No fundo, quais são as motivações que a levaram a inscrever-se aqui na formação?

É assim, pronto. Eh...As minhas motivações foram essencialmente porque sempre me causou muita confusão eu ter, por exemplo, determinados alunos dentro da minha sala de aula e eu muitas vezes não saber como lidar com esse tipo de alunos, não é? E sentia-me ao mesmo tempo frustrada ao ver que não conseguia responder às expectativas desses alunos, não é? Primeiro foi isso. Eh... Depois... Eh... Não sei se posso dizer, mas não era bem esta especialização que eu queria. Queria na... gestual. Isso é que me fascinava mesmo e vim cá e inscrevi-me precisamente para frequentar esse tipo de ação quando me disseram que realmente não ia haver alunos suficientes e, então, enveredei por esta. Mas também é uma mais-valia, é uma mais-valia porque depois posso fazer, quando houver e se houver. E, realmente, sempre me fascinou trabalhar com este tipo de alunos... e querer desempenhar o meu papel da melhor forma dentro da sala de aula.

Posteriormente, se houver a oportunidade de concorrer a educação especial, pensa concorrer?

Sim, sim, sim. Será esse o meu objetivo também.

E se estiver em pé de igualdade optar entre humanísticas e educação especial?

Quer que eu seja mesmo sincera? Eu opto pelo ensino especial porque acho que, realmente, hoje em dia, é preciso... pronto, eu sou uma pessoa muito sensível e virada para se calhar as pessoas que mais precisam e que... e talvez também por isso, por essa minha faceta, essa minha personalidade... irá contribuir bastante eu se calhar seguir nesse percurso.

Está a iniciar este processo de formação, quais são as expectativas que tem relativamente à formação? O que é que espera da formação em termos de competências, eventualmente?

Foi o que eu disse anteriormente. O que eu espero essencialmente é que eu saia daqui e consiga em qualquer situação, perante este tipo de alunos, fazer com que eles se sintam bem, que eu consiga responder às suas expectativas. Eh... Eu acho que o primordial é que realmente eles evoluam e, ao mesmo tempo, sintam que têm alguém do outro lado que consegue responder aos seus problemas e apoiá-los e ajudá-los naquilo que realmente é necessário.

Espera sair daqui preparada para enfrentar esses alunos?

Eu acho que sim. Eu espero mesmo isso.

2.ª Fase da entrevista

Agora que se encontra a terminar a formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz relativamente às expectativas que tinha inicialmente?

Eh, pronto. O balanço, a meu ver, é positivo. Claro que o meu nível profissional não me deixou de certa forma envolver o suficiente, digamos assim, na formação e se calhar ter melhor desempenho. Mas a nível dos conteúdos lecionados, a nível das abordagens que foram feitas acho que foi muito positivo, aliás, eu tinha uma noção completamente diferente do que é realmente ser um professor de educação especial e abriu-me os horizontes. Foi uma visão muito positiva, aliás, mesmo... fazia muitas vezes a minha retrospectiva como professora do ensino regular e muitas vezes como é que eu agia em contexto de sala de aula, como é que eu reagia perante as solicitações dos professores de educação especial e vi que realmente estava muita coisa errada da minha parte e inclusive depois da parte da própria escola e dos colegas.

Então contribuiu também para de certa forma alterar os seus valores, as atitudes?

Exatamente. Em muito mesmo.

Em termos dos saberes, dos conteúdos, dos conhecimentos, pensa que correspondeu àquilo que é exigido ou será exigido para o seu desempenho profissional?

Sim, sim. Sim. Sim. Eu acho que aqui trabalharam-se todos os aspetos e deram-nos todas as ferramentas necessárias e suficientes para podermos enfrentar e trabalhar daqui para a frente com alunos com necessidades educativas especiais e inclusive na própria escola com os colegas e com toda a equipa.

Em termos de metodologias, para intervir com os alunos, mais o saber fazer, também estão preparados a esse nível?

Eh... Também. Eh... Claro, se calhar mais um bocadinho de prática fazia bem porque é muita teoria e realmente a prática, e é assim que muitas vezes se aprende, não é? Mas, de certa forma, foram trabalhados esses aspetos...

Qual é o impacto desta formação na sua atividade enquanto docente? Teve impacto enquanto docente não só no futuro em educação especial, se optar por essa via, mas também relativamente ao seu grupo de formação inicial?

Eh... Eu acho que até já respondi um pouco a essa questão, não é?, porque realmente teve um impacto muito positivo. É assim, eu tinha uma noção completamente diferente, não tinha um conhecimento... ficava muito aquém de saber trabalhar e lidar com miúdos com necessidades educativas e às vezes com determinados miúdos. E fiquei fascinada, porque fascinou-me ao mesmo tempo. Eu falo por exemplo da multideficiência, que para mim era assim uma coisa

que, pensava que aqueles meninos, tinha aquela ideia que toda a gente tem, não é?, se calhar toda a gente entre aspas, que, coitadinhos, eles estão ali, não fazem mais nada, e aquilo que se pode fazer e aquilo que se pode trabalhar com estes miúdos! E para mim teve mesmo um impacto muito positivo, fez-me ver as coisas de uma forma completamente diferente e com vontade de realmente ir, agir e mudar as coisas.

Agora quanto ao processo de formação de professores de educação especial. Nesta fase final do processo, como é que caracteriza a formação que recebeu face à prática letiva nesta modalidade? De certa forma já aflorou isto. Ou seja, considera que este processo está adequado à formação de professores de educação especial? Quando digo processo, refiro-me mais ao modelo que é de pós-graduação.

Sim, está. Eu acho que sim. Está bastante adequado.

Considera-se neste momento preparada para exercer atividade docente em educação especial?

É assim. Eu acho que a preparação é feita no dia-a-dia. Certo? Acho que tenho as ferramentas necessárias, acho que tenho a base. Agora, a preparação, acho que cada dia e quem vai pela primeira vez como eu, não é?, exercer a profissão como professora de educação especial, acho que há sempre coisas a aprender. Certo? Agora, claro que eu tenho, aquilo que me é fornecido é valioso. A partir dele eu vou tentar fazer o meu melhor mas de certeza que irão surgir situações em que terei que pensar e terei que agir de uma forma diferente, não sei. Eu acho que preparado, preparado, nós nunca estamos, não é?, porque há sempre situações novas que nos levam a ponderar e a pensar antes de, de... Uma coisa é certa realmente, aprendi que as coisas não devem ser feitas realmente assim de ânimo leve, como a ideia que eu tinha no ensino regular, ou seja, acho que deve haver um espírito de entreatajuda, de cooperação, coisa que eu verifico que não há muitas vezes, não é?, esta cooperação.

Não há porquê?

Não há porque se calhar falta de diálogo, falta de tempo e às vezes falta de querer mesmo intervir e ajudar e fazer com que as coisas mudem, porque as pessoas habituaram-se aquele, como é que eu hei de dizer... o professor de educação especial faz e depois nós assinamos. Quer dizer, começa a ser uma... eh, como é que eu hei de dizer... eh...

Uma rotina?

Uma rotina. É isso, começa a ser uma rotina. E eu acho que depois aquilo que se pretende realmente que seja uma mudança e que se centre na criança... eh, acabamos por fazer aquela inclusão e aquela integração social exclusivamente da criança, que ela esteja ali presente,

que se sintam bem e não apostamos muitas vezes na evolução da própria criança e naquilo que ela tem, nas capacidades que ela tem.

Relativamente à formação em educação especial, pensa que está bem ou que deveria haver melhorias, alterações?

Se calhar devia haver melhorias, nomeadamente em cada um de nós, não é? Se partir de cada um de nós e se tivermos esta perspetiva, eu acho que até sou apologista, depois de isto tudo, que realmente todos os cursos de docentes deviam ter disciplinas que trabalhassem esse aspeto para terem uma visão completamente diferente e agirem de uma forma completamente diferente na escola para com os miúdos.

la pedir sugestões que eventualmente pudesse propor para melhorar a formação dos professores de educação especial.

Pois, olhe, eu não sei, a formação dos professores de educação especial ou dos professores todos?

Pode também abordar essa questão!

Eu acho que se calhar seria mais dos professores todos, não é?, haver mais envolvimento de ambas as partes, mais conhecimento porque, às vezes, também não conhecimento do outro lado, não é?

Esse conhecimento seria inserido onde? Na formação inicial?

Na formação inicial. Exatamente. Eh, mais? E depois eu acho que devia ser, eu aposto muito na colaboração, na partilha, no diálogo e no desejo de realmente se fazer alguma coisa, de fazer algo de diferente. Eu acho que estamos muito fechados, cada um está fechado sobre si próprio, não é? E depois também associado muito ao meu tempo, é o meu tempo e não tenho mais tempo para. Portanto, não há muita disponibilidade também para as pessoas trabalharem e para fazerem as coisas em conjunto porque estão sempre a fazer que eu depois logo vejo.

Vou-lhe repetir uma pergunta que lhe fiz na primeira fase que é: se tivesse oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, concorre?

Concorro! Por algum motivo eu estou aqui.

Sim, mas e em igualdade de circunstâncias com o seu grupo inicial, por qual é que optaria neste momento?

Neste momento, quer mesmo que eu seja sincera? E calhar pelo meu percurso feito até agora e talvez pelos anos que já lecionei eu preferia a educação especial. E eu vou-lhe dizer porquê. Precisamente porque mudou muito a minha visão relativamente a estas crianças. Eu, primeiro, sempre tive uma grande, não sei se eu posso dizer, admiração, não é?, por quem trabalha realmente com este tipo de jovens, de miúdos. E depois também é ao mesmo tempo sentir-me recompensada em trabalhar com estes meninos que precisam tanto de nós e que se calhar nos dão valor. Do outro lado, se calhar já ninguém precisa de nós e já somos vistos como... é a minha opinião.

Código da entrevista: EC3

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (37 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico mais elevado: Licenciatura.

Formação inicial: Licenciatura em português/francês.

Formação em educação especial: Não tenho qualquer formação.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Olhe, neste momento estou desempregada. Neste momento estou desempregada. Não limito sempre o meu concurso muito. Trabalhei sempre ao longo da minha vida toda. Este ano limitei por questões familiares e ainda estou em casa. Sim, tenho sido sempre contratada. Neste momento estou desempregada.

Tempo de serviço global em ensino: Em anos, 13. 13 anos e sempre a trabalhar.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: Nunca.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Quase todos os anos. O ano passado tinha três. O ano passado tinha três alunos.

Quais os motivos.... Desde 2006, com a criação do grupo de recrutamento de educação especial houve um boom enorme, quer na oferta da formação, quer também na procura, sobretudo na procura. Isso fez com que muita gente tirasse a formação e, agora, nos concursos há imensa, milhares de professores a concorrer.

Eu era para ter tirado já há algum tempo, até com as colegas, umas com as outras, olha, vamos agora e não sei o quê. Mas quando estamos colocados temos muito trabalho, depois temos a família, depois os filhos, e era complicado. Na altura não vim. Depois arrependi-me. Desta vez como estava desempregada, com mais tempo disponível, como também todos os anos tenho alunos com necessidades educativas especiais, de forma a também poder apoiá-los mais e saber um bocadinho mais sobre aspetos ligados à educação especial, eu tive alunos com dislexia, com disortografia. Aliás, uma aluna no nono ano fui eu que dei conta por causa dos exames que ela sofria de disortografia, porque eu sou de português e dei conta. Depois lá fiz tudo para que ela conseguisse ter alguém a realizar o exame por ela, para que não descontassem os erros. E assim é que decidi vir. É desta.

Mas também tem a ver com o facto de poder concorrer à educação especial?

Também. Também. Também.

Motivos profissionais? Será esse o primeiro, o principal motivo?

Sim. Eh... Hoje em dia já há tanta gente, como eu disse, tanta gente na lista que não sei se será também por isso, mas é certamente porque é uma opção, é mais uma opção. Já tenho bastante tempo de serviço, poderá ajudar-me.

Então, e no futuro, se tivesse oportunidade, é contratada, mas se tivesse a oportunidade de optar, por exemplo, entre estar no português ou no francês...

Hoje em dia o francês ainda me dá mais do que o português porque a lista do português é infindável.

Se tivesse francês e tivesse simultaneamente a oportunidade de ir para a educação especial, por qual é que optaria?

Tenho mais experiência no francês ou no português, porque tenho sempre tido horários mistos, as duas disciplinas. Se me dessem a escolher, eu iria por aquela onde tenho mais tempo de formação. Certamente seria pelo português e pelo francês. Não vou ser aqui agora...

Claro. Quero ver, o objetivo desta questão é ver se realmente as pessoas têm também alguma, para além da motivação, se há algum interesse e, no fundo, tentar ver também qual é a imagem que têm, o conceito que têm relativamente à educação especial. Por norma as pessoas optam por...

Têm mais experiência.

Quem já está, gosta, pretende continuar. Nem todos. Quem já está em educação especial.

Pois, porque tenho uma colega minha... Não sei se já mês estou a alargar?

Não.

Tenho uma colega minha que é da mesma área que eu, português e francês, há dois anos tirou educação especial. Estes dois últimos anos e agora, já ficou colocada no ensino especial e ela diz que agora se sente muito mais... tem mais experiência ainda no português e no francês, só que, como tem ficado na educação especial estes três últimos anos, ela diz que se apaixonou. Tanto que ela abdicou do francês, concorre só a português e a educação especial. Ela diz que se apaixonou e, em princípio, se tiver emprego na educação especial, é para a educação especial que concorre.

E relativamente a este processo, está a iniciar o processo, começou ontem, o que é que espera adquirir com esta formação? Competências?

Sim.. Eh...Há conceitos que nós ouvimos e que, sei lá, dislexia, autismo, trissomia vinte e um, toda a gente sabe, penso eu que toda a gente, pelo menos quem tem alguma formação sabe minimamente o que é que quer dizer. Só que depois, se esmiuçar, dou conta da minha ignorância, apercebo-me um bocado da minha ignorância sobre, sobre... a dislexia nem tanto porque tem a ver um bocado com o português e tenho de estar atenta aos meus alunos. Mas há determinados conceitos que... que afinal eu apercebo-me que até estou muito verdinha, que tenho muito por onde, que tenho muito que aprender e quero muito aprofundar muito essas questões.

Será, no fundo, adquirir conceitos, teorias...

Sim, como atuar, com atuar, como atuar. Porque não é fácil entrarmos... Até agora tenho tido alunos com necessidades educativas especiais mas nada de...

Casos muito graves?

...casos, casos graves. Tive até numa direção de turma um aluno que tinha...um... que agora até mudou o nome...

Currículo específico individual?

Individual, é. E, às vezes, nós pomo-nos assim, como é que vamos atuar nestes casos. Só que temos ali a ajuda do professor de educação especial, sempre. Tenho de me familiarizar um bocadinho mais com estas questões e é isso também que eu quero. E quero porquê? Por acaso ontem comentou-se aqui. Nem sei se ainda estava ou depois foi a doutora (...) que falou. Temos ali aquele menino, então pomo-lo ali no cantinho, damos-lhe uma tarefa e a aula prossegue. Eu tinha tido um aluno assim e não conseguia fazer isso. Acho que colocava mais

os outros a trabalhar, dava a matéria e não sei quê, e punha a trabalhar e depois dedicava-me um bocadinho àquele menino, porque... para não se sentir... Mas a turma também o integrava muito bem. Muito bem, muito bem, muito bem. Tanto que havia... Achava-lhe graça porque o meu colega Jorge, de educação especial, dizia sempre “eu não sei o que é que tu fazes ao... era (...). Não sei que é que fazes ao (...)!” Eu, então porquê? Porque ele pede nas minhas horas se pode ir para a turma.” Porque eles, os miúdos, “Ó professora, o (...) queria vir aqui à aula, não pode vir?”. Porque ele só ia de vez em quando, não ia a todas as aulas. E eu disse “Então não pode, têm é de me avisar para ele não estar aqui a olhar para o boneco, para eu trazer alguma coisinha para lhe dar, para ele fazer”. E ele gostava muito de ir à aula.

2.ª Fase da entrevista

Nesta fase final da formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente?

O balanço é positivo porque, sem dúvida, saio mais rica do que quando entrei. Nós temos sempre uma noção das coisas mas só quando entramos nelas é que depois verificamos a nossa, eu diria, incompetência na matéria. Portanto, eu era mesmo uma iliterata em termos da educação especial. O balanço agora... Claro que não abordámos todas as áreas porque não... provavelmente será outra pergunta que me vai fazer, mas saio muito mais rica. Certamente, o balanço é bastante positivo.

Em termos de conhecimentos, pensa que foram abordados? Sente-se preparada?

Sim, não todas as, eu não gosto de chamar deficiências, não todas as perturbações, todos os distúrbios, porque há várias unidades curriculares mas não se consegue abordar todas, mas, porque umas são abordadas de forma mais específica, outras de forma mais geral, outras também nós temos trabalhámos que tivemos que fazer, tivemos que pesquisar, mas sim, pelo menos, pelo menos se me falarem de alguma perturbação, eu já fico a pensar o que é aquilo? Já sei do que é e depois terei de ir investigar se calhar mais um bocadinho para saber como atuar, mas sim.

Em termos de metodologias de intervenção, o designado saber fazer, intervir junto das crianças...

Eh... Eu acho que, nós também aprendemos, digamos, a teoria toda de como avaliar. Nós não avaliamos em si, nós detetamos, podemos é referenciar, podemos referenciar e para depois podermos intervir. Sim, também aprendemos. Agora, acho que só a prática é que depois nos pode dar mais bagagem. Acho que a prática é que nos vai dar. Mas sim, também aprendemos bastante. Até tivemos um trabalho que tivemos que fazer sobre esse âmbito. Era na DID, agora a chamada DID, as dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, a antiga deficiência

mental, e tivemos que fazer todo o processo, desde tentar então referenciar um aluno ou uma aluna que nós achássemos que teria algumas perturbações na área da DID e depois fazer então uma intervenção sempre em contexto, porque a DID é mais específica, não é? Portanto, aprendemos. Agora, sem dúvida que o terreno é que nos vai dar outra... outra... outra visão sobre as coisas.

Em termos de valores, de atitudes, face ao início da formação, e agora nesta fase, sente que alterou um pouco os seus valores, as atitudes?

Sem dúvida! Sem dúvida! Eu pensei no início, quando vim, pensei, isso também foi o que me levou a adiar. Eu em dois mil e cinco já era para ter vindo tirar esta especialização, agora quero o mestrado, mas depois também houve outras coisas pelo meio, mas eu tinha esta ideia de que: ai eu não sou capaz de lidar. Mas a minha visão mudou totalmente. Por exemplo, eu sei que não são casos... eu neste momento tenho três alunos com dislexia e uma aluna com disortografia. Eu sei que não são aqueles casos mais complicados da educação especial mas eu olho para os meus alunos de uma outra forma. Como professora de português, que sou professora de português deles, e se calhar por ser também de português e a área da dislexia está muito ligada ao português, e a disortografia, aqueles meus alunos são mesmo especiais na turma. Os outros são todos importantes, é certo, mas eu foco-me mais neles e sei olhar para eles de uma outra forma. Isso mudou. O facto de ter estado aqui mudou de certeza a minha visão e a forma de atuar com eles porque eu acho que deveríamos ter na nossa formação de base, todos, alguma coisa que tivesse a ver com a educação especial porque, quer queiramos, quer não, enquanto professores, vamos ter sempre um aluno, um dia, mais cedo ou mais tarde, que tenha alguma necessidade específica na nossa sala de aula. E nem todos os professores sabem atuar com essas crianças. E às vezes não basta estar só ali na sala porque isso não é inclusão.

la perguntar qual é o impacto desta formação na sua atividade enquanto docente, não só numa possível docente de educação especial, mas também no seu grupo inicial, mas acabou já por referir...

Já estou a implementar muitas das coisas que aqui vou aprendendo e também formações que tenho, ainda houve há tempos uma da dislexia, e agora está a haver outra ali e eu não posso estar em dois sítios ao mesmo tempo, também houve outra sobre hiperatividade, e eu gosto sempre de frequentar porque assim são mais estratégias que eu tenho para poder intervir melhor. E, portanto, já as estou a aplicar. E quando eu não tenho tempo de o fazer na minha sala de aula, porque tenho outros meninos, falo com a professora de educação especial para que haja também ligação.

Relativamente ao processo de formação dos professores de educação especial, está também nesta fase final, e como é que caracteriza a formação que recebeu face à prática

letiva nesta modalidade educativa, ou seja, considera que este processo está adequado àquilo que é exigido depois no terreno a um professor de educação especial?

É assim, eu também, digamos, não sei bem... Claro que eu sei... como é que eu hei de explicar. Eu sei o que é que um professor de educação especial faz mas, se calhar, é o que eu disse há pouco, só mesmo estando no terreno é que eu vou depois confrontar-me ou deparar-me com outras situações. Eu penso que sim. Eh...

Sente-se preparada? Qual é o grau de preparação para a prática letiva neste momento? Sente-se preparada para poder...

É assim, eu queria, eu queria, se não ficasse colocada na minha área, claro que eu preferia sempre ficar colocada na minha área, na minha área, são quinze anos de português e francês, mas mais português, porque o francês coitadito, claro que eu gostava de ficar na minha área, mas podendo depois concorrer para a educação especial, caso eu fique colocada como professora da educação especial, eu acho que sim, que me sinto preparada, pelo menos acho que não... Mas depois também parte um bocadinho da nossa forma de atuar e da nossa visão. Obstáculos? Vou ter muitos certamente. É preciso transpô-los e é preciso ir para a frente.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial, agora centrando-nos mesmo no modelo em si, que é um modelo de pós-graduação, concorda com este modelo? Pensa que poderia ser diferente? Podia sofrer alterações? Nunca pensou nisso?

Pois, se calhar nunca pensei nisso. Pois não. [risos] Nunca pensei nisto. Sempre o conheci assim. Sei que antigamente só havia a especialização e depois passou a estar a especialização com a possibilidade do mestrado. Pois, eu só conheço assim, não faço ideia.

Relativamente à estrutura...

À estrutura das unidades?

Que sugestões é que proporia, eventualmente, claro, para melhorar a formação em educação especial?

Se calhar uma vertente mais prática. Não sei se lhe chamaria estágio, não sei se lhe poderia chamar assim, mas algo, não sei, algumas horas de prática, ir a determinados sítios, não sei, as... as salas... não me lembro do nome... as salas da multideficiência, por exemplo, sobretudo esses casos assim, as salas do autismo, tem outros nomes mas agora não me recordo, não me vem à cabeça, mas se calhar uma vertente mais, eu acho que poderia haver uma vertente mais prática, não só teoria. Penso eu que se poderia sugerir.

la-lhe colocar aquela questão que já lhe coloquei na primeira vez mas já me respondeu. Se tivesse a oportunidade de concorrer a educação especial se concorreria.

Sim.

Sim, mas em igualdade de circunstâncias com português, continuaria a optar por português.

É assim. Eu tenho a possibilidade em concurso de colocar as duas coisas em pé de igualdade. E depois logo se vê. Eu sou professora contratada, portanto, poderia ficar num, poderia ficar noutro. Podia dar-se a circunstância de eu ficar, por acaso aconteceu com uma colega minha, ficou colocada em educação especial só que depois surgiu perto de casa uma oferta de escola na área dela, que é físico-química, ela rescindiu na educação especial, também era mais perto de casa, mas... se tivesse oportunidade de ir para a educação especial, eu iria. Nem olhava para trás.

Mas em igualdade de circunstâncias?

Se estiver em igualdade de circunstâncias, sem dúvida que eu iria para o português só porque tenho mais anos de serviço, tenho mais prática, tenho mais à-vontade. Isso sem dúvida.

Código da entrevista: EC4

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (39 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura.

Formação inicial: Licenciatura em geografia.

Formação em educação especial: Não.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professora contratada.

Tempo de serviço global em ensino: Eu já devo ter uns 12 anos completos. Em dias não sei.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Já tive vários, sim, sim, vários alunos.

Desde 2006 que existe o grupo de recrutamento de educação especial e verificou-se a partir daí, sobretudo a partir daí, uma grande procura de formação por parte dos professores e também uma grande oferta formativa por parte das instituições de ensino superior. Com base nisso, quais foram os motivos ou as motivações que a levaram a inscrever-se nesta formação?

É assim, as motivações são mesma a nível profissional porque já estou a lecionar há vários anos. Este ano foi o primeiro ano em que fiquei desempregada. Também já andava para fazer formação há quatro, já com esse medo de ficar sem lecionar. Por outro lado, é assim, também sempre gostei da área da educação especial. Gosto de trabalhar com miúdos... É assim, tenho alguma dificuldade muitas das vezes em perceber como é que se trabalha com esse tipo de miúdos. Por vezes, os colegas que estão na escola, do ensino especial, não são muito bons, não é? [risos] Eu estive dois anos numa escola em que tinha muitas dificuldades em conseguir comunicar com os colegas em relação aos alunos... É assim, em comunicar, eles até eram acessíveis, mas nada se fazia para trabalhar com esse tipo de miúdos. Também já estive noutras escolas onde realmente se trabalha bem. Em (...) era uma situação. Havia uma professora que era fantástica, a(...). É mesmo uma professora que acho que tem vocação para aquilo que está a fazer. Mas quando não há esse tipo de profissionais, por vezes, nós, dentro da sala de aula, temos dificuldades em saber como é que vamos lidar com eles. Ter vinte e oito alunos e ter dois com necessidades educativas especiais é complicado.

Posteriormente, se tivesse a oportunidade de optar por educação especial, entre geografia e educação especial, por qual deles é que optaria?

É assim, atualmente, optaria por geografia. Mas, é assim, depois do curso, não sei. Depende. Depende se eu gostar da experiência, se não gostar.

Isso leva-nos para a questão seguinte. Quais são as suas expectativas relativamente a esta formação? O que é que espera desta formação ao nível de competências, conhecimentos, também respostas? O que é que espera?

Pois... não sei se... Eu falo com colegas, às vezes, que já tiraram estas formações e eles dizem que não se aprende muito durante o curso, que se aprende depois em contexto de trabalho. E eu não sei muito bem. Isto para mim é tudo muito novo ainda. Não sei o que é que eu vou... quais são as competências que eu vou adquirir. Já estou a ver que vou adquirir algumas que são benéficas para mim, a nível de informática, por exemplo. Há coisas que eu não sei

trabalhar e que vou aprender. A nível dos alunos, penso que irei adquirir pelo menos competências para saber lidar melhor com eles. Agora, mais não sei! [risos]

2.ª Fase da entrevista

Agora que está a terminar a formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz tendo como referência as expectativas iniciais?

Eh...

Se correspondeu ou não correspondeu?

Não correspondeu muito. Eu achei que era um curso mais prático e não tanto teórico. Nunca imaginei que fosse tão trabalhoso... [risos] e acho que é muito teórico. É a única... Acho que não nos prepara assim tão bem para lidar com os alunos com necessidades educativas especiais. Mas isso é a ideia que eu tenho, não é? Eu, se hoje tivesse que ir trabalhar com eles, não saberia.

Qual é o grau de preparação que sente ter para vir a intervir ou vir a trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais?

Não me sinto muito à-vontade ainda. Acho, lá está, é tudo muito teórico, se calhar é depois no terreno que se aprende, não sei. Acho que este curso deveria ter se calhar um estágio, não sei. Acho que falha isso porque é muita teoria e não me agradou muito.

Mas em termos de conhecimentos?

Em termos de conhecimento, claro, mas é essencialmente aquilo que eu sinto é que nós acabamos por, pelo menos eu, acabei por conhecer mais fazendo a revisão da literatura de alguns temas, aprendi bastante. Mas, é assim, para quem está a trabalhar e a tirar o curso é muito complicado, é uma pressão muito grande. Mas claro, sei muito mais do que sabia no início, não é? Mas...

Em termos de metodologias, do saber fazer, intervir com crianças com necessidades educativas especiais, não se sente muito à-vontade?

Não, não. Tive se calhar uma ou outra unidade curricular que nos deu umas luzes mas acho que...

E esta formação contribuiu para eventualmente alterar as suas atitudes, os seus valores face à inclusão?

Sim, sim. Sim, sim. É assim, eu também já via esses alunos dessa forma, mas muito mais agora, sim. Ainda por cima é um dos temas que nós estamos sempre a abordar, a inclusão, estamos sempre a ler. Na literatura está sempre a ser abordado esse tema. Coisas que eu achava antes que era a inclusão, agora chego à conclusão que não é, que não são inclusão aquilo que é feito nas escolas, pelo menos nas escolas por onde eu passei. Estamos a falhar muito todos, desde os professores do regular, os da educação especial. Acho que há... Nós não estamos a incluir. Eu penso dessa forma. Não sei se as escolas onde estive foram maus exemplos, não sei. Mas não tenho visto grande inclusão. Os alunos estão lá sentadinhos mas... não funciona. É essa a ideia que eu tenho.

Qual é o impacto desta formação também, para si, enquanto docente não só no futuro de educação especial...

Sim. Eu acho que esta formação é importante para todos os professores, não só para os professores da educação especial. Eu acho inclusive que todos os cursos de formação de professores deveriam ter uma cadeira da educação especial, uma vez que nós lidamos com eles todos os dias, não é? E acho que não estamos preparados para... Eu acho que este curso acabou, mesmo que eu não venha a exercer a educação especial, acho que é importante para eu compreender melhor como é que hei de lidar com eles. Não me prepara na totalidade mas, claro, acaba por melhorar a preparação.

la questioná-la sobre o grau de preparação para vir a poder, vir a exercer atividade em educação especial mas já referiu que não se sente...

Não. Não me sinto muito à-vontade para... A minha esperança é que quando chegar a uma escola, se alguma vez exercer, alguém esteja lá... [risos] para me ajudar porque eu não me sinto muito à-vontade.

Relativamente a este modelo de formação de professores de educação especial, que é um modelo de pós-graduação, que um dos requisitos é já haver uma prévia formação inicial, concorda com este modelo? Pensa que poderia ser alterado? Melhorado? Mesmo a nível da formação de professores de educação especial, qual é a sua perspetiva sobre isto?

Eu acho que ser professor também é importante, ter uma formação prévia, acho que é importante. E depois a pós-graduação... Eu acho que... acho que sim, acho que deve a pós-graduação para os professores da educação especial é importante. Haver um curso de professor qualquer e depois, sim, a pós-graduação. No geral, todos deveriam ter pelo menos umas luzes do que é, como é que se deve trabalhar com esse tipo de alunos, principalmente em relação ao tal conceito de inclusão porque nós temos aa ideia errada.

Que sugestões é que própria então para melhorar este processo de formação dos professores de educação especial?

Acho que devia ser mais prático. Devia ser menos trabalhos, daqueles trabalhinhos de revisão de literatura e mais prático. Mesmo a nível do que é que se tem mesmo de fazer, dos materiais, mesmo a trabalhar com certos materiais, acho que deveríamos ter unidades curriculares nesse sentido.

Contactar também com crianças?

Sim, sim, sim. Eu acho que o estágio era muito importante. Não sei se é possível, não é?, mas devia ser...

Quem sabe não surgirá no futuro um estágio!

Eu acho que sim.

Presentemente, se tivesse oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, concorreria?

Não sei, mete-me um bocado de medo. [risos] Porque não me sinto preparada. Não é por mais nada. Tenho um bocado de receio.

Então em igualdade de circunstâncias com o seu grupo de formação inicial, optaria sem pelo grupo...

Optaria pelo meu, sim. Sim. Mas, lá está, se calhar é a ideia que eu tenho. Depois de começar a trabalhar nós acabamos por ter de nos desenrascar, não é? É mesmo assim. Mas, se eu tiver as mesmas oportunidades na geografia, não vou para a educação especial. Por medo, por receio. Eu não me sinto muito à-vontade com isso.

Mas não abordaram essas questões?

Abordámos mas não...

Não a satisfaz!

Não. Os planos de intervenção de certos alunos, não sei... acho que quando tiver, se alguma vez trabalhar nisso, acho que a primeira coisa que faço é ir à internet à procura porque eu não me sinto preparada para. Elaborar um PEI.

Esses documentos, cada escola adapta e tem os seus próprios documentos. E há sempre orientações. Quer dizer, há sempre...

Há sempre quando há. Eu tenho um aluno que tem CEI e até hoje não vi nada. E não me manifesto muito porque ando aqui e é um bocado complicado.

Pois... o ideal é que haja realmente essa articulação entre todos.

Não, se a educação especial funcionar, se quem estiver na educação especial for, sei lá, um chato, não é?, que é isso...

Depois há o reverso da medalha, lá vem aquele chato!

É isso que eu estou a dizer. Se for um chato, como eles dizem, lá vem o chato, as coisas funcionam. Se não houver um chato, não, não funcionam. Já estive numa escola onde havia uma pessoa dessas e realmente funcionava. Na maior parte das escolas onde estou não.

Mas também não funciona... Há pouco falou na questão da formação inicial. Não acha que é por falta de sensibilidade e de formação também?

Sensibilidade, também. Falta de formação, sim. Principalmente da parte dos diretores de turma. Não funciona. Eles não sabem qual é o papel deles. Eu falo contra mim porque também já estive nessa situação. Fui diretora de turma quase todos os anos, este ano não sou, mas fui sempre e só há quatro ou cinco anos atrás é que eu me apercebi que era eu a responsável por aquilo, quando alguém me disse: não, és tu a responsável. Porque até aí eu apenas ouvia aquilo que a professora dizia, a professora da educação especial. Não tinha a mínima noção, nem sequer sabia o que era o 3. O 319 ainda... acho que é bocado complicado. E porquê? Porque as pessoas também não têm conhecimento. Algumas é porque acham que o professor de educação especial é que deve assumir isso tudo, por desconhecimento, outros porque também não querem ter trabalho, não é? No ano passado eu tive uma situação em que já sabia, mas a colega também não... Eu dizia-lhe: queres que eu te ajude? Não, não, já está tudo feito. Pronto, mas também não havia assim grande intervenção em relação àquilo que se poderia fazer com o aluno. Naquele caso era só um aluno. Depois também temos colegas que não têm sensibilidade nenhuma para trabalhar com estes alunos. Não querem mesmo. Não vale a pena. Aí o papel do professor é muito complicado.

Pois, há bocado falava na questão dos alunos ficarem um pouco afastados...

É. É. Mesmo dentro da turma.

Aí tem de ser o próprio professor da disciplina...

Da disciplina.

... pelo menos daquelas a que eles vão a tentar arranjar atividades, estratégias. Se há momentos em que ele está sozinho, o aluno, mas também tem de haver momentos em que interaja com os outros colegas.

Sim, sim. E depois há professores que não aceitam muito. E... porque o meu filho... Eu sou de (...) mas estou a morar em (...). O meu filho ao longo do percurso escolar teve sempre um colega que era invisual. Que é. Mas que perdeu a visão por um problema oncológico. Perdeu a visão aos cinco anos. E até agora nunca houve problemas. Mas este ano a professora de educação visual penalizou-o na nota. Porque ele está a ajudar o outro e não está... Eles funcionam com a tutoria de pares. Mas é assim, só funciona com o meu filho. Desde a pré, ele foi inclusive colocado na primária, tee sempre, acompanhou sempre na mesma carteira, por se darem bem, e este ano, eu chego ao primeiro período, vou buscar as notas, ele tem cinco a tudo menos a EV que tem três. E eu já sabia porque o meu filho disse-me em casa. Mas o diretor de turma veio assim com muito cuidado porque pensava que eu estava zangada, e estava, estava zangada não pelo meu filho ter três, porque se ele não o merece, acho que não o deve ter, e o professor disse: ai, nós éramos para votar a nota. Não concordo com votações de nota, não é isso que eu pretendo, mas acho que se ele está a ajudar um colega, alguém tem que resolver a situação, ou alguém tem de ajudar o colega, ou então ele não pode ser penalizado por estar a ajudar. E a professora diz que ele não faz porque está a ajudar o outro, ela não tem nada a ver com isso.

Uma das estratégias da inclusão passa precisamente pelo trabalho de pares.

É, passa por isso, mas essa professora não aceita e aquilo que o diretor me disse foi: tem que dizer ao (...) para primeiro pensar nele e depois pensar no (...). Eu disse: não, não é isso que eu lhe quero transmitir. Ele primeiro tem que pensar nos dois e depois tem que voltar a pensar nos dois. É assim, o aluno se realmente não tem apoio dentro da sala de aula de ninguém, tem que ter o apoio de algum colega. E aquilo que se faz agora é, quando há trabalhos o menino vai para a biblioteca.

Isso não é inclusão, é exclusão.

É. Só porque o meu filho não consegue acabar os trabalhos porque ele é invisual e de vez em quando estraga-lhe os trabalhos com água. Este é um exemplo...

Da falta de sensibilidade?

É, não há. Da parte daquela senhora não há. E é ridículo chegar... Eu... é, entretanto, segundo período, quatro. E no terceiro período vai ser cinco, que eu sei. Mas vai ser cinco porquê? Porque os professores vão pressionar, ela está sempre de pé atrás porque não podem olhar um para o outro... Ela diz: ó(...), porque é que estás a olhar para o (...)? O (...) não olha, é

invisível! Não é? E ela diz porque é que estás a olhar para ele? Está quieto! Só porque ele está à procura dele, não é? Há pessoas que não têm sensibilidade. Eu tive um caso um bocado estranho em (...), uma vez, que era uma colega que tinha uma deficiência numa mão, tinha só dois dedos, e na altura nós tínhamos um miúdo que tinha um problema grave, que era o (...), estava a ficar também cego, e uma das únicas professoras que não queria fazer nada com ele era ela. O que é estranho, não é? É estranho. Ela dizia: não tenho que fazer nada para ele, ele tem de ser igual aos outros.

Código da entrevista: EC5

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (44 anos)

Sexo: Feminino.

Habilitações

Grau académico: Licenciatura em animação sociocultural.

Formação inicial: Bacharelato em educador de infância.

Formação em educação especial: sem formação.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professora do quadro de zona pedagógica.

Tempo de serviço global em ensino: 20 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Não, é a primeira vez. Este ano foi a primeira vez. Nunca apanhei. Apanha-se crianças mais rebeldes, mais ativas, mas não com necessidades educativas especiais. Nada. Este ano, a minha colega (...) já andava “vamos, vamos tirar”. Não era nada que estava fora de questão, só que, pronto, devido à nossa situação este ano, termos ficado em horário zero e ter mais disponibilidade, pensámos.

Foi esse o motivo principal...?

Foi esse e foi também eu ter estado em apoio, em (...), mesmo na vila, e ter uma criança com paralisia cerebral profunda. Então, eu fiquei assim de mãos e pés cruzados porque não sabia.

Entretanto, fui à internet e tenho uns vizinhos que são professores de educação especial e falei com eles e pedi-lhes ajuda e comecei a trabalhar com essa criança.

Então, foram estes os dois motivos que a levaram...

Foi o meu (...) que me levou, que eu disse: (...), se não fosses tu!

Numa fase posterior, depois de concluir a formação, se tiver oportunidade, então, de ficar colocada em educação especial ou na educação pré-escolar, por qual é que optará ou optaria?

É assim, em primeiro, sempre a minha formação inicial, porque às vezes aparecem essas crianças. Caso, há uma reviravolta na nossa vida às vezes, não me importava nada de ir então para a educação especial. Sim.

Relativamente a este processo formativo, está a iniciá-lo, quais são as expectativas que tem?

As expectativas são muitas, são muitas.

Mas a que nível? Competências que pretende adquirir?

Sim... É assim, uma pessoa acaba por não ter bases, não ter nada, e isto é uma concretização depois para futuro. Eu notei agora com este menino, que eu não sabia como é que havia de estar com ele, como é que havia de fazer. É muito complicado porque era uma criança com paralisia cerebral mesmo profunda. E então nós vamos aprendendo porque eu cheguei a um ponto em que ele já reconhecia a minha voz e a pessoa que estava com ele, que lhe dava a alimentação. Era uma criança que comia por sonda. Pronto, era mesmo complicado. Mas era uma alegria. Ele, a música, adorava quando lhe cantava. O lado positivo é que ele depois com os sons, através dos sons, ele dava-nos uma resposta. Foi bom e por isso eu acho que vou aprender muito e...

Sobretudo, então, como lidar com este tipo de alunos?

Como lidar e alguns conceitos e algumas coisas que uma pessoa, às vezes, não está preparada, ou que não sabe, pronto, não é a nossa formação, não temos e vamos adquirir conhecimentos.

2.ª Fase da entrevista

Agora que está a terminar esta formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente?

É mais positivo. É porque a nível de competências, de conhecimento, nós acabámos por ver que as coisas não são tão básicas assim, tão lineares, e que conseguimos ver de uma forma mais abrangente, mais direta, certos problemas que às vezes passam-nos ao lado. E no caso dos professores é. Acontece isso. Não estamos, como é que eu hei de dizer, sabemos e temos noção que existe mas depois não sabemos onde é que devemos caminhar, o caminho que devemos percorrer. E agora, neste momento, sim, já poderemos dizer que sim, que já sabemos e muitas coisas.

Em termos do saber, de conhecimentos, de conceitos, qual é a sua perspetiva agora que está a terminar a formação? Está bem preparada? Foram abordados?

É assim. Eu acho que este curso foi mais a nível de investigação. Pronto. Quando abriu nós pensávamos que vínhamos para uma especialização, o que depois veio a tornar-se um mestrado e mais à base da investigação. Mas foi bom porque abre-nos novos horizontes e conseguimos ver as coisas de outra maneira.

Em termos do saber fazer, ou seja, para todos os efeitos, ficam com uma qualificação para a educação especial. Como é que se sente em termos depois de vir a intervir com as crianças com necessidades educativas especiais, crianças e jovens? Esta formação teve essa vertente também do saber fazer?

Teve, teve pouca. Não poderei dizer que foi muita. Pronto. Mas eu acho que só no terreno e com a experiência é que nós vamos ultrapassar certos obstáculos. Só aí é que... É como agora no regular, é a mesma coisa. Só com a experiência e com o tempo de serviço é que nós vamos ultrapassar certas coisas. Pode ser fácil teoricamente, não é fácil, que nós sabemos, e há muitos entraves, mas depois, eu acho que a nossa força de vontade e as nossas expectativas podem conseguir melhorar algumas coisas.

Em termos de atitudes e de valores, sofreram alteração com esta formação? Valores e atitudes face à inclusão, à educação inclusiva?

Se calhar ficámos... como é que eu hei de... Não, eu acho que, de mim, na minha opinião pessoal, eu acho que já tinha essa atitude e esses valores para certas crianças e tentava, mas talvez... talvez agora olhe de uma outra maneira ou pense de uma outra maneira a nível da inclusão e que se poderá fazer mais a nível das escolas do que está a ser feito mesmo, e a nível das articulações entre unidades de multideficiência, entre centros... Acho que pode haver parcerias, pode haver mais dinamismo entre todos do que há. Ainda continua muito fechado.

Qual é o impacto na sua atividade enquanto docente, não só futura docente de educação especial, eventualmente, mas também enquanto educadora? Teve impacto esta formação, tem impacto na sua...

Teve. Teve. Trabalhei muito. Ando muito cansada. Li muito. E claro que tem impacto. Pelo menos que nós nos tivéssemos dedicado, acho que tinha sempre impacto. Mas para nós, acho que foi um grupo muito bom, muito dinâmico e coeso, também porque nos aguentámos todos até ao fim. E acho que tem aspetos muito positivos. É de louvar tudo o que nós fizemos.

Teve impacto na postura que vai ter ou que tem agora perante as crianças com que trabalha?

Não, para já não, porque... pronto, para já não. É o que eu disse, eu já sou atenta a certas atitudes. Agora, se eu for para a educação especial, aí terá outro impacto. Aí eu vou ter o passado, este tempo que eu aqui passei há de vir e tentar atuar da melhor maneira, tentar novamente trabalhar e pesquisar. Acho que isto não termina, vamos continuar a trabalhar.

Nesta fase final do processo de formação, como é que caracteriza a formação que recebeu face à prática letiva em educação especial? Ou seja, qual é o grau de preparação que sente que tem para vir a exercer atividade docente em educação especial?

Se estou preparada?

Sim! Basicamente é isso!

É assim. Eu acho que só no terreno. Vontade, tenho. Agora acho que só lá estando e acho que iria dar tudo de mim para concretizar também esses meus sonhos, senão não teria vindo para aqui.

Mas sente que esta formação a preparou devidamente para poder ir para uma escola e trabalhar...

Sim, sim. Eu julgo que sim, pelo grupo de docentes, que são muito bons, e também pela abertura deles, a todos os níveis.

Quais são os aspetos mais positivos que salienta na formação de professores de educação especial?

Aquilo que eu aprendi a nível de competências... por exemplo, o que era um PEI, o que é o diretor de turma, que às vezes uma pessoa passa ao lado e não sabe, todo o processo de avaliação, eh... Isto por causa do nosso projeto de seminário também nos abriu, pronto, para

que nós olhássemos de outra maneira para as coisas Eu acho que foi tudo positivo e tem sido bastante positivo e favorável.

Não há aspetos assim menos positivos a destacar?

Não. Não. É cansativo porque foi em pouco tempo que nós fizemos este mestrado, não é? Pronto, e muito trabalho que andou à volta dele todo e depois, é assim, nós também temos a parte laboral como professores e temos de trabalhar do outro lado e é complicado.

Relativamente ao modelo de formação de professores de educação especial. Como sabe, funciona na modalidade de pós-graduação. Qual é a sua perspetiva sobre este modelo, pensa que poderia ser diferente a formação de professores de educação especial? Poderia sofrer alterações?

Eu acho que sim, que podia sofrer alterações porque ainda nas escolas não há abertura total do professor de educação especial. E eu tenho a minha em (...), que eu tenho um menino no jardim, que eu noto que tem problemas, pronto, não só a nível de linguagem, mas há qualquer coisa, e eu pedi ajuda e essa porta foi-me negada, fechada. Foi-me dito que não, para esperar, para aguardar, pronto. E eu acho que devia haver mais abertura, apesar de eles estarem sobrecarregados com outros ciclos, mas que havia de haver mais abertura para nós pré-escolar. E apesar de também não ser obrigatório o ensino pré-escolar.

Mas relativamente à formação em educação especial, pensa, por exemplo, que todos os professores deveriam ter essa formação?

Sim. Sim. Que deviam de vez em quando renovar ou fazer ações de formação ou outro tipo de sensibilização para se aperceberem porque as coisas mudam, a ciência está sempre em rodopio, pronto, sempre a mudar, e acho que as pessoas precisam de...

Continuando ainda na formação em educação especial, que sugestões é que proporia, eventualmente, claro, para melhorar a formação dos professores de educação especial?

Então, ações de formação ou fazerem...

E relativamente a esta formação que está a frequentar?

Também, por exemplo. Não... E agora saiu um novo decreto-lei que obriga os professores todos quer do primeiro ciclo, segundo a ter o mestrado, a ter mais formação, e cada vez vai haver mais exigências. Eu acho que sim, que os professores deviam fazer.

Todos os professores fazer formação em educação especial?

Sim. Sim. Porque há muita gente que ainda não sabe, não... passa ao lado mesmo. Não querem ter trabalho, não há uma relação, não há articulação entre os outros professores e isso notou-se, pronto, no caso das colegas do segundo ciclo que por vezes não há uma ligação entre, não há um convívio, não há um... não há uma ligação entre eles. Pronto. E acaba por ficar tudo muito escondido e não tentar uma abertura maior entre professores.

Vou-lhe repetir uma questão que coloquei na primeira fase. Presentemente, se tivesse oportunidade de concorrer para educação especial, concorreria?

Concorria! Eu tinha-lhe dito há uns meses atrás que não. Mas neste momento eu iria.

Mesmo em igualdade de circunstâncias com o pré-escolar?

Sim! Iria pôr... iria pôr a educação especial.

Porquê?

Porque acho que foi bom e, é o que eu continuo a dizer, só lá no terreno uma pessoa pode dedicar-se e mostrar tudo aquilo que aprendeu. E essa experiência é que depois vai adquirir e tornar-nos mais fortes e...

E esta formação também contribuiu para essa tomada...

Contribuiu. Muito. Muito. Sem isto acho... Eu tinha-lhe dito que não, que iria concorrer novamente ao regular, mas não, neste momento acho que punha em primeiro lugar. Era aliciante.

Código da entrevista: EC6

1.ª Fase da entrevista

Identificação

Data de nascimento: (41 anos)

Sexo: Masculino.

Habilitações

Grau académico: Mestrado.

Formação inicial: Licenciatura em direito e em filosofia.

Formação em educação especial: Não tenho.

Situação profissional

Relação jurídica de trabalho: Professor contratado.

Tempo de serviço global em ensino: 14 anos.

Tempo de serviço em educação especial antes da formação especializada em educação especial: 0 anos.

Trabalho com alunos com necessidades educativas especiais: Sim.

Nos últimos anos, sobretudo a partir de 2006, com a criação do grupo de recrutamento de educação especial temos verificado um crescente movimento de oferta formativa na área da educação especial, bem como uma grande procura por esta formação. Quais os motivos que o levaram a querer frequentar formação especializada em educação especial?

Nós temos de ser pragmáticos. Neste momento está a haver da parte do governo deste país uma política antifilosofia. Não se pretende criar verdadeiramente a cidadania nos alunos, não se pretende autonomizá-los, não se pretende criar seres pensantes. Procura-se exatamente o inverso. E nós estamos a ser confrontados cada vez mais com uma marginalização do ensino da filosofia. Portanto, a razão que me leva a frequentar o ensino especial são duas razões fundamentais. Uma é a questão pragmática, a qualquer momento a filosofia desaparece. É evidente que eu estou a fazer futurologia mas com alguns dados que me dão essas indicações. E, portanto, o ensino especial é uma mais-valia. Por outro lado, também, me vou confrontando ao longo dos anos com alguns alunos com necessidades educativas, com alunos que têm as suas diferenças, e é necessário também ter alguns conhecimentos, algumas estratégias, algumas técnicas que leve o professor a fazer mais pelo aluno.

Com o alargamento da escolaridade obrigatória, no ensino secundário passa a haver mais alunos com necessidades educativas especiais.

Eu estou confrontado com um aluno que, segundo a sua colega, tem hiperatividade, é um aluno que tem uma idade mental muito abaixo daquilo que é a idade cronológica, é uma criança, não sei como hei de lidar com ele, porque, de facto, dar-lhe ordem de saída da sala penso que não é a melhor maneira de resolver o problema. Mas estou a ver que está a haver aqui um problema de perturbação da aula. A partir do momento em que o chamo à atenção até vai acatando mas, passado um minuto ou dois, está na mesma. E de facto, eu, enquanto professor do secundário, porque eu apenas leciono no secundário, estou nos últimos anos a confrontar-me com esse problema. E aqui a educação especial poderá ser uma mais-valia no sentido de ajudar a tentar ultrapassar estas dificuldades com as quais me confronto diariamente.

Esta questão até faz mais sentido ser colocada na fase final, mas provavelmente até a repetirei. Posteriormente, se tivesse oportunidade de concorrer para educação especial, concorreria? Em que circunstâncias? Acabou por já me dizer há bocadinho.

Lá está, é que nós temos que também olhar não só para aquilo que é a nossa vocação, digamos assim, mas também a provocação. A provocação é circunstancial. Se somos provocados, nós temos que reagir, temos que encontrar instrumentos e temos que nos adaptar porque hoje a vida não está para as pessoas inteligentes, está para as pessoas que se conseguem adaptar à realidade. Portanto, se não precisam deste professor, temos que encontrar um meio para contornar a questão. E de facto esperemos que isto não aconteça, aquilo que vaticinei, mas infelizmente não estou a ver com bons olhos esta situação.

Relativamente, agora, às expectativas a esta formação que está a iniciar, o que é que espera? Que competências espera adquirir? Capacitar para lidar com os alunos, como acabou por referir?

As competências, espero que encontre aqui alguns quadros teóricos, com certeza que serão dados, alguns quadros teóricos no sentido de procurar encontrar estratégias, também fundamentações psicopedagógicas, que permitam alinhar por uma determinada conduta ou por várias condutas que me permitam ir ao encontro daquilo que são as necessidades dos educandos. Se o educando tem essas diferenças, teremos que ter ferramentas e teremos que ter instrumentos, não só teóricos mas também práticos, para poder responder de uma forma positiva e não negativa, não é?, de uma forma construtiva e não destrutiva a esses mesmos problemas, que cada vez são mais exigentes, devo dizer, porque com esta vertente inclusiva do ensino não sei até que ponto não será exclusiva. Mas isso são questões que ultrapassam de facto esta entrevista.

2.ª Fase da entrevista

Agora que está a terminar a formação especializada em educação especial, qual é o balanço que faz quanto às expectativas que tinha inicialmente?

As expectativas, penso que são boas. Ganhamos, ou melhor dizendo, falando no particular, ganhei alguma bagagem teórica e também alguma capacidade crítica e alguns instrumentos práticos que podem permitir a utilização num próximo ano, se eventualmente tiver a oportunidade de trabalhar na educação especial.

Em termos, então, dos conteúdos, dos saberes, dos conhecimentos, correspondeu às suas expectativas a formação?

Nuns aspetos sim, noutros não. No aspeto teórico, de facto corresponde à expectativa. No aspeto prático ficou aquém porque estava à espera de mais materiais, mais... Mas eu penso

que este é um caminho que tem que ser feito individualmente e muitas vezes há falta de materiais, o próprio professor em função do caso particular que tem em mãos é que tem que fazer o seu próprio caminho.

Sente que faltou essa ligação da teoria à prática?

Sim, sim.

Relativamente às atitudes e aos valores, apesar de ser de filosofia, contribuiu para ter uma visão diferente ao nível dos valores?

Sim. Sim. Até porque estamos a falar de um público-alvo que é um pouco diferente e, como tal, temos que ter essa sensibilidade particular para lidar com esse público. Alertou-me também no sentido de procurar estar mais sensível para essa mesma realidade. Tinha à partida alguns conhecimentos, mas não um conhecimento aproximado e neste momento estou com certeza mais sensível a essa realidade, que é uma realidade múltipla mas diferente.

Relativamente ao processo de formação dos professores de educação especial, considera que neste momento está preparado ou qual é o grau de preparação que tem para poder exercer atividade letiva em educação especial?

Eu confesso que sou muito exigente e devo confessar que não me sinto plenamente preparado para assumir esse papel. No entanto, com aquilo que foram os conhecimentos, tudo aquilo que foi facultado por este curso, penso que pode ser útil para iniciar a atividade. Portanto, depois com a experiência, com o trabalho, com certeza que sentir-me-ei mais fortalecido e consistente na minha ação.

Relativamente ao modelo de formação dos professores de educação especial, que é como disse de pós-graduação, qual é a sua perspetiva sobre este modelo? Pensa que poderia ser diferente, melhorado, eventualmente?

Sim. Nós não podemos partir do princípio de que tudo está feito, tudo é acabado e que tudo está absolutamente perfeito. Não podemos ter essa veleidade. Eu penso que sim, que poderia ser melhorado, sobretudo no aspeto mais prático. Tal como disse inicialmente, o curso peca por excesso teórico e tem a brecha da prática. Poderia ser mais prático.

Poderia ser colmatado de que forma?

Provavelmente através de um ministério. Não sei se poderia ser feito. Eu penso que poderíamos estar aqui a perspetivar outras formas de aprendizagem. Eu acho que é fundamental que haja esta simbiose entre a teoria e a prática, e quando ficamos apenas reduzidos à teoria, ficamos coxos, sentimo-nos coxos, e é fundamental que haja esta vertente

prática, provavelmente um miniestágio, nem que fosse de um mês, não necessitávamos de muito tempo a lidar com a realidade em concreto para podermos aí sim sentir o que são as dificuldades e também para podermos concretizar algumas daquelas que são as estratégias adequadas ao caso concreto que podíamos estar a desenvolver e a trabalhar.

Então, em termos de sugestões, proporia a introdução de uma vertente prática?

Sim, uma vertente prática.

Mas concorda também com este modelo de pós-graduação?

Sim, sem dúvida, sem dúvida, mas com um acrescento, não sei se será possível, se será viável, mas acrescer-lhe ali aquela vertente prática de um mês. Um mês penso que seria suficiente para poder avançar para essa vertente mais prática.

Já lhe coloquei esta questão na primeira ase que é, presentemente, se tivesse oportunidade de concorrer ao grupo de educação especial, fá-lo-ia?

Sim. Sem dúvida alguma, tal como lhe disse inicialmente.

Mas se estivesse em pé de igualdade com filosofia, neste caso, por qual é que optaria?

É evidente que eu neste caso, ao longo deste curso fui também desenvolvendo algumas competências em termos de lidar com pessoas diferentes e é curioso que como me sinto mais sensibilizado em relação a pessoas diferentes, eu penso que poderia ser mais útil, curiosamente, poderia ser mais útil nesta área, com aquilo que é a minha forma de estar, o modo de pensar, sentir-me-ia mais realizado enquanto professor de educação especial, sem dúvida alguma.

Anexo IV - Transcrição do grupo focal

O primeiro tópico tem a ver com o impacto que a formação em educação especial teve na vossa atividade docente enquanto professores de educação especial: se saíram preparados ou não saíram; se a preparação foi adequada; se foi ao encontro das expectativas mas mais no sentido de, em termos práticos, de intervenção junto dos alunos, de estarem preparados para trabalharem com alunos com necessidades educativas especiais?

Todos quase em uníssono e com gestos corporais - Não!

GFP8 - Não!

GFP7 - Não! Maioritariamente teórica e muito pouco prática.

GFP8 - O que eu senti foi que a formação especializada, a mim, enriqueceu-me a nível de investigação. Portanto, veio espezinhar a formação contínua, mas a autoformação, de investigar, porque lá nós tivemos foi teoria.

GFP7 - Muita teoria!

GFP4 - Concordo!

GFP8 - Muita teoria. Uma coisa a favor é que todos os docentes, todos os meus docentes da formação especializada tinham prática na educação especial. Foi muito bom. Todos eles. Não tive um docente que não tivesse prática na educação especial. Foi muito bom. Agora, cheguei ao fim e pensei assim: caramba, onde é que eu vou agora praticar! Não é? Porque eu tive várias disciplinas práticas, que é o braille mas não trabalhei com alunos cegos.

GFP7 - Uma pessoa só faz uma pequena abordagem.

GFP8 - Não é? Trabalhei a língua gestual, mas não trabalhei com alunos surdos. Não é? Fiz a parte cognitiva, as dificuldades de aprendizagem, mas não implementei estratégias.

GFP7 - Abordaram-se as problemáticas mas de uma forma genérica.

GFP8 - Exatamente.

GFP3 - E muito ligeira.

GFP8 - Na parte prática, nós vemo-nos limitados.

GFP7 - Em termos, por exemplo, de planificação, estou-me a lembrar, planificação e avaliação, quase que foi intocado. No caso da minha especialização.

GFP4 - Subscrevo. Sem dúvida.

GFP7 - Eu acho que eram duas ferramentas fundamentais para serem objeto de análise.

GFP1 - No meu caso foi um bocadinho diferente porque eu não tinha experiência na educação especial. Nunca tinha estado na educação especial. Fiz a especialização sem saber nada do que era a educação especial. Não é? Pronto. E era das poucas no grupo. Também quase toda a gente já tinha experiência. E é evidente que ficou um bocado aquém daquilo que eu esperava. Esperava algo de mais prático que, depois quando viesse para o terreno, conseguisse digamos estar completamente ou quase apta a trabalhar com os alunos. E isso não foi verdade. Por outro lado, é como diz a (...), também, mas, de certa forma, deu-me,

digamos, as ferramentas para eu, depois, por mim, ir pesquisar e ir tentar... Aliás, eu acho que me deu aquilo que eu precisei mais ou menos para depois ir buscar à medida que fui necessitando.

GFP5 - É assim, em primeiro lugar é a questão do tal espreitar exatamente para a investigação, acho que é fundamental. A formação que eu tinha pessoalmente tido antes tinha sido a licenciatura, portanto, e nessa altura, com outra idade, não estava ainda com grande apetência, vamos dizer assim, por essa área. Por outro lado, a questão que me coloco é até que ponto é que um ano e qualquer coisa, e esse ano e qualquer coisa mesmo assim foi extraordinário comparativamente com as formações que há agora, estas *express* de meses, portanto, aí nem sei o que é que se dá, não é? Mas, mesmo num ano quase e meio, que foi o que teve com a minha com a conclusão do trabalho, seria possível essas duas vertentes? Eu questiono-me porque, é assim, a parte da teoria, eu acho que é fundamental. Depois é como em tudo. Na licenciatura, o que é que eu tive em termos de prática? Praticamente nada, não é? A licenciatura é a parte teórica que conta. Portanto, ali eu acho que para termos uma parte entre teoria e prática teríamos de ter no mínimo o dobro do tempo. Teria de ser uma licenciatura mesmo. E não sei se mesmo assim seria possível.

GFP7 - A grande crítica que se faz aos cursos em Portugal, e falo de licenciaturas e pós-graduações e especializações, é exatamente ter uma forte componente teórica em detrimento da prática.

GFP5 - Mas eu acho que a teórica é fundamental. Eu acho que a teoria é fundamental. O que eu acho é que deveria, eventualmente, por exemplo, a questão das licenciaturas, acho que era uma questão até importante. Uma segunda licenciatura. Porque não? Nós estamos noutra curso! Nós estamos noutra... Nós estamos noutra... O que é que a minha licenciatura... A questão que eu coloco é: o que é que a minha... por acaso a resposta não é tão óbvia quanto isso, mas eu respondo. O que é que a minha licenciatura ou o que é que a maior parte das licenciaturas de base tem a ver com aquilo que nós depois praticamos? Como eu estou mais ou menos especializada em dislexia, é evidente que a minha licenciatura em latim, fonologia, etc, etc, foi muito importante. Mas licenciaturas, por exemplo, em educação física, licenciaturas, por exemplo, em educação... Em muitas outras licenciaturas nada têm a ver com aquilo que nós depois vamos praticar. Portanto, é assim, eu acho que era uma segunda licenciatura que nós precisávamos em termos de... E então, aí, nós teríamos dois anos de teoria intensiva, porque é importante a teoria, eu não concebo uma formação sem teoria.

GFP7 - Claro que é!

GFP5 - E um ano e meio não daria para muito mais do que isto. Eu não acredito que pudesse dar para muito mais do que isso. Até porque a educação especial é uma coisa gigantesca, não é? Eu lembro-me de dois trabalhos, três trabalhos que eu fiz, por exemplo, na especialização, e precisava de fazer uma catrefada mais deles. Por exemplo, ELA não sei lateral hemiatrófica. Por exemplo, não é? Mas isto é o quê? É um milésimo daquilo com que nós podemos trabalhar. Portanto, é uma coisa gigantesca. Um ano e meio é pouco, mesmo para uma formação base e mesmo para aquilo que nós precisamos até ao fim, e nós precisávamos

de uma segunda licenciatura. Eu acho que sim. Ou então, uma licenciatura de base, como nós propusemos no Ministério da Educação, quando estivemos na reunião, que era uma formação de base do tal ano e meio, por exemplo, e depois formações especializadas, umas segundas formações para as áreas em que nós estivessemos a intervir. Não é? Eu estou em educação especial, então teria de ter uma formação intensiva de mais um ano e não sei quê ou o que fosse em dificuldades específicas de aprendizagem, por exemplo. Depois quem estivesse a trabalhar com PHDA, teria de ter mais uns módulos de PHDA. Quem tivesse que, por exemplo... Acho que isso era fundamental. E a questão da formação inicial também era uma questão importantíssima. Nem todas as formações iniciais deveriam dar ligação direta à educação especial. Teria de haver módulos, por exemplo, ou seja, as tais questões das equivalências. Não é? Por exemplo, a minha formação de base, que equivalências é que... É como eu, se quiser mudar de curso. Eu tenho que ver, não é? Há disciplinas que eu eventualmente posso ter como equivalência, pronto, mas teria de se analisar muito bem estas questões. Ok, o que é que o meu currículo me permite para educação especial? A ligação direta, não concordo que seja a ligação direta. Eh... Pronto.

GFP7 - Mas neste momento é o que acontece.

GFP5 - Neste momento qualquer formação de base dá ligação direta. Eu se quiser tirar, por exemplo, uma especialização em economia, o meu curso não tem nada a ver. Não me podem deixar. Quer dizer, se deixarem está mal, não é? A minha formação de base não tem nada a ver com economia. Eu não posso tirar uma especialização naquilo que eu quiser. Mas qualquer pessoa pode tirar uma especialização em educação especial e eu não concordo com isso.

GFP3 - Pronto, também é preciso dizer o que é que se valorizava e, na altura, era a parte pedagógica. Aliás, porque havia a licenciatura mais cinco anos de prática pedagógica, não é? E, portanto, aí, a valorização era por essa vertente, não é? A nossa intervenção...

GFP7 - Os cinco tais anos, não é?

GFP3 - Exato. Mais do que, penso eu, o conhecimento científico também havia ali a valorização do conhecimento do aluno, portanto, das várias problemáticas da educação, da aprendizagem, ao fim e ao cabo. Portanto, embora compreenda perfeitamente o que está a dizer e também concordo... Aliás, até porque outros países é exatamente o que fazem, criam portanto uma vertente só para a educação especial. Ou seja, acaba-se o liceu e entra-se, não é?

GFP5 - Como se fosse um curso qualquer!

GFP3 - Exatamente! Portanto, eu acho que isso também seria bastante interessante. Mas realmente não esquecer que, embora não tenhamos tido aquela formação ou os nossos cursos podem não ter uma relação muito óbvia, mas, pronto, acho que naquela altura aqueles cinco anos faziam todo o sentido, que atualmente não existe. Portanto, nós temos pessoas que se estão a formar e que não têm esses cinco anos, portanto, de experiência. E eu acho que isso faz toda a diferença porque realmente, o que nós nos apercebemos, não é?, ao lidar diariamente com os nossos alunos, muitas vezes, pronto a teoria é claro que importa, mas saber lidar com determinado tipo de casos aquilo varia de dia para dia. Quer dizer... Aliás,

tem muito a ver com a nossa experiência, o lidar com pequenas questões, que muitas vezes não são questões científicas. Não é?

GFP5 - Por acaso eu não... É assim, entendo mas não concordo...

GFP3 - Sim, o que eu estou a dizer é que não é totalmente...

GFP2 - Pois, não é tão linear...

GFP5 - Sim, sim, que a experiência também é importante. Agora, a questão, por exemplo, do a experiência ser, claro que a experiência é sempre importante, não é? Pronto, e dar aulas há vinte anos não será certamente a mesma coisa como dar aulas há dez e por aí fora. Agora, eu acho que um dos erros, e isso não sou que digo, é Howard, William Howard, diz isso, um dos erros da educação especial também tem a ver com esta parte da investigação ser muitas vezes relegada para segundo plano. E muitas vezes o intervir-se com o aluno, e por isso é que eu acho que, por exemplo, na questão da avaliação dos professores, lembro-me quando tive aulas assistidas nesta última avaliação, que eu pedi aulas assistidas, eu cheguei junto da pessoa que me foi avaliar, o meu colega, e para todas, para cada atividade que eu propus, eu fiz uma justificação metodológica, que ele na altura: Hi, (...), ninguém mais me fez isso, ninguém mais me entregou isso. Hi, meu Deus! Nã, nã, nã... Pronto. Eu acho que isso é que é fundamental. Ou seja, tu não vais ver ninguém a fazer o pino aqui, se calhar até nem é uma aula bonita, mas tudo aquilo que eu vou aqui praticar está justificado cientificamente. Eu vou fazer isto porque a investigação diz que o caminho é este. Eu vou fazer isto porque tal, tal. Portanto, eu acho que isso é fundamental. E Howard diz isso, que é um dos dez erros da educação especial é exatamente isso, não ser tanto... por isso é que eu acho que a investigação é fundamental.

GFP3 - Sim, mas eu acho que é um misto, um misto...

GFP5 - A prática, a prática é importante também. Eu acho que...

GFP2 - Completam-se.

GFP5 - Completam-se sendo que uma eu acho que é muitíssimo importante, que é: eu estou a fazer isto porquê? Porque é que eu estou a fazer isto? Não é porque... É evidente que depois há várias investigações, vamos dizer assim, que é possível para aquele, não é? Nós sabemos que há alunos que aprendem melhor pelo método analítico, pelo método sintético. Vamos falar, por exemplo, na questão da leitura ou outra questão qualquer, não é? Mas eu tenho de saber que existem essas metodologias e quando as aplico tenho que saber porque é que as estou a aplicar. Não é porque a aula é bonita! É isso que eu estou a dizer. Se calhar houve aulas muito mais giras e muito mais coloridas e muito mais não sei o quê, não é? E, se calhar, se formos a ver qual era a justificação metodológica que estava ali por trás, se calhar peca e a investigação é feita para alguma coisa.

GFP8 - Mas sabes uma coisa (...)? Sabes uma coisa? Eu neste momento, ao ouvir-te falar, digo assim: se calhar sou uma pessoa privilegiada a nível da minha formação profissional. Porque eu tive, a minha formação inicial era o curso do magistério primário e tive o meu décimo primeiro ano com três anos de formação de magistério primário. Então, é o seguinte. Eu tinha disciplinas, ontem até estive a lembrar-me de umas tantas, em que tinha pedagogia,

psicologia, psicopedagogia, metodologia, e, dentro da metodologia, nós estudávamos métodos. Nós estudámos a cartilha maternal, nós estudámos o método global, nós estudámos o analítico-sintético...

GFP5 - O que é que eu estou a dizer? Que a formação inicial é fundamental! Eu estou a dizer isso!

GFP8 - Sintético-analítico, o método global, o método das vinte e oito palavras. Portanto, vimos isso tudo.

GFP5 - Eu estou a dizer isso.

GFP8 - Depois, (...), logo no primeiro ano, nós tínhamos a parte teórica e, no último período, já começávamos a interagir com o grupo-turma. No segundo ano, nós tínhamos um dia em que, por período, íamos trabalhar com um grupo-turma. E no terceiro ano, nós tínhamos três dias em que íamos trabalhar com um grupo-turma em que havia o cuidado de passarmos por cada ano. Portanto, o primeiro ciclo é constituído por quatro anos, não é? Eu tive a vantagem de estagiar, trabalhar na minha prática, no primeiro ano, no segundo ano, no terceiro ano e no quarto ano. E depois havia um dia para reflexão, portanto, havia aqui um momento de planificação e de reflexão das práticas que nós estávamos a lecionar, que nós estávamos a fazer, e um dia de aulas.

GFP5 - Pronto, vais ao encontro daquilo que eu estou a dizer. Ou seja...

GFP8 - E isto deu-me...

GFP5 - Deu-te uma prática imensa quando queres, por exemplo, trabalhar com alunos eventualmente até de CEI na aprendizagem da leitura, por exemplo.

GFP8 - Isto deu-me...

GFP5 - É isso que eu estou a dizer.

GFP8 - Exatamente. Isto deu-me, isto foi uma ferramenta fundamental para a minha prática agora mesmo nas necessidades educativas especiais.

GFP5 - Sem dúvida!

GFP8 - Quando eu fui, depois, para a educação especial, para fazer a formação especializada, o que é que aconteceu? Acho que penso que foi em 2000 que a União Europeia, (...), não sei se tu estás... A União Europeia apostou muito na formação especializada e em 2001 apostou forte e feio na formação especializada de professores, em que o meu curso foi, de especialização, foi pago pelo fundo europeu.

GFP2 - O meu também.

GFP8 - Exatamente.

GFP7 - O meu também não. Candidatei-me mas não...

GFP8 - Pronto. O meu foi pago pelos fundos europeus, não é?

GFP7 - Foi 2000, 2001, 2003... 2004 quando eu concorri...

GFP2 - Foi 2000/2001, 480 horas.

GFP8 - Pois, exatamente. Então havia um critério, como era muita gente, havia um critério que a universidade colocou, que era haver cinco anos, pelo menos cinco anos de experiência em educação especial.

GFP7 - Era o primeiro critério de seleção.

GFP8 - Cinco anos. A nossa turma de, foi o segundo ano, foi a segunda turma, estávamos todos mais ou menos a falarmos da mesma coisa dentro da especialização.

GFP7 - Porque nessa altura muito poucos eram os especializados. Não havia tanta gente na educação especial. Foi aí que começou...

GFP8 - Exatamente. E havia muita gente... Eu comecei nas necessidades educativas especiais em 1996.

GFP7 - E aí praticamente não havia professores especializados.

GFP8 - E aí era o quê? Tu sabes que os professores que estavam à frente das equipas eram convidados, nem sequer havia concursos, não é?

GFP2 - A minha formação também foi muito teórica. Mas também acho que foi importante para a minha prática.

GFP7 - Eu quando aqui falei em teoria, é que é muito, muito teórica, mas é importante, claro que é.

GFP2 - Sim, a minha também foi muito teórica, mas também sensibilizou e deu ferramentas úteis.

Voltando à questão do impacto da formação na prática...

GFP6 - Porque eu fui a última provavelmente a ser especializada, a tirar a especialização, foi-me dado, depois de um ano e meio de teoria, que eu acho que também é importante claro que sim, eu senti necessidade e foi-me dada a possibilidade de nós optarmos ou por um trabalho teórico ou por um estágio, umas horitas, é mesmo assim, que eu frequentei na unidade do (...), em que eu senti necessidade dessas horas, desse estágio para ver se tinha a sensibilidade, se tinha... se estava capacitada até emocionalmente para trabalhar com... e fui logo para a unidade que era para não haver aquele impacto. Então, achei extremamente importante, e até hoje guardo boas recordações, e foi fundamental para eu continuar.

GFP8 - Ainda me lembro dos medos que tu tinhas.

GFP6 - Meu Deus!

GFP8 - Medos que tu tinhas e depois foram ultrapassados.

GFP6 - Graças a Deus. E acho que foi fundamental até para eu não ver a educação especial só como um escape na minha carreira mas também apanhei um enorme gosto e prazer naquilo que estou a fazer, no trabalho que desempenho. E não me vejo a fazer outra coisa.

Mas voltando à questão do impacto da formação, se está ou não adequada, se vocês iniciaram a atividade docente depois em educação especial se se sentiram preparados depois com essa formação. Pronto, já ficou a ideia basicamente que não.

GFP7 - É um bocadinho difícil de responder a isso até porque, eu vou falar por mim, eu já estava na educação especial quando fui tirar a especialização. Vim mais rica, claro que vim.

GFP5 - Mas é assim, eu acho que isso é como em tudo. Por exemplo, será que eu quando acabei os cinco anos de licenciatura estava preparada para ir dar português e...

GFP7 - Nunca estamos. É quase como para ser mãe e pai.

GFP5 - Exatamente. Eu acho que depois é só mesmo a...

GFP7 - O dia-a-dia é que nos vai dando...

GFP5 - Eu acho que é isso. Agora, se calhar mais anos ajudaria. Esta questão, por exemplo, de nos especializarmos, dos professores especializados se especializarem nas várias áreas, porque isto é gigantesco, é a mesma coisa que eu dizer sou professora de línguas. Então, posso dar inglês, português, espanhol, francês, alemão, mandarim... Eu sou professora de português, que é uma língua; de latim, que é uma língua; beh, que é uma língua; mas não sou professora de todas as línguas. Educação especial, no fundo, é pressuposto que sou especialista em tudo o que me aparece à frente. Isso é impossível.

GFP7 - É essa abrangência toda.

GFP5 - Por isso é que eu digo, a especialização como uma formação de base e depois as tais especializações ou outro nome que lhe queiramos chamar das várias áreas. Acho que era um bom caminho.

GFP8 - A especialização em tudo o que aparece à frente, não, porque há domínios de especialização. Há domínios. Agora, eu posso não concordar com esses domínios de formação. Isso é outra coisa.

GFP5 - Mas em áreas, por exemplo, em dificuldades específicas de aprendizagem. Já era um bolo bastante abrangente.

GFP7 - Gigante, já era um bolo gigante.

GFP5 - Mas, de qualquer forma, já é muito mais afunilado do que o bolo inicial que nós temos. Já há ali uma coisa qualquer de diferente. Depois, sei lá, dificuldades cognitivas, portanto, que abrangesse os alunos com CEI, por exemplo. Pronto. Se bem que...

GFP8 - Se bem que não concordo que uma especialização da parte cognitiva esteja associada à motora. Portanto, não estou a ver... Eu via mais facilmente uma deficiência, um défice cognitivo, portanto, uma especialização no cognitivo e dificuldade de aprendizagem do que propriamente cognitivo e motor.

GFP5 - Foi isso que nós propusemos. Mas nós temos essa! A inicial não é essa?

GFP8 - É! É! É! Cognitivo e motor. Que eu acho... Eu só fiquei a perceber um bocadinho do motor no meu mestrado porque foi-me dado por uma professora que trabalhava a integração sensorial, não é? As posturas, as posturas corretas que se deve ter com um aluno.

GFP5 - É um link um pouquinho estranho, sem dúvida. Eu também acho isso. Mas são todos assim, não é?

GFP7 - Mas eles fazem essa associação.

GFP2 - A educação especial tem tantas variantes...

GFP8 - Por acaso não concordo. Não concordo porque a parte motora já é tão específica que quem não tiver conhecimento não sabe se aquela postura é correta se é incorreta, como é

que eu devo estimular o aluno a interagir com os objetos que o rodeiam, e isso não é bem o cognitivo.

GFP7 - E muitas vezes são os técnicos que trabalham connosco que nos dão essas dicas.

GFP3 - Ou pesquisamos.

GFP8 - Eu por acaso foi no meu mestrado, aquilo que mais me deu, aquilo que mais bebi no mestrado foi a parte motora.

GFP1 - A formação contínua, não é, acaba por, de certa forma, ir colmatando essas carências.

GFP8 - Sim, que não há receitas, não há receitas! Não é? Agora, na nossa experiência, nós temos de tomar decisões e a decisão, assim: olha, vamos fazê-la. Depois refletir sobre ela.

GFP3 - Eu acho que é de destacar aqui a autoformação de que estávamos a falar há bocado.

GFP7 - Claro.

GFP8 - Sim, a investigação.

GFP3 - Qualquer um de nós, portanto, é óbvio que, quando nos deparamos com determinadas situações, obrigatoriamente temos que ir pesquisar sobre e temos de pedir apoio a quem sabe porque realmente, aí está, o tal impacto da formação inicial é muito reduzido para dar uma resposta completa em determinados casos. Não é? Há uma abordagem, digamos, superficial e que nos dá uma ferramenta, digamos, mínima, mas depois, obviamente, temos que ir procurar porque é lógico que nós não conseguimos dar uma resposta, portanto, eficiente só com a formação que nós tivemos. Se não fosse realmente a autoformação, e penso que aqui estou a falar por todos, não é?, seria muito difícil.

GFP1 - Ah, sim, sim.

GFP4 - Eu queria só acrescentar, a (...) disse que foi a última, se calhar não foi, fui eu, e eu já venho de uma geração... eu já estava na educação especial há três anos quando me especializei. E eu já venho assim, não é que eu seja muito mais nova, não é?, mas em que eu acho que houve uma banalização da especialização em educação especial. E eu posso falar da turma que eu tinha. Eu era das poucas ou se calhar a única, talvez, já nem me lembro bem, que tinha algum conhecimento do que era a educação especial. Eram todos extremamente novinhos e a educação especial para eles o que era, e também para mim, no início, era o escape. Com a especialização em educação especial nós vamos ser colocados. E depois acho que a própria formação, e posso falar por mim, foi de tal forma também um bocadinho banalizada, já muito banalizada porque, eu acho que estavam-se a preparar, e continua, porque eu acho que agora ainda está pior, agora já nem é um ano e meio, aquilo é...

GFP8 - Seis meses.

GFP7 - Agora já nem é preciso ir lá.

GFP4 - Exatamente. Pronto. E estamos a preparar, estamos não, estão a preparar assim fornadas de professores de educação especial minimamente ou quase nada especializados, preparados, sem saberem o que enfrentar, sem saberem o que fazer, sem saberem... eu acho que sem saberem... muito, muito, muito pouco. Eu tive cadeiras que não me serviram para nada. Tive outras cadeiras que se calhar me deram ferramentas. Mas, depois, o que eu tenho feito e porque gosto muito, não me vejo a fazer mais nada, subscrevo a (...), o que eu tenho

feito depois é investigação. É ler, ler, ler, procurar. Este ano tenho esta problemática, vou investigar, vamos conversar, vamos trocar ideias. Depois, sim, foi uma cavalgada mas uma cavalgada própria. Agora em termos de formação inicial, eu posso dizer que a minha ficou muito aquém das expectativas. E achei até, até já por parte mesmo dos professores...

Formação inicial ou especializada?

GFP4 - Quando digo formação inicial, desculpem, estava a falar em formação especializada. Peço imensa desculpa. Era o que eu digo, prepara-se assim fornadas e fornadas... porque eles, nas universidades, neste momento, querem é dinheiro, querem massa, e investem muito pouco ou quase nada na formação e na preparação dos professores que mais tarde vão estar numa área tão específica...

GFP7 - Tão delicada!

GFP4 - Tão delicada, em que é preciso não só ter formação mas também gostar muito daquilo que se faz. Muito. Eu acho que tem que se gostar ainda mais do que qualquer outra área porque...

GFP5 - É um desrespeito pela educação especial. É um desrespeito. Quando ouço colegas meus dizerem isso, os *online*, os cursos que não têm nada a ver, se calhar há cursos online que são bons, mas eu vejo a forma como eles falam, tipo, eles arranjam trabalhos, arranjam trabalhos... Aliás, já me pediram algumas vezes e eu tento fazer assim diplomaticamente, dar assim voltas do género: olha, o que eu tenho está tudo na net, portanto, procura. Porque acho uma falta de respeito terrível para com a educação especial. Inclusivamente, tenho colegas às vezes que me dizem: espero nunca calhar, por exemplo, com dislexia, porque eu não percebo nada disso, só espero nunca calhar com não sei o quê ou espero não calhar com não sei quê. Isto é uma falta de respeito para com a educação especial. Aliás, uma vez, uma colega minha perguntou-me o que é que eu achava de um curso que havia numa escola que era de meio ano. Eu disse exatamente isto: acho uma falta de respeito e espero muito melhor de ti, muito sinceramente. Disse-lhe isso também.

GFP4 - Só queria acrescentar mais uma coisa que também tive professores que não tinham contacto nenhum com educação especial. Que isso eu acho... eu acho terrível!

GFP7 - Como é que eles podem estar a falar de uma coisa que eles desconhecem, não é?

GFP4 - Eu acho terrível! Como é que alguém pode falar num assunto, e não posso falar de latim e grego porque eu não percebo nada de latim e grego. Não é a minha área.

GFP5 - Claro!

GFP4 - Por acaso até tive uma cadeira de latim há muitos anos atrás, mas não sei nada de latim. Eu não posso falar de latim. E como é que... É como dizia o Jorge Jesus, eu não sou médico, por isso não falo de medicina, falo daquilo que eu percebo. Portanto, como é que alguém pode vir lecionar uma cadeira que nunca esteve numa unidade, não sabe o que é um menino disléxico, que não sabe...

GFP7 - Que nunca lidou!

GFP8 - Problemas comportamentais...

GFP4 - Que nunca lidou! É o que eu digo, é um desrespeito.

GFP5 - Sem dúvida. E o que eu acho também é que é assim, de quem é a culpa? É do Ministério que permite. Claro que depois as escolas, enfim, a sua ética, vamos dizer assim, também... não é? Pode vir uma lei que permita que eu roube ou qualquer coisa assim e, se calhar, também me compete a mim discernir alguma coisa em relação a isso.

GFP7 - Também vamos roubar, se calhar.

GFP5 - Mas o que é facto é que a tutela permite. Eles não estão contra a lei. Os cursos não estão contra a lei.

GFP4 - E cada vez mais. E cada vez mais rápido. Não tarde nada, um mês é suficiente para alguém ficar especializado.

Agora proponha que avançássemos para outro tema que já foi afluído aqui e que tem a ver também com o resultado das entrevistas que eu efetuei. Um dos aspetos referidos pelos colegas que estão a terminar a formação ou já terminaram é sobretudo a ausência ou fraca componente prática durante a formação. Isso também já foi falado aqui. E referem que é essencialmente teórica. Não desvalorizam a teoria mas depois não há aquela ponte para a prática. Qual é a adequação dos cursos frequentados por vocês à prática docente em educação especial? Também sentiram essa falta de ligação?

GFP2 - Eu senti muito. Eu já tirei em 2000/2001 e não houve grande ligação da teoria à prática. Muito pouco mesmo, uma coisa mínima.

GFP8 - Até porque um dos requisitos após formação era aplicar técnicas, o docente aplicar técnicas de aconselhamento e de diferenciação pedagógica e nós não vimos preparados para aconselhar pedagogicamente porque nós... pela investigação que nós fazemos, é para aprendizagem cooperativa, a aprendizagem... como se faz a aprendizagem cooperativa? Eu não sei dizer aos meus colegas como se faz a aprendizagem cooperativa. Não é? E nesta formação, que diz quais os requisitos que o professor deve ter, eu olhando para aqui [Referia-se ao normativo “Perfis de formação na formação especializada de professores - Área de formação especializada de educação especial”], se eu olhar para aqui, digo eu assim: identificar necessidades educativas especiais e limitações físicas; aplicar técnicas de aconselhamento e de diferenciação pedagógica. Não sei. Apoiar ativamente a diversificação de estratégias e de métodos educativos.

Então, faltou a adequação dos cursos à prática?

GFP8 - Muito, muito.

GFP7 - Sim.

GFP1 - Sim.

GFP5 - Eu continuo a dizer, eu não sei como é que teria sido possível num ano e meio. Eu acho que faltou tempo.

GFP8 - Muito.

GFP3 - Sim.

GFP5 - Eu acho que, sobretudo, a questão é: faltou tempo. Teríamos um ano e meio de teoria e depois teríamos um ano e meio ou o que fosse de prática.

GFP7 - Mas isso já tem a ver com a organização do curso, portanto, a falha não terá sido nossa.

GFP5 - Agora o que eu estou a dizer é que no ano e meio, eu acho sinceramente que não seria possível ter-se colocado mais prática. Eu não vejo como fosse possível.

GFP7 - Mas deveria ter colocado essa mesma prática.

GFP5 - Eu não vejo como fosse possível. Muito sinceramente, eu não vejo como fosse possível. Mediante a complexidade das áreas, não é? E nós abordámos imensas áreas. Mediante a complexidade das áreas, etc, aquilo que nos foi pedido muitas vezes foi trabalhos, pronto, e nós tentaríamos imaginar, eu, nos meus trabalhos, tentava sempre fazer isso...

GFP7 - E se calhar foi nos trabalhos que nós vimos mais essa componente prática. E foi sobretudo na apresentação desses mesmos trabalhos que nós partilhámos ideias, dúvidas e por aí fora. Esses trabalhos foram os momentos de grande partilha na apresentação.

GFP5 - Ou seja, na apresentação os outros colegas também faziam isso, portanto, era a tal parte teórica e agora mediante esta problemática como é que eu iria aplicar. Era um trabalho com um cunho próprio, nosso, não é? Pronto. Agora, eu continuo a dizer, num ano e meio, e quando digo um ano e meio já estou a contar com o tempo do trabalho, portanto, acabou por não ser bem um ano e meio, é menos um bocado, não é?, não seria possível. Portanto, eu acho que a única crítica que, sinceramente, pode ser feita a este tipo de cursos é a questão do tempo. Eu não vejo, quer dizer, eles não podiam simplesmente começar a praticar sem nós sabermos o que era aquilo. Eu não vejo como.

Mas se os professores alterassem a metodologia, não ser só expositiva e teórica, mas, por exemplo, fazer análise de casos, levar, por exemplo, gravações de determinadas situações...

GFP5 - E como é que podes fazer isso sem se dar a teoria, João?

GFP1 - Conciliar, conciliar.

GFP5 - Eu não sei como é que isso é possível.

GFP7 - Dedicares, por exemplo, de 60 minutos, 40 minutos à teoria e 20 para debate, para analisares, avaliares...

GFP1 - Ou para a apresentação de casos, não é?

GFP8 - Se nós nos cingirmos unicamente à investigação, onde é que existe a parte reflexiva?

GFP5 - Mas eu, o que eu estou a dizer é assim: numa área, e nós não fizemos uma especialização em dificuldades específicas de aprendizagem, volto porque é a minha área, pronto, nós não fizemos uma especialização nisso. Nós não fizemos uma especialização em cegueira. Também demos, também tive cegueira, nã, nã, nã... Nós não fizemos especialização

numa área. Nós fizemos especialização numa área gigantesca que jamais seria possível, eu não consigo, eu não sei seria possível aqui, eu já dei formação e se calhar todos aqui já demos formação, eu dei formação numa área especificazinha mínima e mesmo assim metade da formação é para teoria. Mesmo quando são cursos de formação. Eu não sei se alguém aqui conseguiria num ano e meio ou menos, porque o resto é para o trabalho, ter ado uma abrangência gigantesca como é a nossa, porque eu dei, não sei se as especializações agora são assim, nós demos tudo quanto era áreas, tudo. Tudo quanto era de áreas, nós demos. Tudo. Eu não vejo como é que num ano e pouco, às sextas e sábados, era possível dar teoria e prática. Eu não consigo perceber isso. Eu não consigo imaginar isso.

GFP8 - (...), pronto, mas então passa por aí, talvez. Se aqui nós questionamos realmente que há falta de prática, então era alongar os cursos de formação especializada.

GFP5 - Sem dúvida alguma. Só vejo essa hipótese.

GFP8 - Mas também há aqui uma situação. Há ciclos de estudos, não é? Eu tive formação inicial e depois tive a especialização. Depois fiz o mestrado. O mestrado devia ser um bocadinho diferente da especialização. Não trouxe diferenças da especialização.

Mas aí, o problema de que falavam há bocado, da formação ser essencialmente teórica, quer a formação inicial, quer a formação especializada. Mas não há uma possibilidade de, digamos, colmatar essa falha de ligação entre a teoria e a prática? Mais tempo. A (...) referiu mais tempo.

GFP5 - Mais tempo.

GFP8 - Mais tempo.

GFP7 - Também tem a ver com a metodologia do professor que está a lecionar.

GFP1 - Eu acho que sim, ao nível das metodologias. Estou-me a lembrar, por exemplo, quando falámos de dislexia. Pronto. Eu nunca tinha estado na educação especial, não é? Mas tivemos uma disciplina em que... Deu-se a teoria toda, aquilo tudo. Mas o professor nunca apresentou um caso! Eu estava a falar de dislexia assim no ar. Quer dizer... Se ele tivesse pegado, digamos, num caso prático, apresenta-lo ou uma gravação de um menino a ler ou sobretudo um texto, pronto, era diferente e eu já sabia do que é que estávamos mesmo a falar.

GFP7 - Era muito mais enriquecedor.

GFP1 - Quem fala na dislexia, fala nas outras problemáticas. Eu senti muito isso. Enquanto que as minhas colegas, pronto, falava-se de qualquer coisa e elas automaticamente sabiam do que é que se estava a falar, eu não. Eu, era assim um bocado no ar.

GFP2 - Abstrato.

GFP7 - Para ti era quase todo novo.

GFP1 - Sim, eu nunca tinha estado na educação especial. e calhar tem a ver com isso.

GFP3 - Pronto, mas aqui, realmente, a questão do tempo e porque não depois haver uma ligação. Pelo que eu percebi, estavas a pedir como ultrapassar essa questão, não é?, a teoria e a prática. Pronto, há aqui a questão do tempo, que é mais do que óbvia. Não havendo

tempo, portanto, não se resolve a questão. Mas se se resolver a questão do tempo e se aumentar o tempo, então porque não haver uma ligação com escolas ou unidades de multideficiência

GFP6 - Um estágio como eu fiz.

GFP1 - Pois.

GFP3 - Exatamente. Tal e qual como se fez na licenciatura embora eu ache que de uma forma mais alargada porque a licenciatura era uma amostra do que se poderia fazer, portanto, a nível pedagógico, não é intervenção. Então, por que não haver uma ligação com instituições, com escolas... e por aí fora.

GFP6 - Eu acho que até devia ser obrigatório.

GFP8 - Em vez do trabalho final, haver uma formação...

GFP6 - Ou o trabalho e mais uma formação, um estágio de...

GFP8 - Mas tu também fizeste o teu trabalho?

GFP6 - Depois acabei por o fazer.

GFP8 - Tiveste de fundamentar o que tu fizeste.

GFP6 - Primeiro era só estágio, mas depois também me pediram a parte teórica. Mas, pronto, foi feito, está feito. Mas acho que é fundamental. É a minha opinião.

GFP2 - Adequar as metodologias, as estratégias.

GFP5 - Fazer estágios, tal como na formação inicial.

GFP3 - Sim. Claro.

GFP5 - Ou transformar isto tudo numa licenciatura com tudo o que implica. Teoria e depois os estágios.

GFP4 - Concordo plenamente.

GFP5 - Eventualmente, em vez se ser só um ano de estágio, ser até mais do que um ano, ser a tal questão, no final de cada ano, por exemplo, este ano o estágio ser dedicado mais aos alunos que terão CEI, não é? O outro ano será dedicado a outras áreas. Por exemplo.

GFP8 - Outros domínios. Eu também acho que... concordo plenamente contigo.

GFP2 - Eu também concordo com a (...).

GFP8 - Concordo. Por isso é que eu, quando fui trabalhar, não tinha medo de pegar em nenhum ano porque tive-os todos, não é? E aqui, na formação especializada, nós temos uma abordagem pluridimensional, portanto, uma abordagem de todas, de todas as áreas um bocadinho, um cheirinho, para espezitar a tal investigação. Mas depois uma pessoa vem para o terreno e debate-se...

GFP7 - É quase como o médico de clínica geral. É um pouco assim.

GFP8 - É a prática. Era aumentar o curso e o estágio. Sim. Sim.

Agora uma última questão, que não é bem uma questão mas mais um pedido de propostas. Com base na experiência da formação e na prática que já tendes, que sugestões é que apresentam para melhorar os cursos de formação para professores de educação especial? Já foram abordados aqui alguns.

GFP8 - Olha, mais tempo.

GFP5 - O tal módulo geral com os tais módulos extra mais específicos nas áreas em que nós estamos, por exemplo. Portanto, é aquilo, não é? Portanto, temos um módulo geral, que foi a nossa especialização, que pode ser de um ano e meio, tudo bem, esse geral, se depois disso não for suficiente. Ou seja, depois eu posso-me especializar “especializar”, não sei muito bem qual seria o termo, pronto, em áreas específicas. Isso seria uma sugestão, por exemplo. Depois a tal questão que nós aqui já falámos, de tendo mais tempo, no final de cada ano, por exemplo, sei lá, três anos, porque não? Porque é que não havemos de dar a mesma dignidade que damos a esta intervenção com estes alunos que se dá a um professor de português, a um professor de inglês ou a um professor de francês? É exatamente a mesma coisa. Sendo que um professor de inglês só vai dar inglês e nós vamos dar toneladas de coisas, não é? Até precisaríamos de mais tempo, em teoria.

GFP7 - Mas eles partem do princípio de que nós já temos essa formação inicial que será a base para o resto.

GFP5 - Mas não é. Então vejam qual é a formação de base!

GFP7 - Pois não é, não. Mas eles partem desse pressuposto.

GFP5 - E vejam então as tais equivalências. A colega falou, a (...) falou, por exemplo, que a licenciatura de base lhe deu competências fundamentais, por exemplo, para trabalhar a leitura e a escrita. Sem dúvida. Por exemplo.

GFP8 - Ai, sim, muitos métodos.

GFP7 - Sim, porque o curso dela é muito direcionado para isso.

GFP8 - É, é! E hoje sinto-me à-vontade nos currículos individuais.

GFP5 - A minha também. A questão da linguística, de não sei o quê. Isso é fundamental. Mas então vejam a questão das equivalências, chamemos-lhe isso.

GFP7 - Dos planos de formação, não é?

GFP5 - Das equivalências. Ora bem, quero tirar esta especialização. Ok, então se calhar há aqui um módulo que tem de fazer antes de tirar a especialização, ou dois módulos ou três módulos, não é ligação direta. É o que eu estou a dizer. Se quiser tirar economia, ou se quiser tirar geografia, ou qualquer coisa, a minha licenciatura de base não tem nada a ver com isso. Se calhar tudo bem que não esteja vedado, sim senhor, mas há aqui muita coisa que eu tenho de fazer até chegar ali, para poder ser um especialista em economia. Não é?

GFP6 - Eu vou de encontro ao que a colega está a dizer, até porque em 2007 o próprio Ministério enviou mails a alguns professores que estavam em risco de não ter colocação, que foi o meu caso, a minha licenciatura de base era humanidades, era não, é! E então enviaram-me um *mail* se estava interessada em tirar português-história do segundo ciclo e eu tirei. E tinha equivalências e andei lá dois anos. E pronto, tenho três cursos e vou ficar desempregada.

GFP5 - Mas se fosse matemática, teria de fazer provavelmente diversos módulos para conseguir tirar. Nem permitiam esse acesso.

GFP8 - E agora as licenciaturas de formação inicial, dá equivalência, pode-se tirar o primeiro ciclo e o segunda, não é?

GFP7 - Agora com Bolonha...

GFP8 - Não, não. Estavam preparados... Estou a dizer quando havia a formação inicial, uma licenciatura, podiam sair com duas vertentes. Lembro-me...

GFP5 - Para o primeiro ciclo e para o segundo ciclo.

GFP7 - A maior parte foi assim.

GFP8 - E eu questiono-me: será que estavam preparados para o primeiro ciclo?

GFP5 - Eu concordo com isso.

GFP8 - Será que estavam preparados para um segundo ciclo?

GFP5 - Concordo com a tua visão.

GFP7 - Acho que isso foi um grande problema para o nosso sistema.

GFP5 - É um grande erro, sem dúvida.

GFP8 - Porque não tem nada a ver. Não tem nada a ver.

GFP5 - Não tem nada a ver. O meu filho teve uma professora que era do segundo ciclo, o meu filho na primária, teve uma professora do segundo ciclo de inglês-francês. Eu perguntava assim, que competências... De português-inglês ou inglês-português, pronto, não sei. Sei que era de línguas. Matemática?! Por acaso o meu filho até gostava de matemática, se calhar foi a sorte dele. Mas que apetência é que a professora tinha, provavelmente teve matemática até ao nono ano e nunca mais viu matemática na vida, para ensinar matemática, porque não há de ser a mesma coisa eu saber juntar dois mais dois do que ensinar as crianças a somar dois mais dois.

GFP7 - Claro que não é a mesma coisa. Mas se o sistema permitiu, o pessoal...

GFP5 - Este raciocínio matemático não é tido assim de qualquer forma. Por acaso foi uma das coisas que eu critiquei também.

GFP7 - A maior parte do segundo ciclo tinham formação para o primeiro ciclo. Não era assim?

GFP5 - Porque se parte do princípio de que os que estão antes, ou seja, que os cursos a seguir, se eu tenho aquele curso, consigo tudo o que está para trás. Eu não tenho competência para ser educadora de infância.

GFP7 - Se calhar, agora, na educação especial teremos que ter, não é?

GFP3 - A forma que nós encontramos para solucionar essa questão, muitas das vezes, na coordenação, é termos em conta a formação inicial, que eu acho que é uma questão de bom senso.

GFP5 - É o que eu estou a dizer, como, por exemplo, o Estado permitir estes cursos de meio ano e o bom senso não imperar. Também nas faculdades e nas escolas superiores deviam dizer, ok, o Estado permite mas isto não cabe na cabeça de ninguém. Não é? O problema é permitir-se e depois acontece, o meu filho aconteceu-lhe isso e como ao meu filho aconteceu a toneladas de pessoas.

GFP7 - E continua a acontecer.

Voltando às sugestões para melhorar a formação dos professores de educação especial. Falou-se na questão da duração e logo permitiria abarcar mais... e associado também à prática. Mais alguma sugestão?

GFP5 - A questão, não sei se já apontaste ou se faria sentido, a questão também que eu disse do núcleo com que depois as extra especializações, não sei bem como isso se chamaria.

Com especializações, não é?

GFP5 - Sim.

GFP1 - Mas alguns cursos também já estão organizados dessa forma, não é?

GFP8 - Sim, mas é muito limitada.

GFP5 - Mas não é obrigatória.

GFP1 - Tivemos dificuldades de aprendizagem. Tivemos...

GFP5 - Mas está tudo incluído na formação! O ano e meio engloba, para o que é um ano e meio, um ano e pouco, engloba isso tudo.

GFP1 - Isso tudo, exato.

GFP5 - Eu estava a dizer um ano e pouco ser o geral, certo?, esta teoria que nós demos, e depois especializado nas extra.

GFP1 - Mais específico.

GFP5 - Mais um ano e tal, mais dois anos ou...

GFP8 - Em que aí fosse mesmo haver a parte prática na área de especialização.

GFP5 - A parte prática, ok. Exatamente.

GFP8 - Uma especialização mais específica.

GFP1 - Aquilo que tu dissesse também é importante, haver tipo um estágio, não é?

GFP3 - Devia haver uma maior parceria, ao fim e ao cabo, entre as necessidades e depois as próprias escolas. Passa um bocado por aí, não é? Porque parece que são dois setores estanques e não são. Porque, ao fim e ao cabo, essa formação, depois, vai ter que ser feita, a parte prática vai ter que ser desenvolvida na escola. Se houvesse uma maior parceria, desde até com o conhecimento das pessoas que já estão no terreno, se calhar seria mais fácil colmatar depois determinado tipo de questões, ou seja, não orientar naquela direção e, se calhar, por isso, orientar para outra. Ou seja, aí sim, seria perfeito, é aliar a parte do conhecimento científico com a parte prática e com as necessidades do próprio terreno. Portanto, se houvesse mais diálogo entre essas entidades, se calhar chegar-se-ia a uma formação muito mais interessante e proveitosa para todos nós e fundamentalmente para as crianças, não é?

GFP2 - Para os alunos que iriam beneficiar.

GFP8 - Pois claro.

E a questão do tempo prévio? A legislação contempla os cinco anos, embora na prática tenham contornado isso. Achrom que seria necessário ter uma experiência enquanto docente antes de?

GFP8 - Eu acho que sim, é fundamental.

GFP1 - Acho que sim.

GFP2 - Sim.

GFP5 - Eu acho que havendo mais tempo, não sei até que ponto é que isso seria fundamental. Ou seja, eu quando comecei a dar aulas tinha colegas que já tinham começado a dar aulas. Eu nunca dei. Saí diretamente da faculdade para dar aulas. Portanto, eu não sei se não fosse este *express* de um ano, sendo uns três anos ou sendo uma licenciatura normal, não sei até que ponto é que isso é de facto fundamental, muito sinceramente. Pronto, não sei. Pronto. Seria uma coisa se calhar, mas não é fundamental.

GFP8 - Se é uma especialização, eu tenho que à partida ter experiência para me especializar.

GFP5 - Mas eu aí já não estaria só a ver como especialização. Estaria a ver mais do que isso.

GFP7 - Estavas a ver como um curso, uma licenciatura. E se calhar o futuro vai passar por aí, não é?

GFP1 - Ai eu acho que sim, que faz sentido, porque nós estamos só a falar da formação científica, dos conhecimentos, mas há uma parte muito importante na educação especial, que é a parte humana, não é?

GFP7 - Que é tão ou mais importante!

GFP1 - O (...) também falou, não é? Porque às vezes por mais conhecimentos que nós tenhamos, por mais literatura que tenhamos lido, muitas vezes isso não nos dá o que nós precisamos para enfrentar determinadas situações.

GFP7 - É como o professor do regular, a componente científica e pedagógica têm de andar sempre de mãos dadas.

GFP5 - Será que também não se coloca nas outras áreas da educação? Então se calhar não seria uma questão específica da educação especial... Eu, quando comecei a dar educação especial, não tinha a especialização, estive dois anos, é assim, com certeza que cada ano que passa estou mais preparada, é evidente, mas lá trabalhei, pronto, lá tentei fazer o melhor que pude. Portanto, é assim, e se não fosse na educação especial, se fosse outra área? O que eu estou a dizer é, esta questão, eu acho que esta questão que se coloca é transversal. Então teríamos de ter cinco anos antes de tirar qualquer outra formação...

GFP2 - Mas esta é diferente. O público-alvo é mais específico, mais delicado.

GFP7 - Muito mais.

GFP4 - É mais especial! Ou se gosta ou se não gosta, sinceramente. Eu acho que, educação especial, ou se gosta, ou se não gosta. Não há ali o meio-termo.

GFP7 - Ou se tem jeito ou não tem.

GFP4 - Exatamente. As relações humanas, a empatia, o olhar para o miúdo e perceber que realmente há ali qualquer coisa que não está bem, perguntar porquê... Isso não se passa se calhar tanto com outras áreas.

GFP2 - Eu também acho que é diferente.

GFP3 - Mas isso é um bocado incontornável, não é? Portanto, o ter perfil para, ou se tem, ou não se tem!

GFP8 - Mas há o investimento de cada um.

Isso devia fazer parte também dos conteúdos da formação?

GFP1 - Ah, sim, eu acho que sim.

GFP3 - Não sei se até um certo ponto não deveria estar.

GFP8 - Eu acho que sim.

GFP2 - Também acho que sim.

GFP7 - E como é que se avalia esse perfil?

GFP3 - Pois, aí entra algo de muito complexo.

GFP8 - Eu, a nível de conteúdos, não posso dizer se foram os ideais ou se não foram, foram os que foram, e na altura... Agora, mediante aqueles conteúdos eu poder aplicá-los, isso sim. Agora eu avaliar os conteúdos, eu acho que aqueles conteúdos que eu tive... não estou...

GFP7 - Descontente?

GFP8 - Não estou descontente. Agora, faltou-me foi aplicar os conteúdos que eu obtive, não é?, que me foram dados, aqueles módulos.

Muito bem. Mais alguma sugestão?

GFP8 - Depois também, olha, é um investimento para o professor.

GFP1 - Sem dúvida.

GFP3 - Sim.

GFP7 - E é um desafio de todos os dias.

GFP8 - É um desafio, não é? É ver não como do pré-escolar, sabendo que nós estamos numa escola e as necessidades educativas especiais não serem sobretudo para o professor de educação especial mas para toda a escola, não é?

GFP7 - Aí já íamos entrar, também, na formação dos professores do regular que não têm nenhuma disciplina relacionada com a educação especial.

GFP5 - Essa questão da formação. Não há áreas que tenham a ver com a educação especial.

Faz parte, também, da questão da formação.

GFP5 - Então, a formação inicial deveria contemplar...

GFP8 - As necessidades educativas especiais.

GFP5 - Exatamente.

GFP7 - Pelo menos uma cadeira...

GFP5 - Qualquer coisa que falasse de qualidade de vida, de inclusão...

GFP3 - Uma sensibilização. Exatamente.

GFP7 - Porque todos eles se vão depois deparar com alunos com necessidades educativas, eles estão cá na escola.

GFP8 - Engraçado, em 1984, foi quando eu acabei, e não se falava em alunos com necessidades educativas especiais.

GFP6 - Não havia.

GFP7 - Não existiam quase.

GFP3 - Existiam mas não andavam na escola.

GFP8 - Não se falava. E neste momento...

GFP3 - Isto é algo de recente.

GFP7 - Alguns estavam. Alguns estavam.

GFP8 - Surgiu em 91.

GFP2 - Os mais graves não estavam.

GFP3 - 91 na história da educação é algo recente.

GFP7 - Alguns estavam. Eu andei na escola secundária do (...), e alguns estavam. Só que não eram diagnosticados.

GFP8 - Exatamente. A nossa prática era assim: olha, hoje, vais preparar a tua aula em que vais dar o xis tema. E dava-se o xis tema para todos.

GFP7 - De igual modo.

GFP6 - Era o pronto-a-vestir.

GFP8 - Para todos. Agora não. Agora já se tem tanta especificidade nas nossas classes, acho que devia haver uma parte da formação inicial nas necessidades educativas especiais.

[Todos concordam]

GFP5 - Essa questão da sensibilização. Concordo. Não era preciso muito mais do que isso porque depois quando há vontade e quando se entende, depois é meio caminho andado para o resto. Mas a questão da sensibilidade, sem dúvida nenhuma.

GFP8 - Nós, no nosso agrupamento, há dois anos, quando surgiu a CIF, fizemos lá uma apresentação com o (...), de (...), para vir falar da CIF. Ora, a CIF foi aberta para todos os docentes da escola.

GFP7 - E quantos apareceram?

GFP8 - Não, não. Espera í! Foram... Foram. Foram.

GFP6 - É que aqui é assim que acontece!

GFP8 - Mas espera, foram! Foram! Mas, no final, alguém, docentes do regular disseram assim: nós viemos, mas isto não era bem para nós, era mais para vós.

GFP6 - Claro!

GFP8 - Bolas, quer dizer, eu fiquei assim... Olha que não!

GFP5 - Eu, então, por exemplo, e há bocado quando falaste na questão do trabalho colaborativo, há três anos fizemos umas jornadas e um dos temas das quinze horas das jornadas foi o trabalho colaborativo. E quando eu ouvi assim um outro comentário: o que é que isto assim tem a ver com a educação especial? Eu disse assim... E quando esse comentário

veio de colegas que têm especialização em educação especial?! O que é que o trabalho colaborativo tem a ver com a educação especial?

GFP7 - Mas que não estão no terreno na educação especial?

GFP5 - Fantástico! Estão no terreno!

GFP7 - Ai estão?!

GFP5 - Assim eu fiquei sem vontade de fazer umas jornadas tão proximamente, mas talvez daqui a um dia volte a fazer. Mas quando eu ouvi o comentário do género, o trabalho colaborativo, a diferenciação...

GFP2 - Lá está a importância do perfil! Nem todas as pessoas têm perfil.

GFP5 - Para nós a inclusão implica diferenciação, e a diferenciação, a investigação toda refere, é aquele trabalho colaborativo, aquela aprendizagem colaborativa, e nós colocámos, colocou-se um módulo, convidei uma amiga minha que, aliás, convidei várias pessoas, inclusivamente da Escola da Ponte, inclusivamente de um livro que eu acho fantástico "Aprendizagem colaborativa", os dois autores, e uma amiga minha que tem um projeto fantástico internacional, já ganhou não sei quantos prémios, que também é nesse âmbito da colaboração, e quando no final ouço isto, o que é que este módulo, o que é que este dia tem a ver com a educação especial, disse: isto realmente é mandar pérolas a porcos. Esquece!

GFP2 - As pessoas que dizem isto não estão por vocação.

GFP8 - É lamentável, mas também é o perfil. E o investimento. Não, eu não posso ver isso, eu não me revejo aí.

GFP3 - Claro!

GFP8 - Não me revejo aí. Não é educação especial. A educação especial...

GFP5 - Uma pessoa que está na educação especial!

GFP8 - Pois! Exato. Exato.

GFP5 - É uma pessoa que não foi...

GFP2 - É uma pessoa para quem a educação especial é uma saída profissional.

GFP8 - Mas se calhar aí, exatamente, é o que eu ia dizer, uma saída, foi um escape mas não tinha motivação ou vocação para estar lá. Nem sabia o que era educação especial.

GFP3 - Quando o nosso Ministério permite, como aconteceu no (...), estava eu na coordenação, e permite que colegas que conhecem o terreno, portanto, há muitos anos, e depois não conseguiram ficar na educação especial e tiveram que ir para a sua formação inicial, portanto, todos nós conhecemos casos desses, e vieram professores com zero anos de serviço na educação especial. Ora, isso, o Ministério tem grande culpa em tudo o que está a acontecer porque isso era a primeira coisa que devia ter...

GFP7 - Impediu esses colegas de concorrer.

GFP8 - De dar continuidade.

GFP3 - Exatamente. De darem continuidade ao seu trabalho... É assim, se viessem colegas com muitos anos de experiências, enfim, é uma questão normal. Mas não. O que aconteceu é que depois essas pessoas, esses colegas foram substituídas, esses colegas foram substituídos por colegas com zero anos de serviço na educação especial. Ora, acho que isso é de lamentar.

GFP6 - Porque entretanto já não deram aquela continuidade. Estás a perceber? Este ano já vão poder mudar de grupo, já vão mudar de grupo os que estiverem interessados, mas essa continuidade de que ele estava a falar já não existe, porque entretanto já tiveram dois ou três anos nos grupos deles.

GFP8 - Exato. E aqui há uma questão também fundamental. Eu acho que todo o resultado da educação especial pode ser mais visível se a nível da gestão, o órgão de gestão, o órgão da direção for motivador, for sabedor daquilo que é preciso para a educação especial, sabedor do que é uma escola mesmo inclusiva, porque às vezes há projetos e mais projetos para todos os alunos mas esquecem-se dos alunos de educação especial. Portanto, acho que deve haver uma visão mais global, com um conhecimento mais profundo da parte dos órgãos da direção dos agrupamentos.

GFP3 - Sim. Eu acho que todas as direções deveriam ter um assessor a nível da educação especial. Todas as direções. Devia ser obrigatório.

GFP8 - Porque agora já há um público-alvo, é um público-alvo neste momento, no nosso agrupamento temos cento e muitos alunos...

GFP3 - Não. Já passou, já passou, já passou.

GFP8 - Pronto, já há uma população que é preciso algo de muito específico e ponderado, portanto, refletir o que é que se deve fazer com aqueles alunos.

GFP5 - E não apenas por essa razão, eu acho que, concordo exatamente com a questão do assessor e não apenas por essa razão porque eu acho que uma pessoa com uma formação nessa área também, é quase como o que dá para a educação dá para o resto, acaba por ter uma sensibilidade diferente por todos, não é? Portanto, uma pessoa com esse perfil, vamos dizer assim, será uma pessoa que vai trabalhar para uma escola mais inclusiva com todos, porque depois há a questão dos problemas comportamentais, há a questão do não sei o quê, há a questão...

GFP8 - Depois o não saberem... Não é saber, sensibilidade para resolver determinadas questões.

GFP3 - E as questões são cada vez mais complexas. Mais complexas e mais específicas. Exatamente. Ou seja, para dar resposta a determinadas questões, mesmo em termos administrativos e tudo o que é listas e coisas do género, depois vai sobrecarregar determinadas pessoas e, ao fim e ao cabo, deixa-se de fazer mais trabalho de terreno para se passar a fazer algum trabalho, digamos, que eu chamo administrativo, ao fim e ao cabo. E eu acho que as pessoas têm de estar preparadas para saber responder a essas questões, para não estarem sempre a recorrer, não é?, ao apoio depois dos próprios colegas de educação especial que, esses sim, têm uma tarefa específica que é apoiar os alunos com necessidades educativas especiais.

GFP7 - Muitas vezes não têm tempo.

GFP8 - E aí a própria composição da direção, se nós formos ver a legislação, adjunto, um pode ser do primeiro ciclo, do segundo ciclo, secundário e, educação especial, onde está?

GFP7 - Não está.

GFP2 - E agora com a escolaridade obrigatória até ao décimo segundo ano é mais um motivo que justifica.

Anexo V - Documento enviado aos coordenadores dos cursos

Ex.^{o(a)} Senhor(a)

Prof.^(a) Doutor(a) [nome do docente]

[indicação da instituição]

João Adelino Matias Lopes dos Santos, filho de Ricardo Lopes dos Santos e de Maria da Anunciação Matias António Lopes dos Santos, natural de Sátão, nascido em 23/07/1969, divorciado, com o Cartão de Cidadão n.º 8469396, residente na Av. Vila Rosa, n.º 445, R/C E, 3560-228, em Sátão, com o telefone 966945023 e o endereço eletrónico santos.jaml@gmail.com, professor no quadro do Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Paiva, no grupo de recrutamento de educação especial (910), aluno de doutoramento em educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior, com o n.º D978, encontra-se a desenvolver uma investigação centrada na formação e na profissionalidade docente ao nível dos professores de educação especial, sob a orientação do Prof. Doutor David Rodrigues.

Pretendemos com a investigação corresponder a dois objetivos gerais: identificar as motivações dos docentes para a frequência de formação de professores para a educação especial e para o exercício de funções neste grupo de recrutamento; e analisar as expectativas dos docentes face à formação de professores para a educação especial.

Para tal, definimos como uma das metodologias o recurso a entrevistas aplicáveis a professores que vão/estão a iniciar um processo de formação de professores para a educação especial. As entrevistas decorrerão em dois momentos distintos, correspondentes às fases inicial e final do processo de formação.

Tendo em conta esta metodologia de investigação, existe a necessidade de efetuar entrevistas a candidatos à formação de professores para a em educação especial.

Por outro lado, encontrando-se a [nome da instituição] a promover essa formação, designadamente pelo Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor, venho, por este meio, solicitar a V.^a Ex.^a se digne autorizar o estabelecimento de contacto com os formandos dessa instituição, em dois momentos distintos, no início e no final do processo correspondente à formação de professores para a educação especial.

Mais informamos que serão assegurados o anonimato e a confidencialidade na recolha, no tratamento e na divulgação das informações, quer de nível pessoal, quer institucional. Para um melhor esclarecimento, junto, em anexo, o guião de entrevista validado para o efeito [cf. anexo 1].

Gratos pela atenção e certos de que, enquanto académico(a), não deixará de atender à solicitação.

Com os melhores cumprimentos,

João Adelino Santos